

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Ariane Corrêa Pacheco

**“É LAZER, TUDO BEM, MAS É SÉRIO”:
o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol**

Porto Alegre
2012

Ariane Corrêa Pacheco

**“É LAZER, TUDO BEM, MAS É SÉRIO”:
o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano - Linha de Pesquisa: representações sociais do movimento humano.

Orientador: Dr. Marco Paulo Stigger

Porto Alegre
2012

Ariane Corrêa Pacheco

**“É LAZER, TUDO BEM, MAS É SÉRIO”:
o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol**

Conceito Final: ____

Aprovado em 06 de novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama – UFMG

Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior - UFPR

Prof. Dr. Alex Branco Fraga – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Marco Paulo Stigger - UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Corrêa Pacheco, Ariane

"É LAZER, TUDO BEM, MAS É SÉRIO": o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol / Ariane Corrêa Pacheco. -- 2012.

128 f.

Orientador: Marco Paulo Stigger.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Esporte. 2. Lazer. 3. Sociabilidade. 4. Veteranos. 5. Mulheres. I. Stigger, Marco Paulo, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Pretendo não me alongar, mas essa etapa me parece tão significativa quanto o trabalho que já foi feito e as páginas que estão por vir. Dificilmente, saberia como iniciar os agradecimentos se não o fizesse por minha família. Gostaria de agradecer aos meus pais, Seu Juca e Dona Ilda, que de uma maneira encantadora perdoam todas as minhas ausências e não medem esforços para entender minhas escolhas. Pai e Mãe, eu só consigo ir em frente porque sei que minha base é sólida, obrigada por tudo que vocês me ensinam todos os dias! Amo vocês! À minha irmã Shana, por suas incansáveis leituras desse trabalho, mas, acima de tudo, pelo amor com que cuida de mim desde que éramos pequenas. À minha irmã Carol, que sempre encontra um jeito de estar por perto, de transformar os assuntos sérios em boas piadas e, com seu exemplo e muito carinho, me ensina a seguir sempre em frente. Vocês duas serão sempre as minhas referências! Obrigada! Amo vocês! Estendo os agradecimentos aos meus cunhados, Marquinho e Franck. À minha sobrinha Melissa, uma menina incrível que desde pequena me ensina que “a gente só briga com quem ama”. Há muito tempo não brigamos, mas eu continuo te amando! Obrigada!

Ao meu orientador, que abriu as portas e me ofereceu a possibilidade de crescer academicamente, amadurecer como profissional da Educação Física e me desenvolver pessoalmente. Stigger: tenho em você uma de minhas referências, obrigada por me manter e orientar nesse jogo até o final. Foi uma satisfação e um orgulho ter sido tua orientada. Obrigada!

Ao Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física, que me acolheu e fez parte da construção desse trabalho. Obrigada pelos debates, pela atenção dedicada na leitura dessa pesquisa, sugestões, críticas, mas, principalmente, pela oportunidade de conviver e aprender com vocês. Aos meus amigos e colegas do GESEF: Mauro Myskiw, Ileana Wenzel, Leandro Forell, Flávio Mariante Neto, Raquel Silveira, Carlos Fabre Miranda, Ariane Dias, Marcelo Rampazzo, André Lazzari, Túlio Zambelli, Jaqueline Kempp, Maitê Venuto Freitas, Rafael Cabral Piedade. Estendo aos “anexos” Jociane Myskiw e Otávio Zabaleta. Mais uma vez, obrigada!

Aos meus amigos, em diferentes distâncias, me ajudaram a seguir em frente. Em especial, gostaria de agradecer à três mulheres imprescindíveis nessa jornada: à Cláudia Hartwig, uma guerreira incansável nas árduas batalhas do dia a dia e no desafio de ensinar

com amor e comprometimento. Claudinha, minha admiração é proporcional à imensa saudade que sinto de você! Obrigada, minha amiga querida! À Cristine Teixeira que, carinhosamente, torna meu mundo mais colorido e me ajuda viver com alegria até mesmo quando os assuntos são dos mais sérios. Obrigada! À Cláudia Samuel Kessler, pela paciência e empenho com que discute e me ensina a pensar na teoria, jamais abandonando a gentileza e as palavras sutis. Obrigada, principalmente pela amizade!

Às mulheres que deram vida a pesquisa e transformaram meu trabalho de campo em um imenso prazer: Iara, Beth, Sio, Milene, Regina, Janice, Paula, Denise, Lorena, Isabel, Niura, Miriam, Rita, Minú, Tici, Mônica, Silvana, Renate, Suzana e “Soraia”. Gurias, com vocês eu tive o privilégio de me modificar como pessoa, aprender como pesquisadora e precisei contornar a dolorosa tarefa de me afastar do campo para não correr o risco de tornar esse texto um relato do quanto todas vocês são encantadoras. Carinhosamente, muito obrigada! Estendo o agradecimento à equipe de arbitragem e, principalmente, ao Flávio Valentin Alves que não mediu esforços para me auxiliar nesta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aos funcionários e professores desta Universidade que contribuíram em minha formação acadêmica e pessoal. Estendo aos membros da banca, pela atenção destinada à leitura desse trabalho.

À CAPES pelo apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

Autora: Ariane Corrêa Pacheco
Orientador: Marco Paulo Stigger

“É LAZER, TUDO BEM, MAS É SÉRIO”: o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol

Este trabalho tem como objetivo compreender a dinâmica de relações sociais que atravessava a sustentação de uma equipe master feminina de voleibol e as negociações que faziam parte do envolvimento desse grupo em campeonatos que aconteciam dentro um espaço/tempo reconhecido como de lazer. Para isso, realizei, durante treze meses, uma pesquisa etnográfica no contexto de uma das equipes pertencentes à Liga Master Feminina de Voleibol da cidade de Porto Alegre/RS. Ao longo do trabalho de campo, passei a observar e participar de treinamentos, jogos, jantares, festas, viagens e outros encontros do grupo, cujo registro desse convívio foi descrito nos diários de campo. Após esse período, foram realizadas cinco entrevistas semi estruturadas direcionadas a pessoas que me ofereceram a possibilidade de aprofundar alguns pontos de discussão. A partir da análise do material empírico produzido neste estudo e do diálogo constante com o referencial teórico, elaborei três eixos de discussão, os quais foram organizados numa trajetória que inicia pela compreensão das particularidades da equipe: a rotina do grupo dentro e fora das quadras, a equipe e sua representação na Liga Master e a seriedade desse grupo de mulheres no que tange ao lazer. Na sequência, passei a olhar para as relações do grupo com a Liga Master e, por fim, desenvolvi um diálogo com autores do campo do lazer que me ajudaram a pensar sobre o cotidiano dessas mulheres e suas relações com o esporte. Sobre o primeiro ponto, foi possível analisar a rotina do grupo dentro e fora das quadras e compreender que para pertencer à equipe era preciso mostrar um rendimento esportivo legítimo para aquele contexto e, não menos significativo que essa particularidade, era indispensável saber estar entre as mulheres fora do espaço das quadras para sustentar-se na sua coesa rede de sociabilidade. No segundo eixo, ficou evidenciado que a trajetória de formação dos campeonatos da Liga Master estava entrelaçada ao reconhecimento dessa equipe como um grupo que privilegiava os laços de sociabilidade em relação aos resultados das partidas, mas que procurava também se manter engajado nas competições e estabelecer disputas acirradas dentro dos jogos. Por fim, procurei mostrar como uma dimensão do cotidiano passava a ser negociada com as outras esferas da vida social e, particularmente, como a seriedade fazia sentido e tornava aquele espaço/tempo envolvente. Entre as possibilidades e escolhas que atravessam a formação dos espaços e tempos significados como de lazer, aquele grupo de mulheres optava por investir e dedicar-se a uma prática esportiva levada a sério, na qual as brincadeiras coexistiam com as exigências do rendimento esportivo ligado ao voleibol.

Palavras chave: Lazer. Esporte Master. Rendimento Esportivo. Sociabilidade. Mulheres.

ABSTRACT

Author: Ariane Corrêa Pacheco
Advisor: Marco Paulo Stigger

"IT IS LEISURE, OKAY, BUT THAT IS SERIOUS": the daily life of a master female volleyball team

This study aims to understand the dynamics of social relations that permeated the sustenance of a master female volleyball team and the negotiations that were part of that group involvement in championships that took place among a space/time recognized as recreational. For this purpose, I performed an ethnographic research during thirteen months in the context of one of the teams belonging to the Master Female League of Volleyball from the city of Porto Alegre/RS. Throughout the fieldwork, I started to observe and participate in training, games, dinners, parties, trips and other group meetings, whose record of interaction was described in the field diaries. After this period, five semi-structured interviews were performed, aimed at people who offered me the possibility to delve into some discussion points. From the analysis of the empirical material produced in this study and the ongoing dialogue with the theoretical framework, I elaborated three axes of discussion, which were organized in a way that begins by understanding the particularities of the team: the team's routines on and off the court, the team and its representation in the Master League and the seriousness of this group of women when it comes to leisure. Hence, I looked at the relationships of the group with the Master League and, finally, I developed a dialogue with the authors of the leisure area that helped me on reflecting about the everyday lives of these women and their relationships with the sport. Regarding the first axis of discussion, it was possible to analyze the group routine on and off the courts and understand that, to belong to the team, it was necessary to show a legitimate sport performance for that context and, not less significant than this peculiarity, it was also essential to know how to be among women off the court and how to be sustained in their cohesive network of sociability. In the second axis, it became evident that the trajectory of the formation of the Master League championships was linked to the recognition of this team as a group that favored the bonds of sociability rather than the matches' outcomes, but this team also sought to remain engaged in competitions and settle heated disputes when in the games. Ultimately, I tried to demonstrate how a daily dimension came to be negotiated with other spheres of social life and, particularly, how seriousness made sense and turned that space/time absorbing. Among the possibilities and choices that cross the formation of spaces and times meant as leisure, this group of women sought investing and engaging in a sportive practice that was considered serious, in which the jokes coexisted with the demands of the sports performance related to volleyball.

Keywords: Leisure. Master Sport. Sports Performance. Sociability. Women.

SUMÁRIO

<u>1</u>	<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>10</u>
<u>2</u>	<u>METODOLOGIA</u>	<u>16</u>
<u>3</u>	<u>UMA EQUIPE MASTER FEMININA DE VOLEIBOL</u>	<u>25</u>
3.1	<i>A ROTINA DAS QUADRAS</i>	25
3.2	<i>“ONDE VAMOS HOJE?”</i>	42
<u>4</u>	<u>A EQUIPE ENTRE OS CONTORNOS DA LIGA</u>	<u>63</u>
<u>5</u>	<u>“É LAZER, TUDO BEM, MAS É SÉRIO”</u>	<u>80</u>
<u>6</u>	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>96</u>
	<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>103</u>
	<u>APÊNDICES</u>	<u>108</u>
	<u>ANEXOS</u>	<u>122</u>

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, gostaria de explicitar o quanto minha biografia está relacionada a este estudo. Seria difícil introduzir este trabalho sem expor que, entre minhas escolhas, o esporte sempre acabava ganhando destaque nos assuntos sérios do cotidiano. Paulatinamente, o “jogar bola” influenciou na escolha pela Educação Física e, posteriormente, minhas vivências e inquietações dentro dessa área foram estimuladas pelo debate acadêmico e tomaram as formas de uma pesquisa. O trabalho que aqui apresento traz consigo parte dessa trajetória, não somente a minha, mas a da construção de problemas de pesquisa que, assim como foram atravessados por minhas representações, também recorreram ao constante ir e vir entre o campo teórico e o dia a dia de outras pessoas que procuravam colocar o esporte entre suas atividades rotineiras.

No decorrer de minha trajetória esportiva, o voleibol adquiriu especial atenção e circulava entre minhas opções como uma prática no lazer. No debate acadêmico, por um lado, esse esporte pode fazer parte de trabalhos que o mostram através um processo de divulgação, profissionalização e espetacularização no cenário internacional, discutidos por Marchi Jr. (2004), ele também pode ser compreendido a partir de apropriações locais, observadas sob a heterogeneidade das formas de vivenciá-lo. O trabalho de Padiglione (1995), por exemplo, mostra uma série de apropriações locais e discussões a respeito das diversas possibilidades de manipulação do esporte, inclusive, os que são difundidos mundialmente. Partindo deste debate sobre as diferentes vivências que envolvem o esporte, passei a levantar questões relativas às particularidades de grupos que o escolhem, especialmente, como prática no lazer.

Entre uma das noções que atravessa os espaços/tempos esportivos, o rendimento que está relacionado com as práticas, poderia perpassar os debates da *Sociologia Crítica do Esporte*, na qual os autores preocupam-se em estudá-lo a partir da relação com o trabalho e sua lógica de produtividade. Em linhas gerais, Vaz (2009) expõe que, para essa corrente teórica, a produção fabril seria uma imagem correspondente à do atleta submetido aos princípios do treinamento esportivo. Em outro trabalho, Torri e Vaz (2006) apresentam uma trajetória de estudos e autores que desenvolvem essa perspectiva, mostrando como essa maneira de analisar o esporte chega ao Brasil e algumas pesquisas com sustentação empírica que passam a questioná-la ou, ao menos, dedicam-se a pensar a partir dela.

No entanto, esta pesquisa esteve orientada por outra maneira de olhar para o esporte, na qual ele passa a ser observado a partir de sua diversidade, distante de uma compreensão que o homogeneizaria e compreenderia o rendimento esportivo sob uma noção de

produtividade opressiva. Além disso, Padiglione (1995, p.32) nos oferece uma série de argumentos que desconstróem um conceito uniforme de esporte, baseado na definição clássica “competição física lúdica”, mostrando como as práticas são cada vez mais heterogêneas e variadas internamente.

Entrelaçada com essa forma de pensar o esporte, a partir da sua heterogeneidade, que passo a compreender o rendimento esportivo não necessariamente como similar a uma lógica de produção industrial e alienante, mas significado dentro de cada contexto em particular. Essas diferenças foram evidenciadas através de trabalhos que tiveram como base a análise do dia a dia de praticas esportivas, situadas nos espaços e tempos de lazer de *pessoas comuns*, as quais estão distantes dos holofotes que cercam o esporte espetacularizado. Stigger (2009), a partir do estudo etnográfico realizado na cidade do Porto/Portugal, no qual conviveu com três grupos diferentes, que se encontravam nos finais de semana, concluiu que apesar da categoria *rendimento* estar presente nesses espaços (na divisão das equipes e no esforço para vencer as partidas), ela não era *central* na formação da lógica do esporte nesses contextos e nem um *valor* fundamental na sua estrutura social.

Em outra pesquisa, também realizada por Stigger (1997) no Parque Ararigbóia, a noção de rendimento encontrava outras formas de significações. Naquele contexto, foi possível perceber que o resultado do jogo e os fatores que o determinavam, como a *performance*, recebiam uma atenção especial no momento da avaliação/julgamento das partidas. Entre as características desse grupo estava a exigência com o rendimento esportivo adequado para essa competição, definindo dessa forma a participação dos jogadores.

Nesta pesquisa, tornou-se significativo pensar as práticas esportivas vivenciadas nos espaços/tempos ligados ao *não trabalho* e, dessa forma, dentre os estudos sobre as diferentes dimensões do cotidiano, procurei centrar no debate sobre o lazer. A compreensão desse campo vem passando por autores que o analisam sobre as funções que teria a cumprir dentro da dinâmica social e, além disso, não são poucos os trabalhos que se dedicam a entendê-lo como fonte de alienação e procuram evidenciar a falta de acesso aos espaços e equipamentos, desenvolvendo, por fim, interpretações que aproximam as práticas de uma lógica massificadora da *indústria do lazer*. Esse debate será tensionado no decorrer dos capítulos, pois centrar as interpretações decorrentes do trabalho de campo em outra maneira de olhar para o lazer, a qual está ligada a uma ideia de pensá-lo além dessa carência ou como uma válvula de escape, mas como um espaço dotado de significações, no qual as pessoas o escolhem e o vivem de acordo com suas possibilidades e interesses.

A partir dessa perspectiva pode-se, portanto, pensar se as formas de diversão encontradas por Magnani (1998) nos bairros da periferia de São Paulo estariam distantes de um lazer ideal, criativo, com grandes possibilidades reflexivas. No entanto, foi ao acompanhar os trabalhadores desfrutando daquele escasso tempo livre que o autor obteve acesso ao modo de pensar e viver daquelas pessoas. Cabe ressaltar que, se determinados costumes existem, é porque eles possuem um significado para aqueles que o praticam e que fazem parte de um determinado contexto cultural (MAGNANI, 1998).

Para Stigger (2009), o lazer não deve ser visto como uma antítese da vida cotidiana, mas como a sua continuação, sem assumir um caráter libertário ou alienante, otimista ou pessimista, mas um objeto de investigação. Nessas diferentes maneiras de olhar para o lazer, seja a partir de uma noção de liberdade de escolha ou por uma possível alienação a partir de suas práticas, ele encontrasse recorrentemente ligado a noções de ludicidade e descontração. Se, por um lado, a conceituação teórica do lazer guarda uma proximidade com vivências lúdicas, relacionadas ao divertimento, à brincadeira e à descontração, por outro, pode-se entender o esporte vinculado ao comprometimento, à exigência corporal, à assiduidade e à produtividade, mesmo quando praticado num espaço/tempo de *não trabalho*. Foi com essa aparente contradição que procurei conduzir as questões iniciais dessa pesquisa. Nesta introdução, não tenho como objetivo esgotar o debate teórico sobre questões que envolvem o esporte e o lazer e, além disso, cada capítulo guarda a sua própria problematização. A intenção, nesse momento, está centrada em situar esta pesquisa entre esses dois temas e, a partir disso, pensá-lo em diálogo como dia a dia das pessoas que escolhem as práticas esportivas para o seu espaço/tempo de lazer.

Aliado à proposta de estudar questões relativas ao esporte e lazer, procurei também entender estas questões em relação aos aspectos socioculturais do envelhecimento humano. Dessa forma, defini o envelhecer como uma categoria *a priori* a ser explorada e encontrei o esporte master como caminho, aparentemente óbvio, para compreender as possíveis articulações entre esses temas. Através desse objetivo, escolhi me apropriar da etnografia como metodologia para esta pesquisa, a qual parecia oferecer a possibilidade de observar *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002) a dinâmica de relações sociais que atravessavam uma vivência esportiva e as significações que faziam parte dela – o caminho metodológico – será apresentado no capítulo dois.

Considerando minha trajetória dentro do voleibol, passei a garimpar informações sobre grupos de mulheres que se identificassem como pertencentes à categoria master e com as quais eu pudesse realizar a pesquisa. Com essa proposta de facilitar a entrada em campo e

através do contato com uma das jogadoras de uma equipe feminina, passei a negociar minha presença e permanência no dia a dia do Moinhos. A partir de um olhar panorâmico, esta equipe era formada por, aproximadamente, quinze mulheres com idades entre os 32 e 65 anos, as quais se reuniam, duas vezes por semana, para os treinamentos e durante um sábado por mês dedicavam-se aos jogos de voleibol, esses encontros passarei a denominar de atividades *em quadra* no decorrer do trabalho. Para além desses momentos, faziam parte do cotidiano do grupo os jantares e festas *fora das quadras*, os quais também estavam sistematicamente agendados na lógica da equipe.

Se, por um lado, eu havia definido algumas temáticas e um contexto, aparentemente circunscrito pelas balizas cronológicas do esporte master, por outro, o trabalho de campo ofereceu outros rumos para este estudo. Minhas representações sobre o esporte master não levavam em consideração a heterogeneidade em relação às idades que acabei encontrando na convivência com as mulheres daquela equipe. Além disso, falar sobre envelhecimento naquele grupo, gradativamente, foi perdendo sua centralidade e passei a reformular os problemas de pesquisa.

Inicialmente, direcionei meu olhar para o cotidiano do grupo e, naquele primeiro momento, não analisei os campeonatos de que elas participavam. No entanto, ao perceber determinadas regularidades no Moinhos e olhar para as negociações que faziam parte da construção da sua lógica de funcionamento, percebi que elas estavam articuladas às particularidades da Liga Master Feminina de Voleibol.

Formada por doze equipes da cidade de Porto Alegre/RS e região metropolitana, a Liga Master organizava dois campeonatos durante o ano e estabelecia uma idade mínima de participação de 32 anos. Dentre alguns dos requisitos para que as mulheres pudessem pertencer à Liga Master, também estava o compromisso de frequentar as etapas de jogos, o pagamento de taxas de inscrição e arbitragem, a disponibilidade em reservar o último sábado de cada mês para os jogos. Todos esses esforços faziam parte de permanecer em um campeonato reconhecido e valorizado pelas pessoas que circulavam naquele contexto esportivo.

Ao me aproximar dessas competições, passei a perceber que aquele era um espaço/tempo de lazer no qual o rendimento esportivo tornava-se um capital simbólico¹ e

¹ As discussões em torno da lógica dos capitais de Pierre Bourdieu (1990; 1996) são construídas em relação ao conceito de campo. Para Pierre Bourdieu (1983) o espaço social é constituído por múltiplos campos, cada um com sua autonomia relativa, cujas estruturas estão baseadas na relação de força entre os agentes ou instituições envolvidas. O que caracteriza um campo são as disputas de poder e o capital específico que está em jogo (econômico, social, cultura, simbólico). Nesse estudo não tenho a pretensão de compreender a equipe

posicionava determinadas jogadoras e equipes em seu espaço social. Pensar na lógica de capitais dentro da perspectiva de Bourdieu (1990; 1996), seria compreender essa noção como recursos para a diferenciação entre as pessoas, os quais são capazes de posicionar e legitimar aqueles que o possuem dentro de determinado espaço social. Segundo esse autor, o capital simbólico pode revestir-se em outras espécies de capitais específicos para cada contexto. Foi nessa linha de raciocínio que passei a utilizar-me da noção de capital esportivo² para pensar nas relações sociais na equipe e na Liga Master.

Ao apresentar os campeonatos, procurei salientar que sua formação era fortemente atravessada por um *saber fazer* ligado ao voleibol. Entretanto, assim como as jogadoras e as equipes preocupavam-se em render e estabelecer disputas acirradas dentro dos jogos, aquele contexto também era um espaço da sociabilidade, da brincadeira e da convivência entre mulheres que, na sua maioria, se conheciam de longa data.

Somado a esses olhares para a Liga Master que, inicialmente, foram um pouco distanciados, no dia a dia do grupo percebi que essa noção de capital esportivo parecia ser tensionada entre as mulheres que a ele pertenciam. Assim como o rendimento parecia ser representativo segundo a lógica do grupo, encontrei pessoas que não correspondiam a essas exigências, não participavam dos jogos, mas também pertenciam à rede de sociabilidade do Moinhos e influenciavam nas negociações. Foram esses primeiros contrastes que me levaram a definir o meu problema de pesquisa: como um grupo de mulheres se sustentava enquanto equipe e mantinha-se pertencente ao cenário da Liga Master?

A partir dessa questão, inicio as discussões articuladas ao material empírico desta pesquisa no terceiro capítulo, o qual é destinado a compreender a lógica de funcionamento da equipe a partir da elaboração de dois eixos. Inicialmente, procuro mostrar a *rotina das quadras*, na qual abordarei questões sobre sua lógica de treinamento e certas noções que faziam parte dessa prática esportiva sistematizada. No segundo eixo, passarei a discutir sobre *outros encontros* que também faziam parte da rede de sociabilidade, porém com o foco distante *da quadra*.

O trabalho de campo foi marcado pela aproximação com o grupo e, posteriormente, pela dedicação à análise dessa equipe na Liga Master Feminina de Voleibol. Sobre esse caminho, ofereço um melhor detalhamento apenas no quarto capítulo, no qual abordarei questões a respeito da Liga Master e sua trajetória de (re)construção dos campeonatos. Para

Moinhos e a Liga Master Feminina de Voleibol como um *campo*, nessa perspectiva bourdieusiana, não foi minha intenção enquadrá-las nesse conceito. Contudo, passei a usar a ideia de capitais simbólicos para me ajudar a debater sobre as legitimações dentro desses contextos.

² Essa noção de capital esportivo também pode ser encontrada no trabalho de Marivoet (1998).

isso, me reportarei às entrevistas, as quais trazem histórias referentes à organização das competições e às pessoas que circulavam nos espaços esportivos. Após oferecer esse olhar panorâmico sobre a Liga Master, apresento os contrastes entre as equipes e o que o Moinhos representava nesse cenário.

Nos capítulos três e quatro, procuro elaborar uma densa descrição da equipe e de sua representação num espaço social da Liga Master (GEERTZ, 1989). A partir da compreensão desses contextos, no último eixo de discussão, procuro construir um debate sobre as negociações que faziam parte da escolha por aquele espaço/tempo de lazer e como a seriedade atravessa a sua formação.

Essa pesquisa foi atravessada pela construção e dissolução de inúmeras perguntas que, certamente, não conseguiram abranger a complexidade do esporte, do lazer e, de uma maneira geral, do cotidiano. A análise do material produzido durante os treze meses de trabalho de campo parece estar em contínuo processo de construção e reformulação, pois há sempre um diferente debate a ser elaborado. Porém, foi preciso encerrar e oferecer algumas pistas para compreender como um grupo de mulheres escolhia viver o esporte no espaço/tempo de lazer da Liga Master Feminina de Voleibol.

2 METODOLOGIA

*[Primeira rodada do campeonato de 2011] Em frente ao ginásio percebia mochilas para todos os lados, saco de bolas, mulheres com o fardamento já no corpo e as joelheiras nas canelas. Para um olhar “apressado” seria uma cena nada diferente do que sempre encontrei em jogos de voleibol. Pareciam todas prontas para o dia de competição. Mas estão ali só para competir? Na sequência, entrei no ginásio, agora curiosa pelo que me esperava e, praticamente, não ouvia os apitos da arbitragem, pareciam “sumir” diante dos risos descontraídos e das conversas incessantes pertinho do bar. Permaneço algum tempo por ali, **nos observando** (Diário de Campo, 26 de março de 2011).*

No decorrer da introdução apresentei as escolhas sobre o tema dessa pesquisa e certos objetivos iniciais que ofereciam alguns contornos ao que pretendia estudar. A partir dessas primeiras direções do trabalho, optei pela etnografia como a metodologia que poderia me ajudar na produção do material empírico e, principalmente, no debate sobre como as *peças comuns* vivenciavam suas práticas esportivas num tempo/espaço de lazer. Neste capítulo, pretendo apresentar as características metodológicas desse estudo e as escolhas que fiz durante o trabalho de campo.

Mulheres uniformizadas, joelheiras, bolas de vôlei e uma infinidade de elementos vinculados a um esporte reconhecido no cenário internacional eram facilmente encontrados em cada treino e campeonato, os conhecia de longa data, mas não tinha a menor ideia do que representavam naquele contexto. Se, por um lado, reconhecia os símbolos daquela prática, pois chegando ao ginásio já sabia que ali estava acontecendo um campeonato de voleibol, por outro, passei a perceber que essas representações e as dinâmicas sociais faziam daquele contexto esportivo um espaço particular.

Partindo da ideia de que a etnografia está ligada a uma “ciência, por excelência, do concreto” (FONSECA, 1999, p.59) passei a observar um grupo de mulheres e o contexto da Liga Master, principalmente, sob a influência de uma tradição de estudos antropológicos basearam-se em densos trabalhos de campo. A solidez de autores como Geertz (1989), Foote-White (1980), Winkin (1998), Oliveira (2006), e outros autores que produziram trabalhos etnográficos numa linha interpretativa, auxiliou num exercício de tentar “ler por sobre os ombros” (GEERTZ, 1989, p.321) das mulheres que pertenciam àquele contexto.

Com um tema aparentemente bem delimitado, a intenção era estudar as amarras entre esporte e lazer numa determinada época da vida, mas foi no andamento do trabalho de campo que os problemas de pesquisa foram sendo construídos. Isso significa dizer que no começo

desse trabalho eu havia elaborado algumas questões gerais, pouco definidas e estruturadas, que quase nada poderiam me ajudar a construir respostas sobre esses temas. Entretanto, foi na convivência com o grupo e *dentro* desse contexto que passei a construir perguntas específicas, direcionadas a um contexto particular, que me ajudariam a oferecer algum retorno ou subsídios para outras discussões.

A partir da proposta de estudar um grupo que escolhia o esporte como possibilidade de lazer, no qual poderia debater questões socioculturais sobre o envelhecimento, comecei a garimpar informações sobre “equipes veteranas” e, a partir do contato com alguns de meus professores, soube que havia um grupo de mulheres que “treinava toda semana e depois saía para jantar”. Esses primeiros contatos foram fundamentais para me certificar de que elas encontravam-se sistematicamente e, principalmente, que eu não corria o risco da equipe se desfazer no decorrer da pesquisa.

Estava segura de que meu campo seria “sistematizável” (WIKIN, 1998, p. 133), pois obtive a informação de que elas encontravam-se toda semana e, dessa forma, poderia sistematizar também minhas observações. Nessa primeira conversa estabelecida com uma das mulheres que se tornaria uma de minhas interlocutoras³, falei, rapidamente, sobre meu interesse em estudar o *esporte master* e deixei agendada uma possibilidade de comparecer aos treinos.

Como esse primeiro contato pareceu-me receptivo, acabei pedindo para ela conversar com o restante das mulheres da equipe, sem a minha presença, e expor minha intenção de frequentar os treinos para realizar a pesquisa. Após o consentimento do grupo, cheguei ao treino seguinte como “a estudante que faria uma pesquisa”. Mesmo que os treinamentos, jogos e jantares fossem, na sua maioria, realizados em lugares públicos, nos quais eu teria a possibilidade de estar sem fazer parte da equipe, para entrar nesse campo, eu precisava de uma *boa* justificativa ou, pelo menos, ter alguma função por ali. Sendo assim, decidi me apresentar como pesquisadora e falar sobre os objetivos da pesquisa desde os primeiros contatos.

No meu primeiro treino, com o grupo reunido, em uma fala informal e rápida, expliquei como encontrei o grupo e pedi para frequentar os treinamentos daquele momento em diante. Algumas responderam “por mim tudo bem”, outras não falaram nada, perguntaram-me se sabia jogar vôlei e, para a grande maioria, eu ainda estava invisível. Embora tenha me apresentado como *estudante* e, sempre que possível, tentava deixar claro

³ No decorrer deste texto, o nome das pessoas que fizeram parte do trabalho e das equipes envolvidas na Liga Master Feminina de Voleibol foi substituído por pseudônimos.

que estava convivendo com a equipe para realizar a pesquisa, o voleibol era o que nos aproximava, era nossa *linguagem em comum*.

Quando cheguei ao ginásio, nos primeiros dias de campo, *de fora* da quadra, não percebia nada de diferente do que acontecia em outros treinos de voleibol dos quais já havia participado. Joelheiras para todos os lados, bolas voleibol, conversas, risadas, um treinador que parecia ditar o ritmo, a divisão das duplas para o aquecimento com e sem bola, exercícios técnicos e táticos. Essas eram cenas familiares que, de certa maneira, nos colocavam dentro de uma mesma linguagem do esporte e facilitaram minha entrada em campo.

Nesses primeiros dias, nos quais tinha clareza que minha presença estava sendo tolerada por elas, falávamos quase que exclusivamente sobre o voleibol de alto rendimento, assuntos referentes às equipes nacionais e, entre uma fala e outra, cada uma me contava um pouco da sua história. Procurando ocupar uma função naquele contexto, me ofereci para ajudar o treinador. Ao me apresentar a ele, deixei claro que não estava ali para observar sua atuação profissional e me coloquei à disposição para auxiliá-lo no treinamento da maneira com a qual ele achasse necessário.

Foi dessa forma que passei a construir um lugar na equipe, passei a ser considerada como o *quebra-galho* em quadra. Ajudava nos exercícios táticos e técnicos como auxiliar do treinador ou, na falta de alguém, eu participava como mais uma jogadora. Sendo assim, através de minha experiência com o voleibol consegui me sustentar dentro desse espaço e começar as primeiras aproximações com as mulheres da equipe e com o treinador. No entanto, por outro lado, essa proximidade com esse esporte acabou tornando-se um desafio no trabalho de campo. Precisava tensionar minha lógica de treinamento e de convivência no voleibol, relativizar o que havia incorporado na minha trajetória esportiva para, dessa forma, conseguir me aproximar dos significados para determinadas ações e comportamentos, inclusive, os meus.

Esse movimento de estranhar o que me parecia familiar, implicava numa série de questões debatidas por Gilberto Velho (1978; 2003)⁴, nas quais a noção de *distância* era fundamental no trabalho de campo. Esse processo de estranhamento tornou-se viável quando passei a confrontar a maneira com que eu percebia determinadas situações e as rotinas de treino com a forma com a qual elas se posicionavam nesse espaço e construía o dia a dia da equipe. Nesse exercício de reflexão sobre o campo, no qual eu deveria tensionar minhas próprias construções, também precisava manter a atenção na teoria. Foram as leituras que me

⁴ Esse processo é diferente da familiarização com os exotismos de uma sociedade distante, discutido no texto de Da Matta (1987).

ajudaram a olhar para além do que eu conhecia, a relativizar antigas concepções e procurar compreender como elas viviam um esporte que aos poucos fui apreendendo a *estranhar*.

Na convivência sistemática com a equipe, fui conhecendo as pessoas, encontrando minhas funções e quais os sentidos que elas davam à minha presença. Geralmente, eu era colocada e também me posicionava numa condição de *aprendiz*. Naquele contexto, fui “aprendendo a conviver esportivamente” (STIGGER, 2007, p.43) com o grupo, isto é, fui percebendo as lógicas de funcionamento e como eu poderia me posicionar entre elas. Porém, além dessa forma de me colocar naquele espaço, eu era recorrentemente condicionada à posição de *aprendiz, inexperiente* ou como “guria nova”. Entender o que eu representava no contexto da equipe me ajudou a circular no decorrer do trabalho de campo, pois conseguia entender o que elas esperavam de mim e o que eu poderia fazer durante nosso convívio.

Depois de alguns meses de contato com a equipe acabou se confirmando que eu ficaria no Moinhos e o utilizaria como *locus* de minha pesquisa. Rapidamente, me aproximei do grupo e me familiarizei com as mulheres que nele circulavam. Em conjunto a essas questões de identificação pessoal, o grupo guardava certas particularidades que se tornariam importantes no decorrer do trabalho. Dessa equipe fazia parte uma das mulheres que ajudou na formação da Liga Master e permanecia responsável por sua gerência desde os primeiros campeonatos. O grupo contava com a presença de jogadoras acima dos 50 anos, era de fácil acesso e mostrou-se disposto a, pelo menos, me tolerar no seu dia a dia.

Nos 13 meses de trabalho de campo, divididos entre outubro de 2010 a dezembro de 2011, acabei me aproximando de algumas pessoas, que se tornaram minhas principais interlocutoras, mas também permaneci distante de outras, principalmente, das mulheres que não faziam parte da equipe. Minha primeira informante, além de me abrir as possibilidades para frequentar os treinos e me colocar em contato com o grupo, também ofereceu as primeiras informações. Autorizada a frequentar os treinos, naquele primeiro momento, circulei no campo como se estivesse sozinha, fui apresentada como “estudante de mestrado” e não tinha qualquer tipo de vínculo com as mulheres que encontrava naquele grupo. Esses meus primeiros passos em campo foram diferentes do que aconteceu com Foote-Whyte (1980), que contava com a ajuda de “Doc”, um informante privilegiado que o apresentou como amigo e caminhava com ele pelas ruas de Conerville.

No decorrer do trabalho de campo, acabei me aproximando, principalmente, das mulheres que frequentavam todos os encontros do grupo, o chamado *núcleo* da equipe. Ao perceber que o Moinhos era formado por pequenos grupos, passei a buscar compreender quais significações estavam em disputa a cada dia de treino, em todas as festas, nos jantares, em

jogos, ginásios e bares nos quais essas mulheres estavam reunidas. A relação mais próxima de determinadas pessoas acabou abrindo possibilidades de conviver com elas também fora das quadras. Foi dessa maneira que passei a observar não somente a dinâmica da própria equipe, mas como aquela escolha de lazer relacionava-se com as outras dimensões do cotidiano.

Dos poucos homens que faziam parte da Liga Master, me aproximei especificamente de dois: o “chefe” da arbitragem e o treinador da equipe durante o ano de 2011. Através do contato com o coordenador da equipe de arbitragem passei a ter acesso às informações sobre os sistemas de disputa do campeonato de cada ano, um pouco da história das equipes e obtive os documentos *oficializados* no contexto da Liga Master. A proximidade com o treinador, além de me ajudar na atribuição de funções durante os treinamentos e trocar informações sobre questões táticas da equipe, me ajudava a entender o que as mulheres faziam com suas informações e levou-me a pensar como as hierarquias se legitimavam e se desfaziam dentro da quadra.

Assim como minha entrada no campo foi atravessada por uma série de negociações, minha presença estava sempre entre a tolerância e a aceitação. Em alguns momentos tornava-se nítido que eu estava sendo tolerada no ambiente da equipe, percebia isso quando elas se afastavam de mim para trocar informações, cortavam os assuntos ou deixavam de fazer comentários quando eu estava presente. Nesse sentido, cabe ressaltar que aquele era um espaço reservado da vida daquelas mulheres, no qual elas conviviam há mais de dez anos, e eu passei a fazer parte dele de forma sistemática e repentina. Por outro lado, passei a ser aceita na equipe e, gradativamente, os convites também se tornaram endereçados à mim, passaram a me incluir nas brincadeiras, a perguntar por que havia faltando um treino ou outro e contar com minha presença dentro deles, especialmente, quando o quórum de jogadoras encontrava-se reduzido.

Nessas negociações sobre a minha presença, fui aprendendo a *saber olhar e ouvir* (OLIVEIRA, 2006) o que estava por trás de algumas conversas, o que queriam dizer os silêncios, o que significavam determinados comportamentos e, especialmente, como as pessoas iam construindo seus *lugares* e sustentando-se em suas posições. Enquanto aprendia a *olhar e ouvir*, precisava *saber estar com* (WINKIN, 1998), isto é, com as pessoas que faziam parte do grupo e comigo quando eu estava na presença delas e em todo esse processo de tensionar as representações que construí durante minha trajetória.

Foram esses *caminhos* que me levaram a compreender a dinâmica de relações sociais que fazia parte da equipe. O *olhar e ouvir*, somados ao *escrever*, conduzem aos “atos

cognitivos” sobre os quais se constroem os saberes e foram *disciplinados* no decorrer de todo o trabalho de campo (OLIVEIRA, 2006, p.18).

A produção dos diários de campo configurou-se não somente em um exercício de escrita permanente durante o trabalho etnográfico. As 250 páginas produzidas a partir da convivência nesse contexto, guardam minhas descrições que, por vezes eram densas ao ponto de me fazer compreender certas particularidades da equipe, mas, em outros momentos, foram tão superficiais que pouco me relatavam o que havia acontecido no campo. Escrever os diários também foi uma das aprendizagens que fizeram parte da pesquisa, mas, além disso, tornou-se um significativo caminho de reflexão sistemática sobre o que acontecia durante as observações participantes.

Longe da objetividade e da imparcialidade, os diários de campo foram escritos sob as observações que passaram também por minha visão de mundo. Nele estão contidas minhas descrições sobre incômodos, constrangimentos, alegrias e euforias que fizeram parte da convivência com meus interlocutores. O constante ir e vir entre o referencial teórico e o campo empírico, registrados nessa escrita cotidiana, fizeram com que as análises me oferecessem alguns elementos para entender um espaço/tempo de lazer no qual o esporte parecia ser levado a sério.

As discussões que fazem parte dessa pesquisa não somente foram construídas durante o trabalho de campo, mas, particularmente, a partir dos lugares nos quais fui sendo posicionada ou passei a me colocar. No início da pesquisa procurava assumir algumas funções durante o treino. Em determinados dias, auxiliava o treinador nos exercícios, mas, geralmente, ele me dava tarefas ou eu ficava recolhendo as bolas que não estavam sendo usadas. Ao me aproximar do treinador passava a entrar em contato com informações sobre a Liga Master, sobre os jogos, saber suas decisões e dificuldades com a equipe. Nessa posição eu entendia quais eram suas escolhas e, posteriormente, observava o que as mulheres faziam com suas sugestões e como tensionavam a sua autoridade.

Em alguns treinos, participava como mais uma das jogadoras da equipe e essa se tornava uma tarefa bastante exigente. Era preciso realizar as observações, prestar atenção nas conversas, perceber expressões e ainda corresponder ao que elas esperavam de mim no que se referia ao rendimento esportivo. Geralmente, eu era colocada numa posição que precisava de maiores deslocamentos, exigia-se que eu “batesse forte na bola” e quando cometia algum erro elas não me poupavam das brincadeiras. Ao me colocar *entre as linhas da quadra*, me aproximava de entender as *entrelinhas da equipe*. Nessa posição, compreendia as cobranças,

os posicionamentos e passei a perceber que ao mesmo tempo em que estavam naquele espaço para divertir-se com o esporte, pertencer à equipe era um *assunto sério*.

Como já referi, esses *lugares* que fui assumindo na equipe e a proximidade de relações que fui construindo naquele contexto foram, paulatinamente, negociados. No início do trabalho de campo, estava autorizada a permanecer durante os treinos e competições, mas para fazer parte dos jantares e outros encontros do grupo precisei de alguns meses de convivência sistemática com a equipe. No final do ano de 2011, um telefonema de uma das mulheres do Moinhos, da mesma forma que me deixou surpresa, acabou modificando meu lugar no grupo que, até então, procurava manter o mais “neutro” que me era possível.

Nessa ligação telefônica, uma das mulheres que possuía uma forte liderança no grupo, convida-me para assumir a posição de treinadora. Decidi aceitar o convite e, a partir desse momento, passei a procurar mudar minha postura nos treinos. Nesse novo *lugar*, de alguma maneira, teria certo poder de decisão, influenciaria na rotina do grupo e fariam escolhas, mesmo sabendo quem minha autoridade seria tensionada recorrentemente. Ao estar nessa posição passei a perceber o quão coeso era aquela equipe ou pelo menos o pequeno grupo do *núcleo*. Fazer alterações era uma tarefa difícil, no cotidiano dos treinos lidava com capitais reconhecidos pelo grupo e com decisões das quais eu não tinha acesso. Dessa forma, percebi o que as mulheres esperavam de um profissional que estivesse à frente da equipe, dos treinamentos e como as disputas atravessavam o dia a dia do Moinhos.

Ao ser treinadora da equipe pude acompanhá-las também durante os jogos da Liga Master. Assim, deixei de observar os campeonatos *de fora e de longe*, passando a compreendê-los também *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002). Nesse debate sobre os lugares e as distâncias nas quais realizei as observações, passei a considerar que estava dando um passo além daquilo que já observava *de dentro* da Liga Master. Ao iniciar esse capítulo sobre a metodologia dessa pesquisa, afirmei que tentaria “ler por sobre os ombros” (GEERTZ, 1989, p. 321) de meus interlocutores. No entanto, minha trajetória no trabalho de campo pareciam me fazer sair desse lugar de observação. Ao assumir outra posição na equipe, passou a ser preciso aprender a tomar decisões, me posicionar entre as mulheres e influenciar nas dinâmicas sociais daquele espaço.

Além desse *lugar de treinadora*, durante algumas etapas dos campeonatos, trabalhei na equipe de arbitragem como apontadora. Essa posição me distanciava do Moinhos durante os jogos, mas me permitia olhar para ele sob outro ângulo, perceber como as outras equipes o observavam e circular entre conversas que me ajudavam a atentar para determinadas particularidades da equipe.

Assim como passei a assumir diferentes *lugares* durante o trabalho de campo, minha identidade de pesquisadora eventualmente se dissolvia e passava a ser reconhecida como “treinadora”, “jogadora”, “auxiliar do treinador”; e não era difícil minha imagem como “estudante de mestrado” voltar a fazer parte das conservas.

No dia onze de dezembro de 2011, pretendia encerrar o trabalho de campo. No entanto, me afastar da equipe e *voltar para a academia* não fez parte de uma ruptura com data marcada, pois continuei a frequentar os treinos e conviver com o grupo no ano seguinte. Porém, passei a perceber que continuar com o Moinhos e dissertar sobre os assuntos que envolviam as relações sociais da equipe, me fazia permanecer na condição de pesquisadora e isso dificultava meu processo de escrita. Sendo assim, decidi me afastar dos treinamentos, encontrar outras maneiras de “saber notícias” e voltar ao campo somente para as entrevistas.

De acordo com minhas observações, selecionei cinco pessoas para participar do momento das entrevistas. A escolha desses interlocutores esteve pautada na intenção de aprofundar em algumas questões, esclarecer alguns pontos e compreender a trajetória pessoal, especialmente, de quatro mulheres com idades e vivências diferentes no esporte. Abaixo, apresento uma pequena lista dos entrevistados e, rapidamente, algumas características que fizeram parte dessa seleção:

- Gustavo: coordenava a equipe de arbitragem, da parte técnica e burocrática da Liga Master.
- Joana: uma das fundadoras da Liga Master e da equipe Moinhos. Com 65 anos era a responsável pela organização do campeonato e se mantinha assídua durante os treinamentos, jogos e outros encontros da equipe.
- Ana: possuía uma forte liderança no grupo e seu lugar nele era sustentado, principalmente pelo capital esportivo. Há 15 anos pertencia à Liga Master.
- Rafaela: 35 anos, há quatro fazia parte do Moinhos. A única jogadora considerada “mais nova” que permaneceu na equipe. No entanto, no decorrer de 2011, decidiu se afastar da rotina de treinamentos e acabou retornando após algumas negociações.
- Taís: foi atleta profissional e deslocava-se de outro estado, localizado na região sudeste, no último final de semana de cada mês para disputar as etapas da Liga Master.

A partir das observações no decorrer do trabalho de campo, da análise dos documentos, a realização das entrevistas garantiram um “ouvir todo especial” (OLIVEIRA,

2006, p.22). Para cada uma das cinco pessoas elaborei um roteiro⁵ específico a partir do qual passei a retomar alguns assuntos, explorar a relação dos entrevistados com a equipe e com a Liga Master e aprofundar em alguns pontos, os quais minhas observações não me pareciam suficientes.

Com base nesse material por mim produzido, somados a um diálogo permanente com o referencial teórico, passei a construir minhas interpretações sobre o dia a dia de uma equipe feminina de voleibol que se reconhecia nesse cenário do esporte master. Na análise dos dados procurei não desconsiderar a heterogeneidade que fazia parte do grupo, mas busquei observar certas regularidades que me permitiram dizer como essas mulheres sustentavam-se enquanto grupo e se mantinham competitivas nos campeonatos da Liga Master.

⁵ Os cinco roteiros encontram-se anexados a essa dissertação. Cabe ressaltar que para apresentá-los nesse trabalho, realizei pequenos ajustes na intenção de preservar o anonimato de meus interlocutores.

3 UMA EQUIPE MASTER FEMININA DE VOLEIBOL

No decorrer do trabalho de campo algumas questões de pesquisa foram lapidadas e, grande parte delas, formuladas na direção de compreender como um grupo de mulheres se sustentava enquanto equipe e como se mantinha engajada no cenário da Liga Master Feminina de Voleibol. Nessa mesma trajetória, orientada pela construção e dissolução de inúmeras perguntas, passei a elaborar dois eixos de análise da equipe. No primeiro deles, abordarei algumas questões sobre sua lógica de treinamento e certas noções que faziam parte de uma prática esportiva sistematizada. No segundo eixo, passarei a discutir sobre outros encontros que estavam programados no cotidiano desse grupo, tentando ajustar o foco para os espaços e tempos distantes *das quadras*.

3.1 A rotina das quadras

Numa primeira conversa, que se desenvolveu quase em um tom “desinteressado”, obtive minhas primeiras informações sobre uma equipe de voleibol *master* que “treinava toda semana”. A partir dessa conversa fiquei sabendo que, pelo menos, um encontro por semana já estava confirmado na dinâmica do grupo e, sendo assim, passei a negociar minha presença nesse contexto. Foi por esse caminho que comecei o trabalho de campo, isto é, seguindo os encontros continuamente “agendados” entre um grupo de mulheres praticantes de voleibol. No decorrer dessa trajetória fui delineando os primeiros contornos sobre uma forma de organização que parecia estar estruturada no dia a dia de uma equipe que passei a chamar de Moinhos.

Na medida em que fui entrando em contato com as pessoas, confirmei que se tratava de um grupo de mulheres que “jogavam no master” e que, entre elas, esta definição parecia esclarecedora de quem poderia jogar ou quem ficaria de fora dos campeonatos. Sem saber ao certo o que significava *ser master* naquele contexto, obtive a informação de que o grupo participava de competições somente nessa categoria e que isso poderia estar de acordo com minhas expectativas de estudar as possíveis articulações entre esporte e envelhecimento, pois as jogadoras se reconheciam como um grupo de “veteranas”. Naquele momento, pensei ter encontrado um caminho profícuo para estudar algumas questões em que o esporte e o envelhecimento estivessem articulados. Talvez o contexto do master continue a ser um

excelente *locus* de estudo para compreender a infinidade de relações que podem ser construídas entre os dois temas. Entretanto, o trabalho de campo fez com que a pesquisa tomasse novos rumos.

O envelhecimento, como uma categoria que havia sido definida *a priori*, deixou de ser central. Foi no decorrer do trabalho de campo que ela se dissolve e passa a atravessar a formação de um grupo, da mesma maneira que outros elementos se tornam significativos para entendê-lo. Não há dúvidas que encontrei na Liga Master corpos envelhecidos pelo tempo, a “disponibilidade” da aposentadoria, discursos sobre uma “velhice ativa” e tantas outras particularidades ligadas às representações que constroem e, ao mesmo tempo, são produzidas sobre o envelhecer⁶.

Entre as discussões sobre a velhice e seus significados, Debert (1997; 2011) nos oferece uma boa dose de elementos para compreender que as representações contemporâneas sobre o envelhecer encontram-se resguardadas na expressão da “terceira idade”. Para a autora, o termo passa a ser uma forma de tratamento que não adquiriu uma conotação depreciativa quando nos referimos aos velhos e, além disso, os vincula às representações da velhice como uma categoria cultural formada por indivíduos autônomos e coerentes, responsáveis por seu próprio processo de envelhecimento.

É possível afirmar que, ao conversar com as mulheres que fazem parte do Moinhos, seus discursos a respeito da velhice e sobre seu próprio processo de envelhecimento, também estariam distantes de imagens referentes à “inatividade”, ao “descanso”, à “dependência” e qualquer outro significado que tange à passividade e/ou à quietude.

Ao mesmo tempo em que as marcas do envelhecer nesse contexto esportivo eram capazes de evidenciar corpos que “precisavam diminuir a velocidade do jogo” e algumas brincadeiras levaram a colocar os nomes nos times como “as caídas contra as despencadas” num “racha” no final do treino e, ainda, outras tantas jocosidades que tinham como pano de fundo brincar com os decréscimos “que são da idade”, essas questões sobre o envelhecer parecem ser mais significativas na própria construção de uma categoria específica no cenário do esporte do que na dinâmica daquela equipe.

Com isso quero dizer que o envelhecer atravessava a formação daquele espaço/tempo de lazer, entrava nas brincadeiras, mas não é possível afirmar que ele se tornava recorrente nas preocupações, na definição de papéis ou nas relações sociais dentro do grupo. Essas

⁶ Para uma discussão em maior profundidade sobre representações da velhice e compreensão do processo de envelhecimento humano dentro de uma perspectiva sociocultural indico os trabalhos de Guita Grin Debert, especialmente, A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento (DEBERT, 2012).

concepções sobre o envelhecer, acompanhadas dos saberes biomédicos que fazem parte do campo de formação da gerontologia (SILVA, 2008), são significativas para solidificar, numa perspectiva geral, as fronteiras que delimitam o esporte master, porém elas podem passar a ser manejadas de acordo com particularidades de determinado contexto.

Inicialmente, considerava o master como uma categoria precisamente delimitada por marcadores cronológicos, que definem participações e se propõem a estabelecer/garantir uma igualdade de condições para competir entre “veteranos(as)”⁷. No entanto, esses contornos deixaram de ser concisos na medida em que encontrei na equipe pessoas com diferentes idades. Jogavam pelo Moinhos mulheres que ainda não haviam saído dos trinta, assim como estavam no grupo outras que já tinham passado dos sessenta anos. Dentro dessas desigualdades, quem poderia jogar no master? O que é possível compreender sobre o modo como essas mulheres viviam o esporte a partir da definição de uma categoria?

Sob uma forma de olhar para o *esporte master*, pautado exclusivamente por questões biológicas, Lazzoli et. al. (2001) publicaram o *Posicionamento Oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte (SBME)* sobre o “esporte para veteranos”. Segundo esse texto, pessoas com mais de 35 anos, que pretendem dedicar-se a prática de exercício físico de caráter competitivo deveriam seguir uma série de recomendações de acordo com as alterações morfofuncionais características do envelhecer. Embora exista essa “prescrição médica”, legitimada pela Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, que propõe uma série de cuidados durante o exercício físico, havia um grupo de mulheres, dentre essa categoria específica, para as quais fazia sentido investir, de diferentes formas, numa prática esportiva em que a competição estava acompanhada de inúmeras exigências.

Ao mesmo tempo em que determinados saberes parecem influenciar na construção de um campo esportivo pautado por uma série de homogeneidades, a convivência com essa equipe me fez perceber um contexto significativamente heterogêneo em relação às idades. No Moinhos era possível encontrar mulheres com 32 anos *em quadra*, assim como duas jogadoras continuavam a fazer parte do grupo aos 64. A partir dessas diferenças, passei a tentar compreendê-las sobre uma perspectiva que elas definiam como “média de idade”, um cálculo que, de acordo com a minha matemática, permaneceu pouco compreensível. No entanto, dentro do grupo existia uma noção sobre essa “média” que a definia como “boa” ou “ruim” para pensar na possibilidade/necessidade de “renovação”.

⁷ Ao fazer referência à proposta de estabelecer uma igualdade para competir entre “veteranas” estou relacionando-a as particularidades do esporte moderno discutidas por Guttmann (1978). No que se refere a essa característica, o autor coloca que “todos devem, teoricamente, ter oportunidade de competir” e “as condições para a competição devem ser iguais para todos os competidores” (GUTTMANN, 1978, p. 26, tradução minha).

Após a rodada de sábado, ficou combinado que haveria um churrasco na casa da Taís. [...] Durante a janta, enquanto o grupo conversava sobre os jogos daquele dia, um dos assuntos passou a ser a média de idade da equipe. A conclusão da Patrícia, que não vejo alguém discordar, foi que “agora a média de idade está boa, deu uma renovada”. De acordo com as idades de quem já sabia, faço rapidamente as contas e obtive uma média em torno dos 45 anos (Diário de campo, 28 de maio de 2011).

Em outra situação, durante uma das entrevistas, enquanto o assunto era o “nível competitivo” e as diferenças entre as equipes, a fala da Ana recorre à “média de idade” do Moinhos para justificar e localizar a equipe na tabela de classificação da Liga. Segundo ela:

Tem algumas equipes que ficam nessas posições de sétimo ao décimo segundo que tem algumas jogadoras boas, mas não todo o grupo em condições. Às vezes é em função da idade, que é o caso Moinhos. A média de idade do Moinhos ela é bem mais alta do que o nível [do contexto da Liga Master] (ANA, 2012).

Esse discurso à respeito das idades, cuja base está na referência aos números que, por si só, pouco me dizem sobre o grupo, na lógica da equipe pareciam tornar-se argumentos convincentes. Na relação entre os dois excertos, em determinado momento a “média de idade estava boa” e, alguns meses depois, quando uma das mulheres buscava explicar a posição do grupo na tabela, sua primeira argumentação foi que “a média de idade do Moinhos era bem mais alta”. O primeiro excerto do diário de campo é referente ao ano de 2011 e o trecho da entrevista se remete ao campeonato do ano seguinte. Nesses dois momentos o Moinhos estava, aproximadamente, no mesmo lugar na tabela de classificação, ou seja, entre o sétimo e décimo segundo lugar.

Na relação entre as idades, seja pelo cálculo de médias ou nas comparações individuais, certas posições no grupo também passavam a ser estabelecidas. Através dessas noções, determinados comportamentos e formas de envolvimento com a equipe eram esperados de quem fazia parte do grupo das mulheres “mais velhas” ou de quem estava entre as “mais novas”. Essas duas categorias não estavam relacionadas somente aos marcadores cronológicos, seus significados também eram construídos numa relação de comparação entre o contexto da Liga Master e da equipe Moinhos.

Embora a idade cronológica seja recorrentemente um critério de atribuição de status e determinadas expectativas sociais, para Andréia Alves (2006) é no cotidiano da vida social atual que essas expectativas e atributos são confrontados e mundos sociais particulares passam a ser construídos, com seus códigos e regras que orientam as ações, mas sem torná-los fechados. Ser do grupo das “mais novas” significava ter começado a fazer parte do Moinhos e

a jogar na Liga Master “há pouco tempo”. Era também uma definição para as mulheres que estavam mais próximas da idade mínima na qual se poderia começar a disputar o campeonato e, principalmente, quem estava nesse grupo deveria corresponder às expectativas, em quadra e fora dela, de quem já está há mais tempo na equipe.

Essas duas categorias eram formadas numa relação de reciprocidade. Ao mesmo tempo em que as mulheres consideradas “mais velhas” buscam certa diferenciação das que “recém” estavam chegando ao Moinhos, também se formava um grupo de mulheres “mais novas”. Essas, por sua vez, acentuavam, através de suas ações, os contrastes com quem já está na equipe ou na Liga há cerca de quinze ou vinte anos. Embora todas façam parte do Moinhos e compartilhem de determinados códigos, havia relações de poder entre os dois grupos que os estabeleciam e, dessa forma, passavam a definir formas de circulação de cada uma dessas mulheres entre as “mais velhas” ou entre as “mais novas”.

Se, por um lado, as diferenças de idade faziam parte da equipe, por outro, elas se dissolviam enquanto marcadores cronológicos definidores de quem poderia ou não participar das competições na categoria master. Os cortes iniciais de 35 anos, estabelecidos pela Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte e 32 anos, construídos para a Liga Master, embora fossem limites mínimos estabelecidos para a formação dessa categoria, essas noções que passavam a ser significadas na própria dinâmica do Moinhos e articulavam-se com outras questões que atravessavam as formas de participação e posicionamentos dentro da equipe.

Distante dos conceitos biomédicos, por um lado, Devide e Votre (2000, p. 57-58) procuraram entender seus nadadores como “membros” de uma “sociedade discursiva master”, na qual as falas e ações, mesmo que heterogêneas internamente, representam um grupo com traços compartilhados por todos. No entanto, ao seguir as singularidades, os autores passaram a compreender os “masters” como esportistas que treinavam com fins competitivos em “fases da vida em que geralmente o trabalho, a família e, por vezes, o ostracismo tendem a ser centrais”. Diferente do trabalho de Devide e Votre (2000), eu não teria subsídios para afirmar que as mulheres da equipe Moinhos eram consideradas master *apenas* porque treinavam com fins competitivos num espaço/tempo reconhecido como de lazer. Tampouco, que outras dimensões seriam centrais nessa etapa da vida e elas acabaram escolhendo essa forma de viver o esporte, o que, por sua vez, as colocaria num cenário esportivo específico.

Nessas discussões entre saberes biomédicos e construções socioculturais, por vezes, os referenciais cronológicos e biomédicos oferecem algumas balizas e são significativos para

entender certas definições que na realidade são arbitrárias⁸. Numa perspectiva de dialogar com os contornos e não de estabelecê-los, passarei a me aprofundar na dinâmica de funcionamento de uma equipe feminina de voleibol master, para a qual manter-se competitiva era tão significativo quanto sustentar outras particularidades do grupo, as quais eram reconhecidas no cenário da Liga Master de Voleibol Feminino.

Nessa equipe havia encontros que pareciam estar *estruturados* dentro de sua organização, ou seja, treinava-se toda a semana. Durante o ano em que acompanhei o grupo, nas segundas e quintas, uma das quadras do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), localizado no bairro Menino Deus, estaria reservada, por duas horas, para o treino do Moinhos.

O CETE, um espaço público vinculado à Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul (FUNDERGS), conta, em sua estrutura, com dois ginásios: um deles com duas quadras poliesportivas, onde aconteciam os treinos da equipe, e o outro destinado à ginástica artística. Além desses, há um ginásio de lutas, duas quadras de futebol, quadras de vôlei de areia e *beach tennis* e uma pista de atletismo com o piso que segue os padrões profissionais desse esporte.

Pautada por um olhar interpretativo sobre as formas de ocupação do espaço oferecido pelo CETE, passei a perceber que garantir a reserva desse ginásio, duas vezes por semana, sempre no mesmo horário, fazia parte de uma série de negociações entre umas das mulheres da equipe e os responsáveis por sua administração. Através da rede de relações da Joana, os treinos foram transferidos do ginásio de uma escola no bairro Moinhos de Vento, uma área considera “nobre” em Porto Alegre, para uma das quadras do CETE.

A partir de então, não era necessário pagar pelo espaço onde aconteciam os treinos, mas era preciso continuar mantendo o que o grupo considerava como *boas* condições para treinar. O ginásio do CETE conta com uma quadra de tábua corrida, nas medidas oficializadas pela Confederação Brasileira de Voleibol, antenas disponíveis para delimitar o espaço de jogo sobre a rede, facilidade de acesso e estacionamento garantido em todos os dias de treino. Embora a iluminação fosse motivo de brincadeiras, pois as lâmpadas continuavam a queimar e as dificuldades com a visão, em maior ou menor grau, também fazem parte do esporte master, enquanto estive com a equipe, não houve iniciativa em trocar de ginásio.

⁸ Esta pesquisa não teve como objetivo construir uma definição sobre a categoria master. Entendo que esse conceito vem assumindo um caráter polissêmico o qual dialoga com marcadores cronológicos, fundamentalmente arbitrários, e construções socioculturais sobre as quais as pessoas que escolhem se envolver com o esporte entre “veteranos” e compartilham de determinados códigos nesse cenário.

Para os treinamentos estavam disponíveis doze bolas, todas de igual marca e modelo às que foram utilizadas em competições nacionais no ano de 2011, com a chancela da Confederação Brasileira de Voleibol. Além das bolas, era preciso ter uma bomba para mantê-las na calibragem “ideal” e um “carrinho” para facilitar o andamento dos exercícios. Se o espaço utilizado para treinar era público, os materiais da equipe foram adquiridos através do rateio de custos entre todas as integrantes e pertenciam somente ao Moinhos. Um local de fácil acesso e que na sua estrutura continha determinados símbolos do voleibol institucionalizado, somados aos materiais *oficializados* dentro desse campo esportivo, eram significativos para que essas duas horas, na terça e quinta, tivessem as condições para tornarem-se um “bom treino”.

Para realizar os treinamentos e para a condução da equipe nos jogos se fazia recorrente a afirmação de que o grupo “precisava ter um treinador”. Com o dinheiro da “caixinha”, da qual discorrerei com maiores detalhes no decorrer do texto, eram pagas as despesas com um profissional cujo reconhecimento no campo do voleibol e/ou da Liga Master deveria ser o melhor possível entre o que a equipe “desejava” e se disponibilizava a pagar.

Nessa lógica de organização, o treinador estava encarregado de propor as atividades, ou, pelo menos, o que lhe era possível fazer em meio às negociações entre ele e as jogadoras. Ao chegarem ao CETE, as conversas na lateral da quadra ou o *cafezinho no bar do Álvaro* também estavam na rotina do treinamento e tinham seu tempo reservado. Desde meu primeiro treino, a *passada no bar* próximo a entrada da quadra ou, pelo menos, as brincadeiras sobre o futebol com Álvaro faziam parte do dia de treino e, especialmente, das relações sociais entre quem estava frequentando o ginásio naquele horário. Esses momentos não estavam em negociações com o treinador, elas continuariam a conversar até que uma das mulheres decidisse começar o aquecimento, geralmente uma corrida ao redor da quadra.

Logo após esse primeiro momento, os exercícios iniciais seguiam a mesma lógica de aquecimento padronizado em jogos de voleibol: aquecimento articular e bate bola duas a duas, exercício de ataque na rede e saque. Nessa sequência o treinador pouco interferia, poucas vezes percebi mudanças e quando ele decidia por fazê-las, geralmente as alterações estavam acompanhadas de breves explicações. A escolha das duplas, durante essa primeira parte do treino, era um momento significativo para compreender as afinidades entre as mulheres da equipe e o *status* que fazia parte das preferências por uma e não outra jogadora.

Enquanto estive com a equipe, não presenciei recusas aos convites para a formação das duplas, mas, por diversas vezes, percebi escolhas. Para formar esses pares, a afinidade entre as mulheres parecia ser tão significativa quanto o *status* dentro do grupo em relação ao

capital esportivo. Naquele contexto, elas *sabiam* escolher suas duplas e levavam em consideração questões de proximidade e/ou reconhecimento dentro da equipe.

Após essa sequência inicial, começavam os exercícios técnicos e táticos, organizados pelo treinador em função de, aproximadamente, dez pessoas. “Nas contas de cabeça”, feitas por elas, o grupo teria em torno de quinze jogadoras. No entanto, algumas estavam no “departamento médico”, com lesões que as impediam de seguir treinando, outras estavam envolvidas com seus compromissos de trabalho e família, e, por fim, os treinos acabavam ficando entre oito e dez mulheres. Depois de algum tempo fazendo parte dos treinamentos e jogando com a equipe, passei a estar incluída nessa soma, da mesma forma, que também estava ou não entre as escolhas de formação das duplas para o início de cada treino.

Durante a organização dos exercícios técnicos e táticos, o treinador possuía certa autonomia para estruturar o treinamento. Como se essa fosse a “sua parte do treino”, ele contava com uma relativa liberdade para interferir na equipe. Dentre o que lhe era possível fazer, ele experimentava posições, criava e desenvolvia exercícios que estavam de acordo com as negociações que já existiam no grupo. Para permanecer na equipe, ele precisava *saber e estar disposto a jogar o jogo delas*.

No final de 2010, o treinador que estava há três anos com a equipe, foi dispensado do cargo. Alguns desacordos entre suas escolhas táticas e elaboração do treino fizeram com que a equipe não renovasse a proposta desse profissional continuar com o grupo em 2011. No término do ano seguinte, o treinador que havia sido contratado no início do campeonato também não permaneceu com a equipe. Essas duas mudanças estavam carregadas de divergências entre o que estava sendo proposto pelos treinadores e o que elas esperavam durante os treinamentos e competições.

No início do trabalho de campo, pouco entendia o que estava acontecendo nos treinos, apenas me era possível compreender que existiam diferenças entre a posição do treinador à beira de quadra e o que a equipe esperava dele e do seu treinamento. Trago dois excertos do diário de campo nos quais alguns contrastes se evidenciaram entre as exigências do treinador e a forma com que o grupo procura envolver-se com os treinamentos:

No término do treino, após o coletivo final, o treinador as reuniu para uma conversa. Enquanto todas estavam sentadas no chão, em um círculo, ele, em pé, exigia de todas “seriedade na hora do trabalho”. Colocava que elas “estavam brincando muito durante o treino” e, na sequência, argumenta que sentia sua autoridade questionada quando elas tensionavam suas informações ou mudanças na equipe, nos termos dele: estavam “retrucando as

informações”. Desenvolve sua fala dizendo que sua intenção era passar informações, mas acabava tendo que ouvir “explicações” sobre o que estava pedindo. Enfatizava que ele era o técnico e necessitava de um maior respeito e disciplina. No final da conversa, ele pede para que elas chegassem cedo ao ginásio, as lembrou da importância de um “bom aquecimento”, “para o corpo e para a cabeça”, frisando que entrar focada no jogo é importante porque “tem que ganhar, tem que ganhar e tem que ganhar!” (Diário de campo, 30 de setembro de 2010).

Durante os últimos treinos venho percebendo que o treinador chega exatamente às 20h, caminhando devagar ou falando no telefone, conversa pouco com elas, na maioria das vezes são assuntos técnicos e táticos do jogo. Sua estrutura de treinamento parece estar vinculada ao alto nível, no qual cada atleta sabe seu papel no jogo, tem um vínculo profissional com a equipe e vencer passa a ser a principal meta e de todos que dele fazem parte. No Moinhos, cada uma parece estar naquele lugar por motivos diferentes. Percebo que algumas pouco se importam com a vitória, geralmente não sabem contra quem irão jogar na próxima etapa de campeonato, os placares dos jogos não são lembrados e, inclusive, não comentam sobre as partidas. No entanto, outras mulheres se mostram recorrentemente atentas a essas informações (Diário de campo, 28 de outubro de 2010).

A partir do primeiro excerto, que posteriormente será explorado para a discussão sobre um espaço/tempo de lazer atravessado por certa seriedade e rendimento esportivo, o que ressalta dessas situações é que a afirmação da autoridade do treinador estava ligada a um discurso na direção de estabelecer uma noção de disciplina, trabalho e busca pelo resultado. Embora elas estejam investindo financeiramente em alguém que as exija, a autoridade do treinador parecia estar sendo tencionada e o que continuei a escutar entre as conversas particulares eram frases do tipo: “não pode rir mais!?”, “mijada toda hora não dá né!?”, “tem que ter um pulso firme, mas sem falação o tempo todo”.

Nos primeiros meses em que acompanhei os treinos, dos quais se referem os dois fragmentos do diário de campo citados acima, pouco obtinha informações sobre a Liga Master, os jogos quase não faziam parte dos assuntos. Se, nesse período no qual eu negociava minha permanência em campo, não era possível compreender os significados que faziam parte dessas ações e comportamentos, era possível perceber que elas compartilham de um código do qual o treinador parecia não estar vinculado e suas exigências não faziam sentido, pelo menos para algumas.

No início do ano de 2011 contratou-se outro treinador. Após uma série de negociações durante os primeiros encontros do ano, decidiu-se por uma pessoa com passagem pelo

voleibol profissional, na mesma faixa etária da maior parte do grupo, cuja trajetória no campo esportivo era reconhecida pelas lideranças da equipe. Nessas conversas, sobre quem iria ser o “novo técnico”, existia uma lista de opções elaborada por Joana. Ela, que circula na Liga desde o seu início, era reconhecida como a organizadora e possuía um capital social que a sustentava nesse contexto, apresentou ao grupo os profissionais “em condições de ser o treinador” e, a partir disso, começaram as disputas.

No primeiro momento, foi possível perceber que havia nomes que não eram mencionados e os que constam, já passaram por uma seleção, a de Joana. Mostrar suas opções e essas serem ouvidas no grupo, fazia parte da posição que era ocupada por ela dentro da equipe, estando essa alicerçada por sua trajetória de formação do Moinhos e da Liga Master. O próximo passo era mostrar a “lista” para todas, principalmente, para Ana, que se afirmava no grupo pelo seu capital esportivo e capacidade de liderança *dentro de quadra*. Grande parte do grupo fazia parte da negociação, no entanto, Ana parecia ter forte influência sobre a escolha.

Eram recorrentes as falas afirmando que “ela [Ana] nunca quer” ou “de nenhum ela gosta”, mas suas opiniões eram escutadas com atenção, seus argumentos influenciavam outras pessoas e decidiam. O lugar que Ana ocupava na equipe parecia estar apoiado em seu conhecimento sobre o esporte, no capital esportivo e como parte do chamado *núcleo* da equipe, do qual tratarei no decorrer do texto. Fazer parte do *núcleo* somado ao seu potencial de jogo, a colocava numa posição de liderança dentro do grupo, representada não só pela sua posição de capitã nos jogos da Liga, mas também na “procura” por sua opinião no dia a dia da equipe.

Em, aproximadamente, um mês de negociações, durante o qual elas se encontravam no mesmo horário de treinamento “apenas” para jogar, outras opiniões foram se manifestando. Enquanto estivesse *vestindo a camiseta* do Moinhos, o *status* de Renata permitia que ela fosse escutada, mesmo sem pertencer ao *núcleo* da equipe. Na posição de levantadora, Renata se destacava dentro da Liga, *sempre arrumava um time para jogar* na cidade de Saquarema, local onde se realiza, anualmente, um campeonato de voleibol master reconhecido entre os “veteranos(as)”. Além disso, desde criança ela fez parte de equipes competitivas em diversos ambitos, construindo assim uma trajetória no esporte de longa data. Sendo, ainda, uma pessoa que estava na faixa dos trinta anos, seu rendimento dentro de quadra era importante para o grupo, ou seja, o “time precisava dela” para a competição. Somava-se a isso, o fato dela ter afinidade com uma das lideranças da equipe, a Joana, outro aspecto que a colocava em condições de influenciar nas escolhas do grupo.

Durante a escolha do treinador, não presenciei nenhuma discussão entre todo o grupo. Realizavam-se conversas dispersas, entre um assunto ou outro, nas quais, recorrentemente, as mesmas pessoas expressavam o que seria a “melhor escolha”. Algumas mulheres pouco se envolviam, davam uma opinião ou outra, perguntavam “quem eram as opções” e a partir daí emitiam alguma ideia. Para outras, sequer parecia fazer diferença quem seria o novo treinador, desde que “o grupo achasse bom”.

A decisão, embora fosse compartilhada por todas, fazia parte de negociações, mediadas por relações de poder, que colocavam determinada pessoa no cargo de treinador. No decorrer do texto, trouxe três exemplos de posicionamentos dentro do grupo que ajudaram a entender que o *status* de determinada pessoa, que a colocava na condição de influenciar mais ou menos, não estava ligado a uma única condição. Todas essas mulheres faziam parte da mesma rede de sociabilidade, na qual a trajetória dentro do esporte, do grupo e na Liga Master, o capital esportivo e as relações sociais construídas em maior ou menor proximidade, se entrelaçavam e, dessa forma, posicionavam cada uma delas dentro do grupo.

Escutar as histórias que circulavam no grupo sobre outros treinadores, acompanhar a troca do profissional que passou a ocupar essa posição na equipe e, principalmente, a convivência com o grupo me ensinou que, para elas, um “bom treino” era sempre “bem dinâmico”. Após os primeiros encontros com o treinador, no ano de 2011, boa parte do tempo no caminho de volta para casa era destinado à análise do treino:

[Treino de segunda feira] Nesse dia voltei para casa de carona com a Vanessa. Além de nós duas, estavam no carro Sandra, Joana e Bruno. Após deixarmos ele perto de sua casa, começam as observações sobre o treino desenvolvido com exercícios técnicos e táticos. A primeira a falar foi a Vanessa: “bem bom o treino dele, eu gosto muito”. Na sequência, a Joana complementa: “é bom, bem dinâmico, gosto de fazer exercícios”. Não vejo a Sandra comentar sobre o assunto, fica somente escutando a conversa e, em seguida, Joana me perguntou se eu gostei, respondi que “ele estava há bastante tempo nesse meio” (Diário de campo, 09 de maio de 2011).

Procurei não dar ênfase a minha opinião sobre o treino. Provavelmente, se eu estivesse treinando sem estar na condição de pesquisadora, concordaria com a opinião delas. A estrutura do treino pouco se diferenciava da lógica de um treino do alto rendimento. Os exercícios eram destinados a aperfeiçoar a execução técnica, organizar o time de forma tática, mas o que ficava evidente era a mudança na intensidade com que eles eram desenvolvidos e as possibilidades que elas encontravam, entre um exercício e outro, de conduzir o treinamento e o treinador.

Da mesma forma que elas sabiam o quanto poderiam se dedicar a um exercício, o treinador também já as conhecia através da convivência dentro da Liga Master. Caminhar vagarosamente durante um deslocamento, a postura corporal “descompromissada”, expressões faciais que demonstram um descontentamento, ações que provocassem uma ruptura naquilo que era esperado durante o exercício, demonstravam que havia algo que não estava “ao gosto” de alguém ou, quando somados, do grupo.

Enquanto ajudava o Bruno, alcançando as bolas para ele realizar o exercício, elas estavam todas do outro lado da quadra. Nessa distância a expressão corporal de Vanessa chamou minha atenção. Os braços estão cruzados e o rosto contraído me fez perceber que ela deveria estar contrariada com alguma coisa. No decorrer do exercício ela entrava na quadra com menor frequência até o momento em que deixou de realizar a atividade que estava sendo proposta pelo treinador. (Diário de campo, 23 de maio de 2011).

No finalzinho do treino, enquanto estava todo mundo de brincadeira, os erros reincidiam e Bruno já havia chamado a atenção, no sentido de repreendê-las, em dois momentos diferentes. Após essas situações, a Joana se aproximou dele e falou baixinho: “é melhor terminar porque isso é só para se machucar e dar confusão”. Acabei escutando a conversa, pois exatamente nesse momento estava passando ao lado deles a caminho da posição do saque, nenhuma das outras mulheres estava por perto. Em seguida, o vi encerrar o treino (Diário de campo, 09 de junho de 2011).

O primeiro trecho de diário de campo mostra a situação de um treino ou, pelo menos de um exercício, em que uma das mulheres se sentiu autorizada e sabia como fazer para se mostrar contrária a uma atividade, inclusive deixando de realizá-la. No segundo excerto, através de uma "fala ao pé do ouvido", Joana, que tinha capital simbólico para agir daquela forma, conduziu para o término do treino, já que as brincadeiras pareciam extrapolar o que estava sendo permitido para aquele dia. Nem sempre observava o treino do mesmo lugar, ou seja, em alguns dias estava jogando junto com elas, como no segundo excerto do diário, em outros estava auxiliando o treinador e, em alguns deles, ficava de fora de qualquer atividade, mesmo que para isso tivesse que inventar algum motivo que as convencesse que "poderia ficar de fora". Essas mudanças de ângulo me auxiliavam a perceber que diferentes estratégias eram utilizadas não somente para demonstrar uma insatisfação, como para conduzir a dinâmica da equipe.

Eu também entrava nesse jogo e algumas passavam a me utilizar para levar informações ao treinador. No desenrolar do treino escutava algumas falas que pareciam desinteressadas, mas me sugeriam que algo deveria ser modificado. Como, por exemplo, a

Renata se aproximou de mim para dizer que “o Bruno está atacando muito forte, era para ele ter visto que elas não estavam conseguindo passar e ter diminuído a força” (Diário de campo, 09 de maio de 2011) ou nas falas da Marta “ela não gosta de jogar comigo, porque ele não muda?” (Diário de campo, 06 de junho de 2011). O que me parecia era que elas colocavam-me na lógica da equipe intencionando estabelecer outra forma de comunicação com o treinador. Pouco concretizei o que elas esperavam, isto é, nem sempre levava essas informações até ele, geralmente, somente as escutava.

Assim, a dinâmica dos treinos era construída a partir dessas negociações internas do grupo de mulheres e na relação entre elas e o treinador. Nesses momentos os treinamentos se tornam um espaço/tempo particular nos quais as relações de poder se estabeleciam. Dentre essas disputas, determinadas pessoas poderiam dizer como deveria ser, quais os rumos dos treinos, mas essa relação não era verticalizada, elas poderiam ser tensionadas, por exemplo, através do “não escutar” uma informação ou com “falas ao pé do ouvido”. No entanto, tais relações só poderiam ser compreendidas quando se dominava os códigos daquele contexto.

Seguir essa rotina de treinamentos significava também “estar bem para os jogos”. Essa relação não era construída somente por questões biológicas, as quais também faziam parte e eram significativas, mas essa dinâmica estava incorporada e estruturada na lógica do grupo, elas esperavam umas das outras o comprometimento com os treinos. Na avaliação de uma das mulheres, após o campeonato no qual ela me disse que não foi bem em quadra, sua conclusão foi que: “não estou treinando, dependendo disso, sempre fui assim” (Diário de campo, 03 de maio de 2012). Numa situação de entrevista, Joana me disse: “eu gosto é de fazer exercícios, de treinar, só jogar é coisa de peladeira”. Durante um treino, após um sábado de jogos, escuto Ellen falar que “faltou conjunto para o grupo se sair melhor”. Essa mulher estava na equipe há dez anos, assim como a maioria delas.

A partir dessas situações passo a perceber que a rotina de treinamentos representava um dos meios para elas se manterem competitivas dentro da Liga Master. Sustentar-se como uma equipe capaz de realizar jogos acirrados, ganhava destaque quando comparado ao lugar que ocupava o resultado da própria competição.

Cancelar um treino acontecia somente em “ocasiões especiais” e sempre acompanhava de uma justificativa convincente a todo grupo. Enquanto acompanhei a equipe, presenciei raras situações nas quais elas decidiram não treinar. Em uma dessas ocasiões, devido ao quórum reduzido, todas que estavam presentes optaram por “deslocar” o treino para um bar perto do ginásio do CETE. Deixar de treinar até pode acontecer, mas deixar de reunir-se para

momentos de sociabilidade não era comum no cotidiano do grupo - voltarei nesse assunto mais adiante.

Somente após as etapas do campeonato, nas segundas, estabelecia-se o consenso de que os treinamentos estavam cancelados. Ao final do último jogo de cada rodada da Liga, começavam as negociações sobre o próximo encontro. Nesses momentos, eram recorrentes falas alertando que “meus joelhos não recuperam até segunda”, “preciso de um tempinho para minhas costas”, um acordo finalizado com a frase: “acaba indo pouca gente, recuperamos na segunda e nos encontramos na quinta”.

Manter estabelecida uma rotina de treinos vai além de questões funcionais do esporte. Esses encontros formavam um espaço e um tempo que representavam uma determinada *lógica de organização*, isto é, treinar toda semana e dessa forma, significava ser uma *equipe organizada* que, por sua vez, estava buscando manter-se competitiva no cenário da Liga Master. No próximo capítulo discutirei sobre os significados dessa forma de *organização* que permitia ou não a entrada de determinada equipe na Liga e o lugar do Moinhos nesse cenário. Nesse momento, foco na questão que “assumir esse compromisso”, compartilhar desses e de outros códigos e, assim, permanecer engajado no cotidiano do grupo fazia parte da formação de um perfil que, por sua vez, passava a representar o Moinhos.

Da mesma maneira que passei a analisar sobre a formação de um *bom treino* e o que ele representava, procurarei as regularidades que me permitem entender quais ações e comportamentos eram esperados de alguém que integrava o Moinhos. Nesse momento, buscar a linha da homogeneidade não significa dizer que estou desconsiderando a heterogeneidade interna. Esse “perfil”, que não diria ser somente de “jogadora”, mas de “mulher que faz parte dessa equipe”, se estabelecia e se relativizava nas relações de poder dentro do grupo, ou seja, ele estava o tempo todo em negociação.

Sob um ponto de vista, o da competição, saber jogar *bem* era, obviamente, quesito que ganhava destaque quando se buscava determinados resultados. Não tenho dúvidas que qualquer equipe da Liga, antes de convidar alguém para integrar o grupo, construía uma percepção sobre as capacidades esportivas dessa pessoa e as suas possibilidades de ajudar a vencer as partidas. No Moinhos, embora o resultado, por vezes, perca seu destaque para o momento do jogo ser construído num processo competitivo e acirrado, o capital esportivo precisava estar *ao nível da equipe* ou, pelo menos, de quem já ocupava alguma posição estabelecida no grupo.

Essas concepções sobre *quem joga bem ou não* também faziam parte de negociações que definiam quem poderia *contribuir para o grupo*. Nos primeiros meses de trabalho de

campo, acompanhei a saída de uma das mulheres da equipe, justamente em função de sua possibilidade de *acompanhar* o desenvolvimento dos treinos:

Há algum tempo não via Bianca nos treinos, pouco a encontrava conversando com as mulheres da equipe, percebia que ela tinha uma relação próxima com Joana, mesmo assim estava sempre sorridente e mostrava-se receptiva, ao menos comigo. Já nos primeiros exercícios era possível perceber que ela tinha pouca experiência com o vôlei, seus gestos não acompanham o mesmo ritmo das outras mulheres e, durante o jogo, todas ficavam dando “palpites” de onde ela deveria posicionar-se, inclusive eu, que estava tentando “ajudá-la”. Percebi que o treinador olhava para essa situação, mas não falava nada. Aos poucos, passei a perceber Bianca irritada, sorrindo pouco, começou a “atrapalhar-se” ainda mais e não sabia aonde ir durante a rotação. Foi então, em uma jogada rápida, que Bianca permaneceu no meio do caminho em que a levantadora de sua equipe iria se deslocar. Marta [a levantadora], que parecia irritada, fala em tom ríspido “Bianca sai da frente”. Nesse momento vejo Bianca “explodir”. O que estava incomodando-a desde o início do jogo veio à tona e ela se dirigiu ao Pedro [treinador], mas disse entre todo o grupo essas palavras: “não aguento mais todo mundo dizendo para onde eu devo ir, estou cansada”. Aquele set continuou praticamente sem risadas, sem conversas, todas pareceram se surpreender com a reação de Bianca, mas ninguém falou sobre o que estava acontecendo. No final do treino, Pedro as reuniu na lateral da quadra e tentou colocar a situação em “panos quentes”, explicando que se “ela não estivesse no treino, não sairia coletivo”, mas logo acrescenta que ela deveria “saber as rotações”. Nesse momento, Roberta começou a argumentar sobre a atitude de Bianca, considerando-a “desproporcional”. Na sequência, ela diz que: “voleibol se joga assim: falando!”. Logo depois, quando Bianca já havia definido sua saída do grupo e se retirado do ginásio, Ana se posicionou dizendo que: “só pode vir jogar quem tem nível, não pode ser qualquer um para aceitar a vir jogar. A partir de agora não entra mais ninguém, não dá para ficar se preocupando com essas coisas, já temos muitos problemas”. Em seguida, escutei Leila falar para um pequeno grupo: “eu avisei que isso iria acontecer, decidimos pedir para ela se retirar e ninguém falou, agora deu nisso, não dá, ela atrapalha o treino” (Diário de Campo, 16 de novembro de 2010).

Através da observação já havia ficado evidente, pelo menos para mim, que a experiência de Bianca no vôlei se diferenciava do que o resto do grupo era capaz de fazer. Nas falas ao final do treino acabou se tornando claro que, para estar nesse grupo, é preciso *saber jogar* no mesmo nível das demais ou, pelo menos, que o que *não se sabe fazer* não atrapalhasse o desenvolvimento de um “bom treino”. Essa mesma questão fez parte das entrevistas e Rafaela, uma das mais novas no grupo, se mostrou enfática ao responder que: “eu não convido quem não joga bem, precisa ser legal, mas tem que saber jogar” (RAFAELA, 2012).

Voltando ao excerto do diário de campo colocado acima, no início da descrição evidencio Bianca como “distante” da maioria das mulheres. Na equipe Moinhos existia uma tensão entre quem *sabia jogar* de acordo com o que era reconhecido como “produtivo” para o grupo. No entanto, as relações sociais também sustentavam determinadas pessoas na equipe e envolver-se nelas fazia parte do “perfil” de quem jogava no Moinhos. Em entrevista, Ana coloca que:

Tem pessoas que tem outro perfil, que não conseguem chegar na equipe do Moinhos e ter esse entendimento que não é só ir ao treino, que existe algo maior entre o núcleo dessa equipe, não digo as pessoas que entraram recentemente, que não tem isso, talvez nunca venham a ter, mas é essa coisa da amizade, do social, da importância de fazer um almoço, uma janta, um encontro social e não ir só para o treino, terminou o treino pega as coisas e vai embora pra casa, de ter essa integração. Uma pessoa que não tem esse perfil acho que tende a não ficar muito tempo dentro do grupo (ANA, 2012).

Rafaela, como uma das mais novas do grupo, fazia parte das “pessoas que entraram recentemente”, das quais Ana se referiu durante a entrevista. Quando insisti em perguntar à Rafaela o que seria uma “pessoa legal”, já que ela ressaltou essa noção também como importante para fazer parte do Moinhos, suas referências foram pessoais, falou-me de suas características. Logo acima, descrevi um treino no qual Ana colocou que “só pode vir jogar quem tem nível”. Durante a entrevista, apontou como significativas as questões sobre a “performance física”, mas quando referiu-se aos momentos que estavam além dos jogos e treinos, suas referências foram o grupo e as relações sociais construídas e solidificadas a partir dele, sendo essas *tão* significativas quanto o que se fazia *em quadra*.

Através desse pequeno debate percebo que, mesmo existindo diversas formas de pertencer e diferentes significados convivendo, além de *saber jogar* vôlei de acordo com o que o grupo estabelecia como “bom”, também era preciso *saber estar* nesse espaço e compartilhar desses códigos. No entanto, através da minha participação nos treinos e em alguns jogos amistosos, nos quais “vesti a camisa” do Moinhos, pude entrar em quadra. Nessa experiência com o grupo, somada a entrada de uma jogadora que parecia não ter as disposições de uma jogadora do master, obtive um ponto de partida para compreender que o *saber jogar* era tão significativo quando o *saber jogar na Liga* e o *conviver com o grupo*.

Ao participar dos treinos, percebia que gritos nem sempre eram bem vindos, ao contrário, quando me autorizava a gritar, um “descontrole”, por exemplo, como ficar irritada com algum erro meu, em seguida percebia, através dos sorrisos e olhares, que aquela reação estava “desproporcional”. Essa mesma situação aconteceu com Bianca, aquela que *se retirou*

do time, em novembro de 2010. Em raras situações as percebia subindo o tom de voz. Se isso acontecia, era tão marcante a ponto de permanecer no imaginário e ser recordado em jantares e festas da equipe, como, por exemplo, uma discussão com a arbitragem ou conflitos entre mulheres “mais jovens” na Liga. Entrarei nesse assunto no próximo capítulo, porém, nesse momento, coloco que inclusive as reclamações com a arbitragem eram realizadas no mesmo tom de voz de uma conversa, não menos afirmativa ou questionadora do poder da arbitragem, mas os gritos eram, certamente, punidos com cartões de conduta antiesportiva.

O que se esperava de uma jogadora do master era que ela soubesse controlar suas emoções e que *apreendesse os códigos da Liga*. Só passei a perceber, com certa clareza, quando Duda entrou na equipe e depois de alguns jogos afirmou que: “eu não consigo me soltar, não sei jogar assim” (Diário de campo, 24 de setembro de 2011). Meses depois, na última rodada do ano de 2011, na qual fiz parte como treinadora da equipe, em uma conversa na lateral da quadra, Duda se aproximou de mim e passou a dizer que: “eu preciso que alguém me irrite dentro da quadra, não consigo jogar nessa calma” (Diário de campo, 11 de dezembro de 2011).

Após os primeiros treinos de Duda, eram recorrentes as falas referentes às suas ações enquanto jogadora da equipe: “ela é muito engraçada, muito louca”, “ela é pilhada mesmo”, “gente! ela é muito louca”. Essas expressões ajudavam a evidenciar um contraste entre as noções de autocontrole estabelecidas na equipe e de alguém que entrou recentemente no Moinhos e na Liga Master, como no caso de Duda, que parece ainda não as ter incorporado. No dia a dia do grupo, algumas estratégias eram construídas para que as ações e os comportamentos, em jogo ou fora dele, permanecessem dentro daquilo que se esperava de alguém da equipe. Era recorrente a utilização da fala “boleira aqui não” em contraste ao “vamos jogar direito” ou “vamos jogar sério”, pois, como ouvi em entrevista “quem não se adapta vai sair *naturalmente* ou o Moinhos vai tirar” (TAÍS, 2012).

Até esse momento procurei seguir algumas regularidades no que se refere a certas questões sobre o esporte, como, por exemplo, os treinamentos e o modo que essas pessoas envolviam-se em sua dinâmica. Ao procurar os traços “em comum” tentei não deixar de lado as relações de poder e estratégias que, em determinados momentos, as afirmavam e, por vezes, às obscureciam. Ao invés disso, busquei mostrar o que significava certa forma de organização, consolidada dentro desse cenário esportivo, e quais particularidades construíam o Moinhos enquanto uma equipe da Liga Master.

Desde que comecei a conviver com o grupo, geralmente, estavam presentes no treino em torno de dez mulheres, por vezes, chegando a ter “gente sobrando”, mas esse número já

oferecia subsídios para promover um “bom treino”. Entretanto, a formação da rede de relações que envolvia o Moinhos era mais complexa do que a quantidade de pessoas que poderiam e/ou se disponibilizavam em estar no treino. Ele estava envolto por uma sólida rede de sociabilidade feminina, tecida ao longo dos vinte anos de existência da equipe, que foi moldada na convivência cotidiana entre essas mulheres.

Pertencer ao grupo não estava diretamente relacionado com a possibilidade de ir aos treinos ou fazer parte dos jogos, a rede de relações se estendia para além das quadras. Se, nos primeiros meses de trabalho de campo, só tinha permissão para acompanhar os treinos e, portanto, só poderia entrar em contato com quem fazia parte deles, aos poucos, outras mulheres foram entrando em cena e com elas fui aprendendo que não era somente o fato de estar dentro de quadra que tornava uma pessoa pertencente ou não ao grupo, estas questões transcendiam ao momento dos jogos e treinos.

3.2 “Onde vamos hoje?”

Já nos primeiros contatos com o campo, enquanto estava garimpendo informações sobre equipes de voleibol master, soube que o grupo do Moinhos “seguido saía para jantar”. Não compreendia como eram esses encontros, onde eles aconteciam e, tampouco, se eu poderia participar deles. Naquelas conversas iniciais, já foi possível perceber que, na dinâmica do grupo, estavam presentes outros encontros, para além das quadras, tão significativos quando envolver-se com os treinamentos e jogos.

É sobre esses encontros, dos quais fui apreendendo quando e como eu poderia estar presente, que construirei esse capítulo. Para isso, passarei a descrever certos momentos que se tornaram recorrentes no trabalho de campo, buscando compreender o que eles representavam no dia a dia da equipe, quem eram as mulheres que neles estavam presentes e como elas sustentavam essa rede de sociabilidade feminina.

As relações sociais que fazem parte do entorno das quadras e campos esportivos tem sido assunto presente quando se busca compreender como as pessoas vivem o esporte, em especial, o praticado num tempo/espço de lazer. No trabalho de Stigger (1997) com veteranos do futebol que, preferencialmente aos sábados, ocupavam determinados espaços públicos da cidade de Porto Alegre/RS, o *antes* e o *depois* das partidas parecia ser tão significativo quanto o momento do jogo. Nesse *movimento dos veteranos*, a chegada ao campo era marcada pelas conversas e jocosidades e, ao término das partidas, permanecer no

churrasco diferenciava quem *efetivamente* participava do grupo e quem estava lá *apenas* para jogar futebol.

Esses encontros ao final dos jogos também faziam parte do grupo de Paola, um dos perfis analisados em profundidade no trabalho de González (2010). Nesta pesquisa, o autor buscou compreender os aspectos socioculturais articulados com o envolvimento das pessoas em Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre e, para as entrevistas, contou com a presença de Paola. Essa mulher pertencia a uma equipe master de voleibol na qual uma parte do grupo, habitualmente, saía para tomar cerveja e conversar logo após o treino de quinta-feira. Em suas falas, Paola colocava que permanecer nesses momentos, inclusive até determinado horário, fazia parte de uma reivindicação pelo espaço do grupo nas negociações com as outras esferas de seu cotidiano.

Na equipe Moinhos, para o “pós-treino de quinta”, também estava agendado um encontro. No término do treino, geralmente enquanto elas saíam do ginásio, uma das mulheres com maior tempo na equipe perguntava: “onde vamos hoje?”. Incluído nas respostas estavam alguns restaurantes e, principalmente, bares próximos ao ginásio nos quais elas poderiam entrar “com as joelheiras nas canelas” e com roupas de treino, mas sem correr o risco de sentirem-se desconfortáveis no local. Eram comuns as conversas com garçons, percebia que elas e alguns deles se conheciam de longa data e que, na maioria das vezes, eles sentiam-se a vontade de perguntar “e aí gurias, ganharam hoje?” e, na sequência, *sabiam ouvir* como resposta alguma brincadeira.

Nos primeiros meses de trabalho de campo eu não estava incluída no convite para os jantares, não me sentia a vontade para estar presente ou me inserir naquela proposta do final de treino: “onde vamos hoje?”. No final do terceiro mês em campo, uma das mulheres mais velhas no grupo e com seu lugar fortemente sustentado pelo capital esportivo, me convidou para acompanhar a equipe em um bar próximo ao ginásio em que estavam treinando.

[Após o treino] Enquanto nós saíamos da quadra, em direção ao estacionamento do ginásio, eu caminhava ao lado de algumas mulheres das quais me sentia um pouco mais próxima e, principalmente, as que jogaram no mesmo time que eu durante o coletivo final. Após encerrarem-se as falas referentes ao treino, começaram os assuntos sobre o local que elas se reuniam para continuar as conversas, foi entre essas decisões que a Leila perguntou se eu gostaria de participar também e, em seguida, me ofereceu carona até o local. Quando chegamos ao Bar percebi que havia duas mulheres que não estavam no treino, uma delas acompanhada do marido, o Rafael. Ele era um dos poucos homens que via circulando com o grupo e, durante a janta, parecia menos estranho do que eu que, claramente, não dominava os códigos. O que fiz inicialmente foi observar como elas se

distribuíram nas mesas, do que falavam e dizer que eu também acompanharia na cerveja. Nas conversas paralelas estavam diferentes assuntos dos quais eu não fazia parte e, quando eu deixava de ser invisível, era alvo de brincadeiras ou de perguntas sobre a pesquisa. No meio das piadas com a minha presença estavam “pequenas” questões sobre o trabalho, indagações sobre quem eu era ou de onde “eu tinha saído”. Sentiam-se a vontade para questionar minha presença, me conhecer também fora do treino e quando tentei explicar, rapidamente, o que estava fazendo ali e quanto tempo ficaria com a equipe, uma das mulheres, a Sandra, disse para todas: “ela tá fazendo um estudo sobre o comportamento das pessoas e vocês tudo aí brigando e bebendo” (Diário de campo, 16 de novembro de 2010).

O convite para a janta acabou me dando a autorização que precisava para estar naquele encontro e me ofereceu a possibilidade de continuar a frequentá-los. Nesse passo significativo para o trabalho de campo, passei a apreender “saber estar com” (WINKIN, 1998, p. 132) essas mulheres também fora da quadra. Nos primeiros encontros, pouco conseguia falar, ficava mais tempo prestando atenção no que elas estavam conversando do que tentando entrar nos assuntos, mesmo por que eles nem sempre faziam sentido para mim. Entre as falas, o esporte tinha seu espaço reservado. Em discussões, recheadas de detalhes, o voleibol e as equipes do quadro de alto rendimento no cenário nacional eram um dos temas privilegiados. Recorrentemente, o futebol também entrava nas conversas. No grupo havia torcedoras “de carteirinha”⁹ do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, outras do Sport Clube Internacional e uma flamenguista que, para não “escolher um lado” e “decepcionar o outro”, permanecia torcendo somente para seu time do Rio de Janeiro.

Os programas de televisão esportivos, nomes de atletas reconhecidos no esporte e informações sobre outras modalidades geralmente circulavam nos assuntos. Não era incomum escutá-las falando de esporte e também as percebia envolvidas com outras práticas que conviviam com a participação na Liga Master. No grupo havia mulheres que frequentavam academias de ginástica, mantinham uma rotina de exercícios físicos em casa, participavam de maratonas, ou seja, escolhiam o esporte ou as atividades físicas também para outros espaços/tempos em que não estavam dedicando-se à suas atividades profissionais.

Assim como se falava de esporte, o trabalho, a família, as relações conjugais, as dificuldades e as alegrias do dia a dia, faziam parte das conversas. Nesses encontros fui apreendendo quais visões de mundo estavam presentes nas falas e, aos poucos, passei a compreender o sentido que elas davam para minha presença: geralmente eu era colocada numa condição de “aprendiz”, de “inexperiente”, principalmente por ser mais nova do que

⁹ Essa expressão, utilizada no campo, resguarda uma ideia de torcedoras assíduas nos jogos do Grêmio e que acompanham o dia a dia do seu time. Cabe ressaltar que essas mulheres também mantinham um vínculo ativo de associadas nessa instituição.

elas. Durante o trabalho de campo aprendi inúmeras receitas culinárias, recomendações sobre relacionamentos, como cuidar do corpo, conselhos profissionais, rotinas e, inclusive, escutei algumas falas como: “me senti meio mãe agora” e, como resposta, dizia: “e eu como filha”.

Nas *jantas de quinta* passei a entrar em contato com pessoas que não estavam nos treinos, mas que, através da proximidade delas com as outras mulheres, percebi que também pertenciam ao grupo. Acima, trouxe um excerto do diário de campo no qual conheci duas mulheres que, naquele dia, chegaram ao ginásio alguns minutos antes de encerrar o treino. Ambas cumprimentaram todas em voz alta, conheciam os nomes, sabiam os apelidos e, rapidamente, entraram nos assuntos e passaram a combinar onde seria o encontro daquela noite. Uma dessas mulheres, a Suzana, encontrei poucas vezes nas jantas, mas através de algumas pessoas ela “sabia as notícias” e estava envolvida com o grupo, fazendo parte dos assuntos e histórias, mesmo quando não estava presente. Quanto a outra mulher, a Patrícia, desde as primeiras rodadas do campeonato que passei a acompanhar, percebi sua presença no ginásio e, na maior parte do tempo, permanecia próxima das mulheres do Moinhos. Depois de alguns meses em campo já era possível reconhecê-las como parte da equipe, mesmo sem estarem *em quadra*.

Essas duas mulheres estavam afastadas dos treinamentos por motivos legítimos dentro do grupo: uma por compromissos profissionais e a outra por lesões graves que a impedia de seguir jogando voleibol. Suzana, que lecionava no turno da noite, estava presente em algumas jantas, mas poucas vezes a encontrei nas rodadas do campeonato. Entretanto, nas histórias do grupo, construídas durante anos de participação na Liga Master, sua presença era recorrente. Essa situação é diferente da maneira com que Patrícia pertencia à equipe. Ela que, por tempo indeterminado, estava no “departamento médico”, no início do ano de 2011 passou a frequentar os treinos numa tentativa de recuperação de suas lesões. Embora não tenha se concretizado tal expectativa, resultando no seu afastamento *das quadras*, ela continuou a frequentar os encontros do grupo, inclusive organizando as jantas em sua residência e preservando seu lugar de destaque na cozinha, principalmente, quando o assunto era a culinária italiana.

A partir do envolvimento de outras mulheres nessa rede de relações que formava o Moinhos, percebi que não estar indo aos treinos, não estar participando *efetivamente* dos jogos, nem sempre determinava o pertencimento à equipe. Circular com o grupo fora dos espaços esportivos criou possibilidades de compreender que na equipe havia diferentes lugares, *dentro e fora de quadra*, os quais eram (re)construídos dentro de constantes negociações. Escolher essa maneira de viver o esporte e buscar meios de manter-se inserido

nesse contexto fazia parte da posição que essas mulheres ocupavam no espaço social. Sem a pretensão de enrijecer a análise sob um ponto de vista de classes sociais, é possível compreendê-las numa lógica de espaços sociais os quais estão articulados com as probabilidades de escolhas por determinadas práticas esportivas (BOURDIEU, 1983).

O grupo e a Liga Master não eram espaços homogêneos em que essa lógica de classes sociais pode ser enquadrada, mas é possível dizer que essas mulheres compartilhavam de condições gerais muito próximas, embora houvesse exceções. Nesse mesmo contexto encontrava mulheres que possuíam uma condição econômica acima de padrões medianos e, colocando em outro extremo, a falta de recursos financeiros, por si só, não era excludente. Todas elas, cada uma na particularidade de seu orçamento familiar, investia no esporte. No início de cada ano e de acordo com as despesas da equipe com o treinador era estabelecida uma mensalidade. Além desses atributos financeiros, certos bens simbólicos também faziam parte do mercado de consumo e atribuíam determinado status a quem os adquiria, como, por exemplo, produtos reconhecidos no cenário do voleibol e outros do campo esportivo, em geral. Esses investimentos financeiros estavam relacionados com as despesas mensais da equipe, diárias de hotel durante as viagens, custos com as etapas de Liga Master e valor depositado todo início de mês na “caixinha”.

A “caixinha” funcionava como uma espécie de conta, por vezes, uma poupança da equipe. Nela, cada uma dessas mulheres, “depositava” uma mensalidade de 50 reais estipulada no início do ano em que estive presente no trabalho de campo. Esse valor poderia variar de acordo com o número de vezes que se participava do treino, também estava relacionado com a presença nas rodadas e, inclusive, com a condição econômica particular de determinado período. Sendo assim, existia um valor estipulado pelo grupo, podendo ser considerado como o teto, porém, com possibilidades de negociá-lo.

Da mesma forma que a “caixinha” poderia ser considerada um símbolo de organização da equipe, diretamente relacionada ao perfil socioeconômico dessas mulheres, quem a administrava, a “tesoureira”, assumia uma posição dentro do grupo. Enquanto estive com a equipe presenciei uma troca de “tesoureira” do Moinhos. Essa mudança esteve recheada de negociações que foram além da passagem de uma responsabilidade para outra pessoa, mas representou a colocação de um novo papel.

Quando cheguei ao Moinhos, no final do ano de 2010, quem organizava a contabilidade era a Patrícia. Não foi possível acompanhar sua forma de gestão, além disso, pouco pude vê-la nos treinos e integrando a equipe nos campeonatos. Devido às lesões, que se acumularam ao longo de sua trajetória no esporte, Patrícia se afastou *do jogo*, mas não da

Liga Master e do grupo. No entanto, ao deixar de acompanhar o dia a dia dos treinos, Marta se tornou a nova responsável pela “caixinha”, assumindo outro lugar na equipe.

A cada dia, sustentar-se dentro do Moinhos parecia exigir de Marta certas negociações. Estando na faixa dos sessenta anos e jogando contra mulheres em torno de trinta e cinco, no que se refere ao rendimento, competir em igualdade, seja contra o adversário ou na própria disputa de posições dentro da equipe, não era o que a sustentava dentro do grupo. Se o capital esportivo não posicionava Marta, integrar-se à rede de sociabilidade e passar a administrar a “caixinha” conferiu outro sentido à sua participação e a manteve na dinâmica da equipe.

Com o afastamento de Patrícia, a “caixinha” poderia ser entregue a qualquer outra pessoa, não há dúvidas de que todas poderiam organizá-la. Porém, entregar para Marta fez parte de uma redistribuição de papéis, negociada ao longo de um período, no qual as pessoas foram se ajustando e sendo ajustadas nessa nova ocupação de um lugar. Para auxiliar na discussão sobre essas formas de sustentação, trago um trecho de entrevista realizada com uma das pessoas que contribuía para a organização do campeonato. No momento do recorte desse excerto, eu e Gustavo estávamos conversando sobre as mudanças que ocorreram nas equipes nos últimos dez anos, principalmente, no que se refere ao nível técnico de jogo. Quando se reportou ao Moinhos, obtive um bom exemplo de como essas questões aconteceram dentro do grupo:

Acho que deve ser mantida a Joana como levantadora do Moinhos, a Marta como levantadora do Moinhos, mas não pode comparar a *performance* da Carol com a *performance* da Joana. Então, a própria equipe vai percebendo isso e a própria Joana, até pensando num processo mais longe, ela tá mais tranquila com relação a isso. To dando um exemplo da Joana porque é a pessoa mais velha que mantém essa Liga funcionando. A própria Joana já está se dando conta que ela já não tem o mesmo lugar efetivo na equipe então ela tem que procurar outra maneira de participar, então ela está mais trabalhando nessa parte de coordenação, de ajudar a equipe, de entrar em contato, de fazer a parte social que é importante também para o desenvolvimento da Liga (GUSTAVO, 2012).

Cabe ressaltar que esse exemplo foi construído em relação à Joana, mas a Marta tinha a mesma idade e jogava na mesma posição. Embora exista uma diferença nas condições de jogo e de liderança dentro da equipe, ambas buscavam se sustentar no grupo também nessa mudança de papel. Na descrição acima foi evidenciado um contraste entre a *performance* de duas mulheres: uma delas, a Carol, que se destacava em relação a outra jogadora, a Joana. O “lugar efetivo” no grupo parecia ter como base a capacidade esportiva que, por sua vez,

estaria ligada a uma concepção de esporte vinculada ao alto rendimento. Se, por um lado, o *saber fazer* sustentava o “lugar” de determinadas pessoas, por outro, não excluía a possibilidade de construírem-se formas de participação que não são menos efetivas, mas relacionadas a outras maneiras de pensar o esporte que convivem dentro da Liga Master.

Na rede de relações sociais que sustentava o Moinhos, um de seus *nós*, possivelmente o central, pode ser representado como o *núcleo* da equipe. Essa expressão que emerge do campo, ajuda a compreender que certas pessoas dentro do grupo compartilhavam de determinados códigos no que refere ao jogo e às relações sociais articuladas com o esporte. Na particularidade do *núcleo*, a relação entre essas mulheres ultrapassava os momentos em que se vivia o esporte dentro de quadra, a rede de sociabilidade prolongava-se para o cotidiano. Tal proximidade, que diferenciava quem fazia parte ou não desse pequeno grupo, foi construída ao longo de, aproximadamente, dez anos de convivência no contexto da Liga Master e, para algumas, especialmente dentro do Moinhos.

No decorrer do capítulo anterior chamei atenção para determinado perfil de jogadora que conseguia sustentar-se dentro da equipe. Anteriormente, trouxe ao debate um trecho da entrevista de Ana na qual ela afirmou que “existe algo maior entre o *núcleo* dessa equipe, não digo às pessoas que entraram recentemente, que não tem isso, talvez nunca venham a ter, mas é essa coisa da amizade, do social” (ANA, 2012). Nesse momento, passo a explorar certas características desse *núcleo* cujas especificidades estavam além do tempo de permanência na equipe, elas passavam a representar *o Moinhos*.

Os contornos desse pequeno grupo dentro da equipe, o qual elas chamavam de *núcleo*, não se tornaram precisos durante o trabalho de campo. Não havia distinções claras, impedimentos ou expressões que definissem *quem era* ou *quem não era* parte desse *núcleo*. Era um reconhecimento simbólico que fazia parte do dia a dia e, portanto, também era negociável. Contudo, pertencer a esse *grupo central* estava relacionado com a intensidade das relações sociais e, fundamentalmente, com as escolhas por compartilhar determinados códigos, os quais eram sustentados e sustentavam a coesa rede de sociabilidade do *núcleo* e, de certa forma, do Moinhos.

Entre as mulheres que faziam parte do *núcleo*, encontrava de forma recorrente a afirmativa: “o voleibol é só um pretexto”. Entrelaçada com essa fala estava uma relação de proximidade entre elas na qual o esporte, e suas exigências com a performance, pareciam tão significativas quanto as relações sociais que daquele contexto faziam parte. Através do excerto, descrito logo abaixo, trago ao debate alguns elementos para pensar como elas posicionavam essa *dimensão esportiva* do cotidiano da equipe:

[Etapa do campeonato do segundo semestre da Liga Master] No sábado, o Moinhos foi a primeira equipe a chegar ao ginásio da Sociedade Ginástica, na cidade de Novo Hamburgo/RS. Como seu jogo estava marcado para as 9h, assim que terminaram de colocar o fardamento, começaram a usar o espaço das arquibancadas para o alongamento e aquecimento antes da partida. Enquanto preparavam-se para o jogo, as conversas, brincadeiras e risadas eram contínuas. Qualquer assunto era motivo de brincadeira, pareciam realmente “inspiradas” nesse dia. Posteriormente, chegaram ao ginásio algumas mulheres da Associação que logo se dirigiram ao local onde estava o Moinhos. Bruna, jogadora da segunda equipe a chegar, se aproxima dizendo: “não poderia ser outra equipe rindo desse jeito, essa hora da manhã”. Na sequência, Ana respondeu: “mas tu não sabe que voleibol é só pretexto”. [...] Enquanto assistia ao primeiro jogo, permaneci sentada na arquibancada próxima da Maria. Ela é uma das mulheres que seguidamente encontrava nas rodadas da Liga, mas que devido a lesões nos dois joelhos precisou parar de jogar voleibol. Durante o jogo conversávamos sobre Daiane, uma nova jogadora do Moinhos, mas “veterana” dentro da Liga. Maria passou a me contar que seu argumento para convencê-la a fazer parte da equipe foi: “você quer jogar num time para se divertir? Sem aquela cobrança de ter que ganhar? Sem stress? Então vai para o Moinhos!”. Seu argumento foi construído em comparação a antiga equipe de Daiane, na qual eram recorrentes as desavenças e cobranças em relação à *performance* esportiva (Diário de campo, 24 de setembro de 2011).

Através da fala de Bruna, que diferenciava o Moinhos das outras equipes pelas risadas *já àquela hora da manhã* de sábado, encontro determinados subsídios para pensar o que essa equipe representava no contexto da Liga Master. Essas questões serão abordadas no próximo capítulo. Nesse momento, chamo atenção que esses discursos – *o voleibol é só pretexto* – eram falas de determinadas pessoas dentro da equipe. Na situação de campo descrita acima, quem se pronunciou a responder o comentário de Bruna foi a Ana, uma das mulheres que também mobilizava e comparecia nesses encontros *fora das quadras*.

No segundo comentário, no qual Maria se refere à despreocupação com o resultado da partida, na mesma linha da fala da Bruna, ela evidenciou um contraste entre essa equipe e as outras. No entanto, essa representação do Moinhos no contexto da Liga Master acabava desconsiderando outras concepções sobre os resultados que também faziam parte da equipe. Embora Ana tenha colocado o *voleibol* no lugar de *pretexto*, durante as entrevistas afirmou inúmeras vezes que era “muito competitiva” (ANA, 2012), nos treinos se preocupava com sua *performance* esportiva e a das outras mulheres, participava das escolhas de um “bom treinador”, exigia das levantadoras um desempenho que também a permitisse ficar satisfeita com o seu. Da mesma forma que Ana, outras mulheres preocupavam-se, de alguma maneira, com a competição e fazer parte de um jogo no qual o processo fosse competitivo.

Nos dois campeonatos de 2011, Marta poucas vezes entrou em quadra, em tom de queixa dizia que “nunca jogava”, mas raramente faltava aos treinos e nesses empenhava-se na

medida do que lhe era possível fazer. Durante a entrevista, Joana afirmou que gosta “de treino mesmo, de fazer exercícios” (JOANA, 2012) e durante o trabalho de campo não era raro escutá-la dizendo que “se querem ganhar tem que colocar a Renata [no seu lugar]” (JOANA, 2012). Trago essas situações que me ajudam a mostrar que assim como elas estavam juntas por um *pretexto* e que jogar se divertindo fazia parte da lógica do grupo, o rendimento individual e da equipe, o jogo ser competitivo e almejar a vitória, mesmo que para isso fosse preciso “ceder” o lugar em quadra, também fazia parte das negociações dentro do Moinhos. No entanto, para o *núcleo*, os resultados das partidas, principalmente as derrotas, não eram motivos para desavenças, não se encontravam de forma permanente nas preocupações ou determinavam a continuidade na/da equipe.

Durante o trabalho de campo conheci pessoas que, por diferentes motivos, deixaram de jogar pelo Moinhos. Não tenho subsídios para afirmar que as derrotas e as últimas colocações na tabela do campeonato determinaram a mudança de grupo. Entretanto, através das falas e ações de mulheres que permaneceram, tornou-se possível perceber que entre as pessoas que formavam esse *núcleo*, os resultados dos jogos não pareciam influenciar na permanência na equipe ou as derrotas não eram motivos para a desistência.

Enquanto acompanhei o Moinhos, do final do ano de 2010 até o último jogo de 2011, a classificação nos campeonatos da Liga se manteve entre o nono e o último lugar na tabela, o décimo segundo. Nas etapas em que estive presente, os comentários sobre os jogos não se estendiam além de rápidas conversas enquanto a equipe saía de quadra ou em algum momento de descontração. Por vezes, havia discussões sobre determinadas situações, alguns *lances* do jogo que permaneciam na memória, mas esmiuçar as partidas, falar sobre todos os jogos não era algo que elas faziam habitualmente. Embora as minúcias de cada jogo não ganhassem à atenção dessas mulheres, o resultado, especificamente as derrotas, que pareciam não incomodar parte do grupo, para outras pessoas eram motivos de conflito e de repensar a continuidade na equipe.

Na entrevista com Gustavo, coordenador da arbitragem e responsável por oferecer um suporte administrativo à Joana na organização da Liga, a permuta das jogadoras entre as equipes foi um dos assuntos que recorrentemente vinha à tona. Ao falar sobre o Moinhos, ele o colocava como um grupo que privilegiava “mais a amizade e menos a questão do resultado” (GUSTAVO, 2012) e, na sequência, se dirigiu aos comentários sobre mulheres que deixaram de jogar na equipe da seguinte forma:

Chega um momento que pesa ‘o que eu quero pra mim?’ e se o que tu queres pra ti é diferente do que o grupo ta te propondo, automaticamente tu sai ou vai pra outra equipe, como no caso da levantadora (GUSTAVO, 2012)

Em *quadra*, a levantadora sobre a qual o Gustavo se referiu, “fazia a diferença”. No decorrer do texto, quando falei sobre a *organização esportiva* do grupo, descrevi essa mulher, a Renata, como destaque quanto a seu rendimento esportivo e por sua afinidade com uma das lideranças do Moinhos. No final do ano de 2011 ela se lesionou, não participando das últimas etapas da Liga, e anunciou à Joana que trocava de equipe no ano seguinte. De fato, no ano de 2012, ela passou a jogar pelo Zona Sul e se distanciou, gradualmente, das mulheres do Moinhos. Renata era posicionada dentro do grupo como uma das “pessoas que entraram recentemente”, das quais Ana se referiu na entrevista. Durante as *jantãs de quinta* não encontrava Renata e raramente ela estava presente nas reuniões do grupo, com exceção dos treinamentos e jogos. Não tenho possibilidade de afirmar que Renata saiu do grupo somente em função das derrotas, embora Gustavo deixe essa questão nas entrelinhas de sua entrevista. No entanto, seu vínculo com o Moinhos não estava ligado à rede de sociabilidade do *núcleo*, não compartilhava com a forma que o grupo vivia o voleibol e encontrou suas *justificativas* para trocar de equipe.

Assim como Renata, outra jogadora havia decidido se desligar do Moinhos no campeonato de 2012. A trajetória de Rafaela começou através do convite de uma mulher que jogava no Moinhos, mas logo que comecei o trabalho de campo decidiu mudar de equipe. Embora quem a apresentou não tenha permanecido, Rafaela seguiu participando dos treinos e campeonatos e, segundo a Joana, “foi à única das mais novas que se adaptou bem ao grupo” (Diário de campo, 19 de setembro de 2011). Se, por um lado, Rafaela passou a ser aceita no Moinhos, por outro, algumas particularidades da equipe não eram por ela compartilhadas. Trago uma situação na qual comentou sua decisão de parar com o vôlei:

No intervalo entre o primeiro e quinto jogo a equipe se manteve reunida próxima a uma das portas do ginásio. Algumas procuraram cadeiras e, sentadas no chão, encontrei Ana, Taís, Rafaela e Duda conversando sobre suas rotinas de trabalho. Durante a conversa percebi Rafaela confirmar os rumores que eu já havia escutado: pararia de jogar no ano de 2012. Entre suas justificativas estavam as dores no corpo que passaram a prejudicá-la durante o seu trabalho. As outras mulheres tentaram argumentar em sentido contrário, mas ela não se convenceu e a conversa tomou outros rumos (Diário de campo, 10 de dezembro de 2011).

Essa descrição se refere à última rodada do campeonato de 2011, na qual a equipe disputava a melhor colocação possível a partir do sétimo lugar na tabela geral. As imprecisas informações que eu tinha sobre a continuidade de Rafaela no Moinhos foram confirmadas através dessa fala. Posteriormente, durante a realização da entrevista, pude retomar esse assunto e escutá-la sobre suas decisões. No momento em que conversávamos sobre o grupo, ela passou a expor seus argumentos que a fizeram considerar a possibilidade de deixar de jogar:

Primeiro, as dores que eu tenho, porque eu trabalho com o corpo, porque eu tenho medo de jogar vôlei e me machucar, como muitas a gente vê que se machucam. Então, se eu me machucar, eu não trabalho e a escolha vai ser sempre o meu trabalho, não vai ser o hobby, mas ai me desestimulou as dores que eu tinha sempre após treino, após o campeonato, que eram piores, eu ficava na cama no domingo sem conseguir me mexer muito. As perdas sempre, nosso time estava sempre perdendo e isso me desestimulou bastante e alguns conflitos internos (RAFAELA, 2012).

No ano seguinte Rafaela acabou retornando a rotina de treinamentos no Moinhos. Nessa mesma entrevista perguntei o que a teria feito mudar de ideia e ela foi clara ao que responder: “o telefonema da Joana me pedindo para voltar e porque o grupo estava precisando de gente” (RAFAELA, 2012). Por diversas vezes, Rafaela ressaltava sua vontade de ganhar e demonstrava se desmotivar com as derrotas, o que parecia não ser um problema para quem fazia parte do *núcleo*, não ao ponto de sair da equipe. Na fala de Ellen, que participava da Liga Master há 15 anos e do *núcleo* do Moinhos, ela colocou que: “claro que todo mundo quer ganhar, mas queria mesmo fazer é um jogo bom, bem disputado” (Diário de campo, 24 de novembro de 2011).

Nessa discussão sobre os significados para os resultados dos jogos, a intenção não é polarizar dois grupos: um que buscava a vitória, próximo da lógica do alto rendimento, e outro que desejava tornar essa prática como um espaço de brincadeira, ligado à dimensão lúdica. Essa heterogeneidade interna, de certa forma, foi apontada no trabalho de Stigger (2002). Nesta pesquisa o autor conviveu com o Grupo do Castelo, o qual se reunia sistematicamente aos sábados, à beira da praia, para jogar voleibol. A partir de uma pequena discussão entre dois jogadores - Mário e Marinho - foi possível evidenciar que no próprio grupo conviviam significados diferentes para o resultado das partidas. Abaixo, apresento o registro do diário de campo do autor:

Mário – como sempre tem sido a sua postura – passa o tempo falando e gozando de todos. Joga bem tecnicamente e é o que mais fala, dirigindo grande parte das suas gozações ao Simões. Tenta fazer jogadas “cantadas” [“pega esta”] e surpreendentes [bola de 2ª]; quando tem sucesso brinca/goza bastante. Numa dessas jogadas, errou, jogando a bola para fora da quadra e Marinho logo reclamou, utilizando o argumento: “eu quero ganhar esta”. A resposta de Mário veio de pronto e acompanhada de uma gargalhada: “e eu quero brincar” (STIGGER, 2002, p.71).

Nesse diálogo entre Mário e Marinho torna-se possível encontrar não somente diferenças sobre o valor atribuído aos resultados, mas também sobre as *formas de jogar* que se diferenciavam. Esses contrastes e as negociações entre os significados para vitórias e derrotas faziam parte do cotidiano do Moinhos. Nos treinamentos, jogos e outros encontros do grupo, havia certa tensão na escolha de quem poderia/deveria entrar em quadra durante as partidas. As negociações estavam em torno das opções de colocar a *melhor equipe*, considerando as qualidades técnicas de cada jogadora ou valorizar a presença nos treinos, ou, ainda, priorizar outras formas de participação no grupo. Se, principalmente para quem era do *núcleo*, havia um discurso que o *voleibol era pretexto*, ele certamente convivia com escolhas atravessadas pela busca de resultados positivos, pelo desempenho individual e coletivo dentro de quadra e pelo *gosto* da competição.

A desavença entre a maneira com que Mário e Marinho estavam se envolvendo com o jogo (entre o brincar e o ganhar), na equipe Moinhos se materializava como uma *forma de jogar* que estaria ligada à noção de comprometimento com o resultado, talvez próxima de como Marinho jogava – isso ocorria especialmente durante as partidas da Liga Master. Isso não significa que não houvesse brincadeiras durante os treinos e jogos, pelo contrário, de certa forma essas atitudes estavam sempre presentes. No entanto, a cobrança no que se refere ao rendimento esportivo, almejar a vitória e investir nela era parte de como elas *jogavam os jogos*.

Entre as possibilidades de lazer e diversas maneiras de viver o voleibol, essas mulheres escolhiam participar de uma competição, buscavam ser competitivas dentro dela e o *saber jogar* era uma noção importante para fazer parte da equipe. No entanto esses resultados refletiam de maneira diferente dentro do grupo. Durante o texto apresentei certas situações que me levaram a considerar que, para quem fazia parte do *núcleo* do Moinhos, as derrotas não estavam relacionadas com a permanência na equipe ou com a continuidade nos treinos. Para essas mulheres, o resultado somente era pauta das conversas quando uma partida terminava de maneira diferente do que era esperado como, por exemplo, quando elas venceram uma equipe que disputava o primeiro lugar no campeonato e naquele momento

estavam classificadas na décima posição ou acontecia de “perder um jogo que estava ganho”. A intensidade das relações sociais do *núcleo* pouco era tensionada pelas vitórias e derrotas da equipe, diferente de quem havia “entrado recentemente” como, por exemplo, no caso de Rafaela.

Durante o trabalho de campo, por diversas vezes, participei de treinos e estive em campeonatos nos quais as cobranças quanto a *performance* eram veementes, mas direcionadas à determinadas pessoas. Os erros de quem fazia parte desse *núcleo* não colocavam em questão a permanência dessas pessoas na equipe, ao contrário de quem “recém chegou”, que precisava afirmar-se através do que *poderia fazer em quadra*. Como exemplo, trago duas situações: a de Sandra e Eduarda. Nas *jantas de quinta*, Sandra era sempre presença confirmada, nas festas de final de ano estava envolvida na organização e não faltava a um treino sequer, a não ser por uma “boa justificativa”. No entanto, *em quadra*, a cobrança sobre seu desempenho nos jogos e a acentuação de seus erros era visivelmente diferente do que se esperava de Eduarda.

Como uma das mulheres mais novas na equipe, no que se refere à idade e ao tempo de entrada no Moinhos, esperava-se de Duda uma participação *efetiva* no jogo. Seu rendimento esportivo estava em constante avaliação, sua atuação nos jogos era pauta das conversas entre o treinador e algumas mulheres com mais tempo na equipe. Não era difícil escutar falas como: “Duda sai do bloqueio”, “Duda olha pra bola”, “Duda lê o jogo”, oferecendo a ela as coordenadas do que a equipe pretendia que fizesse para alcançar um “bom desempenho”. Essa situação é diferente do que acontecia com Sandra. Ela participava dos jogos de acordo com a suas possibilidades, não eram feitas exigências sobre seus erros e o restante do grupo sabia o que ela poderia render em cada situação de jogo, sendo assim, não era dessa forma que ela se sustentava no grupo.

Para começar a fazer parte da equipe Moinhos era preciso passar por uma série de avaliações de quem estava na equipe e fazia parte do *núcleo*, por exemplo, como as que Duda era submetida. O convite para entrar no grupo geralmente procurava articular o rendimento esportivo e a possibilidade de integrar-se nas relações sociais. Através dessas noções, o Moinhos buscava ser renovado ou agregava novas jogadoras. Embora esse processo de renovação fizesse parte das preocupações, o grupo permaneceu com as mesmas pessoas. Essa situação, somada as adversidades do esporte, como as lesões que acometeram algumas jogadoras, fizeram com que a equipe tivesse seu quórum reduzido, chegando a cancelar dias de treino ou recorrer a amistosos para não “perder o ritmo de jogo”.

O processo de renovação na Liga Master, as mudanças que aconteceram na medida em que o campeonato alterou suas configurações e englobou novas equipes, serão discutidos no

próximo capítulo. Nesse momento, trago ao debate um processo de mudança no qual o grupo se manteve distante, ou seja, outras equipes fizeram alterações reguladas por uma lógica do rendimento, enquanto o Moinhos permaneceu com o mesmo *núcleo*, agregando *apenas* uma ou outra jogadora. Renovar a equipe significava dizer que pessoas estavam perdendo espaço ou que, no mínimo, precisavam construir um novo lugar, geralmente em *sentido contrário ao estar em quadra*.

Ao me referir sobre a organização esportiva da equipe, descrevi lugares que são assumidos no sentido de organização, como, por exemplo, Joana que se dedica à gestão do campeonato e “manter o grupo unido” e Marta que se tornou a tesoureira, responsabilizando-se pela administração da “caixinha”. Entretanto, algumas pessoas se afastaram da equipe e parte do *núcleo* foi parar no “departamento médico”. Essas “lesões” passaram a significar uma mudança na dinâmica da equipe, o que tornou as *jantas de quinta* menos recorrentes, quase eventuais.

Durante o ano de 2011 algumas mulheres deixaram de fazer parte dos treinos, entre elas estão: Patrícia, que se afastou *das quadras* com diferentes lesões; a Leila sofreu uma grave lesão durante um campeonato e decidiu parar de jogar voleibol; a Roberta assumiu novas responsabilidades no trabalho e também suas lesões acabaram definindo sua decisão de ir *menos* aos treinos e, por fim, no ano seguinte, aos campeonatos. Essas mulheres, não só estavam na maior parte do tempo *em quadra*, como também compareciam nas *jantas de quinta* e envolviam-se na rede de sociabilidade que mantinha esse encontro na dinâmica da equipe.

As *jantas de quinta*, que representavam um espaço de sociabilidade não só do grupo, mas como de demarcação nas relações familiares e no cotidiano dessas mulheres, com seu quórum reduzido, passou a ser realizada com data marcada e não mais de forma recorrentemente. Em entrevista, Taís colocou que “sente saudade das jantas de quinta”. Abaixo, trago um trecho de sua fala no momento em que conversávamos sobre as mudanças que aconteceram no Moinhos:

Eu sinto muita falta das jantas nas quintas feiras, nós tínhamos um ritmo nos primeiros anos que eu passei e até depois, que toda quinta feira a gente saía para tomar cerveja juntas, toda, toda, toda. Tanto que eu não deixava nada para fazer na sexta de manhã porque eu sabia que a gente ia deitar mais tarde, beber um pouco mais e tal. Quando eu mudei para outra cidade eu organizei de vir nas quintas feiras. Eu poderia me organizar de sair daqui [Porto Alegre] na terça e ir ao treino de segunda feira, mas não, eu me organizei para vir no treino de quinta feira porque a janta era muito importante. Era na janta que a roupa era lavada, era na janta que a gente se

conhecia mais e equipe que se sustenta fora da quadra aumentava o grupo e poder de grupo dentro de quadra. Mudou muito a quinta feira porque a Patrícia saiu do grupo, eu sinto muita falta da Patrícia no grupo, ela tem isso do social, de buscar, de ir, tanto que nos primeiros momentos sem a Patrícia ela ainda ia às jantãs de quinta feira, então o grupo mudou muito, eu sinto muita falta (TAÍS, 2012).

Durante outra entrevista, a de Ana, ela afirmou que “o grupo tem certa, hoje em dia menos, mas certa frequência desses encontros sociais” (ANA, 2012), complementando que o número reduzido de pessoas que poderiam estar no treino tornou esses encontros menos recorrentes. Durante o trabalho de campo, nas quintas feiras, continuei saindo para jantar com algumas mulheres que estavam no treino, mas esses encontros não poderiam mais ser entendidos como sendo *do grupo* ou *do núcleo*. No caminho para casa, enquanto retornava de carona com algumas delas, Joana fazia o convite “para comer uma coisinha”. Seguidamente nos dirigíamos à algum estabelecimento comercial e os assuntos estavam centrados em opiniões pessoais e não mais se discutiam as questões de toda a equipe ou tomavam-se decisões. Além disso, nesses encontros passei a encontrar mulheres de outras equipes que eventualmente também treinavam com o Moinhos.

As *jantãs de quinta feira*, ao longo do trabalho de campo, foram mudando no que se refere a quem estava presente e ao seu sentido dentro do grupo. Talvez esses encontros tenham deixado de acontecer com a mesma frequência como no passado da equipe ou como presenciei no início do trabalho de campo, mas continuavam a fazer parte do cotidiano do Moinhos e eram significativos como espaço de sociabilidade feminino. Assim como estavam reservados na dinâmica do Moinhos, as festas após as rodadas de campeonato também se tornam um espaço de convivência entre todas as mulheres do grupo, em especial, entre as que estavam presentes ao longo do dia de jogos.

O último sábado de cada mês estava destinado aos jogos da Liga Master, seja na agenda de compromissos do grupo ou na programação de cada uma das jogadoras e de suas famílias. Após o último jogo do dia, as mulheres do Moinhos permaneciam no ginásio, mas agora se deslocavam para o entorno do bar. Da mesma maneira que os jogos das rodadas estavam previstos, o encontro entre as mulheres que fazem parte da Liga Master no bar do ginásio também estava na lógica do dia.

Após o último compromisso com a tabela do campeonato, as mulheres do Moinhos dirigiam-se ao bar. Nesses momentos, a cerveja entrava em cena como um significativo elemento da sociabilidade e quem escolhia “não beber” corria o risco de tornar-se alvo de brincadeiras. Esses momentos eram encontros de toda a equipe, raramente alguém não

passava pelo bar depois do último jogo para conversar. Esse espaço também se caracterizava pela interação entre as equipes, no qual as trocas de informações e contato entre quem participava desse cenário solidificavam as relações sociais entre todas as jogadoras.

Nas rodadas da Liga Master que aconteciam na cidade de Porto Alegre, o *encontro no bar* se estendia para a casa de uma das mulheres da equipe. Por vezes, este estava marcado com antecedência, mas também poderiam ser combinados logo após os jogos. Diferente do momento que estavam no bar do ginásio e se aproximando de como aconteciam às *jantas de quinta*, após as rodadas o quórum desses encontros geralmente reduzia-se a quem fazia parte do *núcleo* da equipe.

Na *janta após etapa* era comum a presença de alguns maridos e outras pessoas próximas da equipe Moinhos como, por exemplo, amigos e familiares. Durante o ano que participei, geralmente encontrava as mesmas pessoas, mas raramente toda a equipe. Não havia impedimentos ou convites direcionados, mas para um pequeno grupo de mulheres esses encontros eram como uma espécie de continuidade da quadra e do dia de campeonato, diferente de quem, após as partidas, fazia outras escolhas. Cabe ressaltar que as *jantas após a etapa*, para algumas pessoas, entravam nas negociações familiares e nem sempre o Moinhos saía o privilegiado. Abaixo, trago uma das minhas conversas com Marta:

Nesse dia de treino, realizado em horário atípico, o ginásio do CETE foi ocupado das 16 às 18h. Era véspera de campeonato e 14 mulheres estavam presentes, um quórum bastante diferente dos treinamentos que vinham sendo realizados entre 7 e 10 mulheres. [...] Após o treino, estava combinada uma janta na casa da Taís, na qual estavam presentes as mulheres que recorrentemente tenho encontrado nas jantas de quinta e outras que pertencem ao Moinhos. [...] Durante a janta percebi que Marta estava sozinha, como se estivesse deslocada dos assuntos, então coloco minha cadeira ao lado dela e passamos a conversar. Entre um assunto e outro, enquanto ela olhava para o grupo ao mesmo tempo em que contava de sua vida familiar, uma de suas falas foi: “estou louca para ir para casa, meu marido está lá sozinho, não gosto de ficar fora muito tempo, eu sou de outra geração, diferente dessas gurias aqui [apontou para as mulheres da equipe] e você ainda é de outra” (Diário de campo, 23 de julho de 2011).

Nas *jantas de quinta* não era difícil encontrar Marta, embora sua iniciativa de sempre “ir para casa cedo” fosse motivo de brincadeira no grupo. No entanto, nas *jantas após etapa*, ela não esteve presente, enquanto realizei o trabalho de campo. Essas negociações entre sua família e o estar com o grupo pareciam ser permanentes na sua rotina. Por vezes, ela privilegiava a convivência com a equipe, dentro daquilo se sentia a vontade e, por outras, correspondia às representações de mulher e esposa construídas em sua trajetória.

No grupo havia mulheres que estavam em constantes negociações com seus maridos, o que já foi possível perceber, por exemplo, na fala de Marta. Em alguns encontros elas compareciam sozinhas, por vezes eles estavam presentes, mas outras escolhas, que não privilegiavam o grupo, também poderiam ser feitas. De uma maneira geral, o lugar do Moinhos estava em disputa, seja nas relações conjugais ou na rotina das mulheres solteiras. Durante uma *janta de quinta*, conversei com duas mulheres que mostram o espaço do grupo em suas relações pessoais:

Após o treino, retorno para casa de carona com a Joana. Durante o trajeto, mudamos os planos e decidimos ir ao Rodízio. Enquanto fazíamos um lanche, tradicionalmente acompanhado da cerveja do "pós-treino" de quinta-feira, os "homens" e os relacionamentos entram na pauta dos assuntos. Joana começa falando como era seu casamento com Carlos. Embora, atualmente, eles sejam divorciados, ela parece lembrar com satisfação que ele jamais "implicou com vôlei". Enquanto casados, ela dizia que sua liberdade com a equipe estava assegurada dentro dessa relação, conta que saía para viajar com o grupo sem problemas, comenta sobre as festas em sua casa, colocando que "o Carlos sempre foi muito parceiro". Na sequência descreveu seu segundo relacionamento, no qual o Roberto "não gostava de nada" e seguidamente perguntava quando ela ia "parar" [de jogar vôlei e organizar a Liga Master]. Entre outras questões, a "falta de parceria" do Roberto quando o assunto era o "grupo do vôlei" parecia contribuir para as discórdias entre o casal. Em suas falas, Joana colocou o esporte e, em particular, a Liga Master em lugar de destaque na organização de suas prioridades. Nessa mesma linha, Sandra entrou na conversa narrando seu último relacionamento, no qual as desavenças no que se refere à sua participação na equipe contribuíram para o término no namoro. Logo após, ambas pareciam argumentar no sentido de manter certa autonomia dentro de seus relacionamentos e assegurar sua liberdade, em especial quando o assunto era sua permanência na equipe Moinhos (Diário de campo, 13 de junho de 2011).

Os encontros do grupo não só faziam parte das negociações familiares. As relações sociais construídas e solidificadas nessa convivência atravessavam a formação dessas mulheres. Joana e Sandra, que me contaram suas histórias, rapidamente narradas no excerto de diário de campo acima, colocavam o Moinhos em lugar de destaque no seu cotidiano e nas suas relações matrimoniais. Essa situação era diferente do que acontecia com Marta. Para ela a ideia de mulher e seus papéis sociais estavam ligados a outras significações também compartilhadas no grupo.

As *jantas após as etapas*, que aconteciam em Porto Alegre, representavam na dinâmica da equipe um momento no qual a "roupa suja era lavada", geralmente entre o *núcleo*. Por diversas vezes presenciei análises minuciosas sobre os jogos, decisões e comentários sobre treinadores e jogadoras, assim como a discussão referente a

comportamentos e ações conflitantes dentro do grupo. Se, por um lado, os “assuntos sérios” sobre o grupo e a Liga Master faziam parte desses encontros, por outro, as brincadeiras e risadas sobre outros assuntos não eram deixadas de lado.

Nas viagens do Moinhos os “assuntos sérios” sobre a equipe perdiam seu espaço e quem estava presente entrava nas brincadeiras. Durante o trabalho de campo, acompanhei o grupo em duas etapas que não aconteceram na cidade de Porto Alegre, uma delas em Caxias e a outra em Lajeado. Essas viagens estavam previstas na organização do campeonato, sendo assim, as mulheres se programavam para passar o final de semana em outra cidade, alojadas em hotéis. Nessas etapas, após os jogos de sábado, ao invés do encontro no bar do ginásio, elas reuniam-se em um dos quartos do hotel. Embora eu tenha participado somente de duas viagens com a equipe, essa *reunião do quarto* parecia algo estabelecido na dinâmica das viagens e nele estavam presentes todas as mulheres que naquele final de semana representaram o Moinhos dentro de quadra. Antes de viajar, elas já me falavam desse momento, contavam dele com satisfação e o definiam como uma “concentração” antes da festa¹⁰, no entanto nele não presenciei discussões, assuntos sobre a continuidade da equipe ou as vi tomarem decisões.

A *festa de final de ano* foi o único momento que encontrei *quase* todas as mulheres da equipe, nela faltavam *apenas* duas que estavam viajando, na data marcada. Nesse encontro verifiquei a presença de quem estava no “departamento médico”, as que geralmente só faziam parte dos treinos e campeonatos, o *núcleo*, quem já havia decidido sair da equipe no próximo ano, quem já tinha parado de jogar voleibol, ou seja, nesse dia reuniu-se a equipe em um local reconhecido pelo grupo: a casa da Joana.

No decorrer do texto venho descrevendo certos encontros do grupo para além das quadras. As *jantas de quinta*, as *reuniões após as etapas* em Porto Alegre e fora da cidade, o *encontro no bar* e a *festa de final de ano* que se diferenciam uns dos outros quanto a quem está presente e ao que representam. Cada um deles era cuidadosamente negociado por elas na dinâmica da equipe e com outros espaços e tempos. Marcar esses encontros faz parte de uma intensa rede de comunicação, o “Moinhos News”, na qual as informações circulam a partir do *Facebook*¹¹, e-mail e contatos telefônicos. Através da interação entre quem faz parte do Moinhos, dentro ou fora das quadras, as pessoas se posicionam no espaço social e os referenciais simbólicos são sustentados nessa rede de sociabilidade.

¹⁰ Na última rodada de cada semestre, que corresponde à etapa final, entre o sábado e o domingo realiza-se um festa de encerramento entre todas as equipes.

¹¹ O Facebook é um serviço de rede social *online*.

Entre quem pertencia ao *núcleo*, os laços de afinidade pareciam mais intensos quando comparados à volubilidade das relações de quem, durante a pesquisa, dele não fazia parte. Essas diferenças conviviam na equipe, nem sempre de forma harmônica, mas elas eram negociadas assim como as significações que atravessam essas formas de pertencimento e sociabilidade. Ao articular questões conceituais sobre sociabilidade com os significados do esporte quando praticado no lazer, González (2007) constrói uma discussão com ênfase na proposta de George Simmel e, a partir de uma análise sobre a proposta desse autor, busca compreender a sociabilidade como algo inerente à forma de jogar que prioriza a ideia de desfrutar do processo ao invés de pautar-se pelos resultados dos jogos.

Inicio uma ideia de discussão com o texto de González (2007) através de uma rápida passagem ao modelo teórico de Simmel (1983), no qual ele oferece certos contornos ao conceito de sociabilidade. Ao estudar as interações sociais, esse autor desenvolve o conceito de *sociação*, o qual está ligado à forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que, por sua vez, estão de acordo com seus interesses e objetivos. Dentre essas formas de *sociação* encontra-se definida, especialmente, a ideia de sociabilidade como “a forma lúdica de *sociação*” (SIMMEL, 1983, p.169). Nessa linha, as manifestações de sociabilidade não estariam relacionadas a qualquer coisa além do próprio momento sociável, sendo assim, as condições e os resultados do processo de sociabilidade: “são exclusivamente as pessoas que se encontram numa reunião social” (SIMMEL, 1983, p. 170).

Após essa rápida passagem pelos conceitos simmelianos, retomo o diálogo com González (2007). Nesse momento, minha intenção não seria aprofundar-me na discussão a partir das noções de *sociação* e sociabilidade, mas compreender como esses conceitos foram relacionados com as práticas esportivas vivenciadas no lazer. É essa relação que colocarei em discussão com os dados da pesquisa que realizei na equipe Moinhos e na Liga Master Feminina de Voleibol.

Ao estabelecer uma relação entre o esporte como prática de lazer e a sociabilidade que o envolve, González (2007) propõe uma linha contínua de interpretação na qual se dedicou a análise dos seus dois extremos. Nessa polarização, de um lado, o autor desenvolveu a ideia de viver o esporte tendo como orientação a busca pelo resultado, próximo à noção de trabalho. No que se refere aos resultados, não necessariamente eles estariam ligados ao retorno financeiro, à conquista de medalhas e troféus, mas também aos ganhos simbólicos, como prestígio e reconhecimento. Nesse polo do trabalho, o esporte poderia ser compreendido como uma *sociação*, pois a participação dos protagonistas estaria vinculada à conquista de um objetivo. No outro extremo desse *continuum*, o esporte estaria ligado à brincadeira,

encontrando-se numa dimensão de *pretexto* e, por isso, distante dos conteúdos e metas da *sociação*, ligado, dessa forma, à noção de sociabilidade.

Ao buscar compreender os significados compartilhados pelo *núcleo* da equipe do Moinhos, os descrevi como relacionados à ideia de que jogar voleibol seria um “pretexto” para estarem reunidas e as brincadeiras fariam parte dos seus encontros. Mesmo estando ligada à ideia de sociabilidade do conceito de Simmel (1983) e, por isso, também relacionado à ideia da brincadeira, as metas e objetivos a serem alcançados não deixavam de se fazer presentes. Na análise entre as equipes que faziam parte do campeonato, em determinadas partidas, a vitória era o resultado que interessava a todas que estavam presentes, situação em que elas competiam de forma acirrada e a busca pelo resultando era significativa quando *entravam em quadra*.

Além dessas discussões sobre o lugar dos resultados na lógica do Moinhos, a dimensão do rendimento esportivo, seja ele individual ou coletivo, também fazia parte dos objetivos. Durante as entrevistas quando perguntei sobre o que as satisfazia dentro de quadra, sem exceções, escutei como resposta algo relacionado ao “jogar bem” ou “quando o grupo joga bem”. No decorrer dos jogos, por inúmeras vezes escutei Joana, que também fazia parte do *núcleo*, sugerir que outra levantadora, na sua avaliação em melhores condições para o momento, substituísse-a durante o jogo. Esses exemplos me ajudam a mostrar que o desafio, as disputas, os objetivos, mesmo que não estivessem necessariamente ligados ao resultado das partidas, estavam sempre presentes, acompanhavam os treinamentos, mas sem desconsiderar a dimensão da brincadeira e, de forma geral, da ludicidade *dentro e fora das quadras*.

Para algumas mulheres, o resultado das partidas era o objetivo central. Enquanto descrevia os significados para vitórias e derrotas dentro do grupo, ressaltai que as perdas recorrentes desestimularam algumas jogadoras, para as quais seria importante ganhar. Nessa discussão apresentei a situação de Rafaela, que havia decidido sair do Moinhos, mas após o telefonema de Joana, a convidando para retornar aos treinos, permaneceu com a equipe. Nem sempre Rafaela compartilhava dos mesmos códigos que o restante da equipe, seus interesses e objetivos, por vezes, pareciam ir de encontro aos de quem fazia parte do *núcleo*. No entanto, as relações sociais, construídas na convivência dentro da Liga Master, a fizeram permanecer convivendo no Moinhos.

A análise dos polos realizada por González (2007) foi o que me ajudou a pensar sobre o que encontrava na Liga Master e, particularmente, na equipe Moinhos. Os extremos do *continnum* elaborado por esse autor faziam parte de todos os momentos em que convivi com o grupo, pois, assim como, poderia encontrá-las na busca de resultados e desempenhos, nessa

mesma situação, a brincadeira e o *pretexto* também poderiam tornar-se evidentes. Essa discussão que permeia o conceito de sociabilidade, especialmente ligada às práticas esportivas situadas num tempo/espaço de lazer, contribui para compreender que a interação entre essas mulheres fazia parte de uma sólida rede de interação na qual as pessoas *sabiam* negociar os códigos compartilhados. Durante uma entrevista, concedida a revista Estudos Históricos, Gilberto Velho (2001, p.203) inicia sua fala sobre a noção de sociabilidade referindo-se ao conceito simmeliano e seus "rígidos" contornos. Logo após, o entrevistado cita outros autores representativos no campo das Ciências Humanas e Sociais que estudaram as relações interpessoais. Por fim, ele define que:

A sociabilidade é esse território em que você está lidando com as interações, com as redes de interações, com as situações interacionais dos mais diferentes tipos. É claro que, num outro plano, tudo é sociabilidade. Se você quiser ter um pouco de precisão, vale a pena fazer alguns esforços não muito dogmáticos e distinguir algumas áreas que são tipicamente classificáveis como áreas de reflexão sobre sociabilidade. Por exemplo, o folclore lida com a temática da sociabilidade, através dos jogos, das festas, das comemorações, o que está ligado diretamente à observação de indivíduos em interação (VELHO, 2001, p. 205).

No decorrer do texto procurei analisar essas interações sociais na dinâmica esportiva da equipe e nos encontros fora de quadra. A partir desse exercício vem sendo possível compreender como elas se posicionavam no espaço social da rede de sociabilidade que envolvia a equipe Moinhos. Quando falamos de esporte, como uma das possíveis escolhas para o lazer, a noção de sociabilidade encontrava seu espaço reservado nessa dimensão. Assim como existiam objetivos, a vitória e os jogos disputados “ponto a ponto” eram esperados em cada dia de competição e os “bons treinos” eram significativos na dinâmica do grupo, assim como, a descontração, o discurso do “pretexto” e a “hora da brincadeira” também faziam parte do Moinhos.

4 A EQUIPE ENTRE OS CONTORNOS DA LIGA

*Joana: eu to cansada, vou largar essa Liga.
Marta: mas e o que tu vais fazer da tua vida se largar?
Joana: Ah! Vou fazer outra Liga.
(Diário de campo, 29 de julho de 2011).*

No capítulo anterior, busquei centrar as discussões na rotina do grupo, dentro e fora das quadras. Dessa forma, procurei mostrar a rede de sociabilidade que sustentava a equipe e como determinadas significações faziam parte da convivência entre as mulheres que a ela pertenciam. No entanto, foi na convivência com elas que passei a perceber que fazer parte do Moinhos era tão significativo quanto estar inserido nos campeonatos e manter a equipe competitiva dentro deles. Ao perceber essas relações, diálogos como o que apresento na epígrafe desse capítulo passaram a fazer sentido e me ajudaram a também compreender certas particularidades da Liga Master Feminina de Voleibol.

É sobre a formação desse contexto e o lugar do grupo dentro dele que vou me deter no decorrer desse capítulo. O intuito é buscar compreender como foi se (re)construindo a Liga Master e, através do olhar *de dentro* do grupo, compreender o que a equipe representava nesse cenário. Para isso, me reportarei às histórias que conheci sobre sua formação, como eram organizados os campeonatos e quais pessoas circulavam nos ginásios, seja em quadra ou nas arquibancadas. Após oferecer esse olhar panorâmico sobre a Liga, me deterei nos contrastes entre as equipes e, dessa forma, evidenciarei qual era o lugar do Moinhos.

O início do trabalho de campo esteve marcado pelo investimento de aproximação com uma equipe feminina de voleibol e que, de preferência, se reconhecesse enquanto “veterana”. Naquele momento a intenção era me inserir em um grupo de mulheres para as quais o esporte estava, sistematicamente, entre suas escolhas de lazer. Nesse começo da pesquisa, pouco compreendia a dimensão da Liga Master Feminina de Voleibol, *somente* ouvia comentários que “a Liga faz...”, “na Liga acontece...”, “a Liga é...”, “a Liga tem que ser...”, mas pouco os entendia e continuava mais interessada no que estava acontecendo dentro do grupo.

Comecei a participar dos campeonatos porque faziam parte da rotina do Moinhos. Insistia em perguntas que me fizessem compreender porque a escolha de participar somente das competições da Liga Master, já que outros campeonatos aconteciam simultaneamente, inclusive na categoria master. Minhas questões continuavam na linha de compreender as relações sociais nesse grupo, mas nem sempre percebia que elas também estavam articuladas com outros *nós* que formavam a Liga e se estendiam para além de uma equipe. Algumas

decisões do trabalho de campo como, por exemplo, passar a fazer parte da equipe de arbitragem durante as etapas ou assumir o papel de treinadora, me fizeram sair das arquibancadas dos ginásios e direcionar o olhar para a Liga em relação ao que observava no Moinhos.

Através desse movimento, comecei a compreender que as particularidades desse grupo estavam articuladas com a trajetória de formação dessa Liga e com todas as equipes que dela faziam parte. Ao contarem suas histórias sobre o voleibol, inúmeras vezes, o cenário era as etapas dos campeonatos e as relações de amizade e, por vezes, inimizades, construídas ao longo dos anos de participação. Por outro lado, poucas vezes encontrei relatos sobre a formação da Liga, através dos quais poderia compreender como foram elaborados os contornos dos campeonatos e como eles se consolidaram dentro dessa forma de reunir diferentes equipes e formar uma associação. Sendo assim, havia uma lacuna que não me permitia entender falas recorrentes como, por exemplo, “a Liga mudou muito”, “agora não é mais assim”, “a Liga não foi criada para isso”.

Se as observações em campo não me ofereciam subsídios suficientes para compreender como iniciaram esses campeonatos, obtive uma pista ao ficar sabendo que Joana “estava na Liga desde o início”, assim como o Moinhos. Foi com esse interesse, de ouvir sobre a formação dos primeiros moldes dos campeonatos, que realizei uma entrevista com Joana. Abaixo, trago um trecho de nossa conversa:

[Enquanto Joana mostrava recortes de jornal sobre campeonatos de voleibol master que ela havia participado e algumas fotos em torneios dessa modalidade, passei a fazer perguntas sobre aquele material e, especialmente, como e onde aconteciam aqueles encontros. No entanto, rapidamente, deixamos de lado essas fotos (de outras competições) e começamos a conversar sobre a formação da Liga Master] Na real essa Liga começou no ano de 1975. Então, assim, todas aquelas mães que jogavam vôlei no colégio, que adoravam jogar vôlei no colégio, começavam a formar grupinhos assim. No São José tinha um professor, o Alcides, e dava muito isso, as mães nos colégios, como nossos filhos todos jogavam vôlei e a gente participava, ia para fora, viajava com eles, ia domingo de manhã para a praça ali do lado jogar voleibol, sabe essa coisa. Tipo o Santa Clara e todos os colégios particulares e mais uns de escolas públicas, então as mães que ficavam ali em um bolinho vendo os filhos começaram a se organizar "ah vamos fazer uma turma de vôlei?", "vamos jogar?", dai éramos lá do São José, da APM (Associação de Pais e Mestres) de lá, a gente foi formando grupos de vôlei e eles nos davam aulas duas vezes por semana. Durante a tarde ele dava para os meninos e durante a noite ele nos dava aula no ginásio do São José, era tipo vôlei misto assim, dai tu sabe a gente foi se organizando, dai juntaram outros colégios, o Santo Antônio, a gente fica ali na praça jogando (JOANA, 2012).

Certamente, existem capítulos sobre o início da formação da Liga Master aos quais não tive acesso. Durante o trabalho de campo algumas pessoas que fizeram parte dessas “turmas de vôlei” já haviam se afastado dos campeonatos. Além disso, não encontrei registros como, por exemplo, matérias de jornais ou documentos sobre esses primeiros grupos e seus campeonatos e para centrar na história *da Liga*, através de diferentes fontes, seriam necessários outros objetivos e investimentos durante a pesquisa. No entanto, elaborei um roteiro para as entrevistas que me permitiram encontrar alguns rastros sobre esses grupos e, dessa forma, pensar a trajetória do que já conheci como sendo *a Liga Master*.

Durante a entrevista, Joana inicia falando sobre algumas “turmas” ou “grupos” vinculados à Associação de Pais e Mestres de escolas particulares da cidade de Porto Alegre/RS. Embora tenha citado a presença de instituições de ensino da rede pública, em nenhum momento ela fez referência ao nome dessas escolas ou seu vínculo com a iniciativa de formação desses grupos. Nesse sentido, passo a entender que essas aproximações aconteceram entre pessoas de um mesmo espaço social, no qual o voleibol estava entre as possibilidades de escolha para um tempo de não trabalho. Essa iniciativa de formar “turmas de vôlei”, a princípio desde 1975, começa com a participação de homens e mulheres, o que Joana denomina como “vôlei misto”. Entretanto, essa formação se dissolve e elas decidem criar *equipes* femininas que passaram a representar as escolas em determinados campeonatos.

[Trecho da entrevista no qual falávamos sobre os primeiros contornos dos grupos] A gente fazia assim: sábado, uma vez por mês [aconteciam jogos entre as escolas], em um colégio particular, tipo o Imaculada, Rondônia, Santo Antônio, São Benedito. Depois foi formando aqueles times e depois foi se tornando muito competitivo, entendeu? Já não era mais aquelas mães que nunca jogaram. Daí o time de homens ficou muito competitivo, daí criava aqueles “climinhas” sabe? [...] Daí o que aconteceu, ficou muito [pausa], sabe assim ninguém queria perder, iam pegando gente que não tinha muita instrução, tu tinhas teu time formado e jogava, os homens começaram a brigar. Daí terminou e as mulheres que ficaram, tu entendeu? A gente montou nosso timezinho, o Moinhos, o Piracicaba montou o time deles e juntou gente dos outros colégios, a Gabriela montou o Nordeste. (JOANA, 2012)

No início da entrevista, enquanto Joana se referia às primeiras iniciativas de reunir os pais para jogar voleibol, sua fala estava direcionada aos “grupos” e “turmas”. Quando os assuntos se tornaram as competições e a representação de determinadas escolas nas disputas, as expressões passaram a assumir outro sentido, eram “times” e “equipes” buscando competir e convidar outras pessoas levando em consideração o rendimento esportivo. À participação dos homens, Joana relacionou com a competitividade e as brigas que passaram a acontecer

conforme os jogos foram tornando-se acirrados e “as mães que nunca jogaram” começaram a perder seu lugar.

Se, por um lado, as mulheres fizeram parte do esforço inicial de formação dessas equipes, por outro, passaram a perder seu espaço dentro dos jogos. Foi a partir dessa situação que as “mães” formaram seus grupos, nos quais os homens não estavam presentes, e iniciaram a organização de campeonatos envolvendo quatro escolas particulares de Porto Alegre/RS. Essas divisões entre homens e mulheres possuem profundas raízes na história do esporte, são segregações construídas através de negociações, permeadas por representações de masculinidades e feminilidades, nas quais as mulheres nem sempre tiveram as mesmas oportunidades, mas se mantiveram presentes nas disputas por espaços (MAGUIRE; DUNNING, 1997; MOURÃO, 2000; GOELLNER, 2005).

A partir da separação das equipes mistas, anunciadas na entrevista de Joana, *elas* retornaram para *as quadras* e deu-se início a formação de uma rede de sociabilidade entre mulheres. Ao se formarem essas primeiras equipes “veteranas”, gradativamente, a Liga Master passou a incorporar outras que já se construía nessa lógica de participar de jogos e competições. Durante a entrevista, Joana relatou uma pequena trajetória de agregação de diferentes grupos:

Bom, foram se formando vários grupos, entendeu? Dai tinha inscrição, pagava tanto, era de colégio ainda, tipo a gente alugava um colégio no fim de semana e jogava. Assim, jogava a etapa de sábado, a classificatória, e para domingo só ficavam aquelas quatro equipes que levavam o time para a final. Aquilo ali foi evoluindo. Evoluiu, evoluiu, de quatro times foram para oito, de oito foram para doze. [Durante uma pausa, insisto na pergunta de quantos times começaram e quais eram] Era o Chácara, esse Nordeste, a Associação e o time do Moinhos. Depois entrou o São João que depois virou o Nova Prata. E cada vez querendo ficar melhor. Participavam de tudo e iam pegando as pessoas boas, assim as que eram melhores. Fazia uma classificatória, final de semana, duas chaves e daquilo saiam os primeiros e domingo jogavam as finais. Não era como é agora (JOANA, 2012).

Se, ao iniciar, as competições eram realizadas entre quatro grupos, quando comecei o trabalho de campo, no final do ano de 2010, a Liga Master contava com treze equipes e, ao término de 2011, constituía-se de doze grupos. Além desses números se modificarem, os grupos não necessariamente se encontravam ligados às escolas de Porto Alegre/RS. No quadro de equipes da Liga Master foi possível encontrar grupos independentes de qualquer vínculo com instituições, assim como, também havia equipes que mantinham uma ligação com clubes e associações da região metropolitana. Essas diferenças entre as equipes serão

discutidas no decorrer do texto. Nesse momento, ressalto outro ponto da entrevista no qual Joana refere que a Liga “não era como é agora”. Qual a diferença entre o que observei no “agora”, quando me aproximei dos campeonatos, e o que “era” a Liga? Abaixo, trago um excerto no qual passamos a conversar sobre essas “mudanças”:

Então também foi ficando muito competitivo [comparação com o momento em que mulheres, que foram jogadoras reconhecidas no cenário do voleibol de Porto Alegre, passaram a jogar na Liga]. Porque assim, tu entrava com um espírito na Liga, como ainda acontece, nós vamos nos divertir, entendeu!? A gente vai lá para passar o domingo, era uma mulherada, era marido, era torcida, era uma coisa. Só que claro tudo vai evoluindo, daí quando tu vias eles iam buscar gente assim tipo a Bruna. A Bruna jogava um bolão e vinha de Bento Gonçalves pra jogar só a final e isso foi me enchendo, então o que aconteceu: a Liga se posicionou e aqueles times que estavam direitinho, aqueles times se posicionaram que não queriam mais aquilo, ou tu entras e jogas toda a etapa ou sai, não era pra trazer as boas para jogar. A Gabriela era tihosa, a campanha foi por causa da Gabriela, porque chegava a final da campanha, até a classificação todo mundo ia bem, mas chegava a final, quando era para ser campeão ela “botava pra quebrar”, ela ia buscar “as *tops* de linha” pra jogar e isso foi enchendo (JOANA, 2012).

Aquelas “turmas de vôlei”, que se formaram numa proposta de agregar pais para a prática desse esporte, foram assumindo outros contornos. O relato de mudanças que Joana apresentou como “evolutivas”, também fez parte da entrevista do Gustavo, que acompanha os jogos, de dentro das quadras, há mais de dez anos.

[Conversávamos sobre o início de sua participação como coordenador de arbitragem e suporte na organização dos campeonatos] O que eu consegui colaborar com a Liga foi que eu organizei, eu sistematizei uma atividade que era legítima, que já tinha uma organização da maneira delas, mas que aquela maneira estava sujeita a terminar se não houvesse essa mudança, porém o processo de mudança também trouxe essa questão da renovação, é outro grupo, é outro processo, é uma outra Liga, é uma outra coisa que foge do princípio inicial. Hoje a Liga é muito mais competitiva, ela é muito mais voltada para a questão do resultado e o que tinha, o objetivo delas era a questão do resultado, mas havia muito mais amizade, muito mais integração entre os grupos. O que eu vejo hoje é que muitas pessoas vão lá só para jogar, só pra bater bola, só porque gostam do esporte, mas não tem o comprometimento com o grupo que tinha no início da atividade. Então, as pessoas se reuniam para fazer jantãs em casa, pessoas se reuniam para fazer festas de Natal, para os aniversários, ainda tem alguns grupos que fazem isso, mas muito menos, a própria confraternização, a festa de confraternização ou a festa de encerramento no final, era muito mais curtida, era muito mais aproveitada, tanto que antes os torneios terminavam oito ou nove da noite, só dava tempo para tomar banho e ir para o lugar jantar e aí ficavam lá e dançavam e no outro dia estavam lá jogando. Elas estavam preocupadas com o resultado, mas tinha um certo equilíbrio. Elas não

estavam tão preocupadas com o resultado, de quem ia ganhar, porque elas já sabiam mais ou menos quem ia ganhar, se a outra tinha chance também, hoje não, hoje as equipes que realmente querem o resultado elas vão à festa, vão à janta, mas em determinado horário tem um profissional que determina que vão descansar que no outro dia tem jogo. Essa função do técnico também foi uma coisa que mudou bastante, porque antes algumas equipes não tinham técnico, algumas equipes trabalhavam de forma autônoma, outras tinham técnicos, mas eram técnicos tão velhos ou mais velhos do que elas, então era diferente o tratamento e as redes de trabalho, a maneira de conduzir as atividades com o grupo e então a característica da Liga que tô comentando contigo e tô fazendo um processo de evolução que é muito bacana, porque foi um grupo que, uma quantidade de pessoas que se reuniu, inconscientemente no meu ponto de vista, para fazer uma coisa que gostavam e que se tornou uma coisa cada vez mais profissional, a palavra que eu diria era essa: profissional. Do meu ponto de vista, cada vez vão entrar pessoas e equipes com qualidade técnicas semelhantes, vai se tentar manter o resgate dessa questão da integração, que a amizade entre os grupos é o mais importante, mas de fato o resultado, o primeiro lugar, vencer todos os jogos, vai ser o mais importante (GUSTAVO, 2012).

Ao traçar um quadro “evolutivo” da Liga Master, Joana construiu seus argumentos sobre a incorporação de jogadoras a partir de uma noção de rendimento esportivo. Nessa mesma linha, Gustavo enunciou que, como parte da “evolução” do campeonato, está a prioridade com os resultados das competições e acrescentou a ideia de um processo de profissionalização das equipes, seja nos objetivos das mulheres ou na contratação de treinadores “qualificados”. Esses olhares para a Liga, através dessa perspectiva de “evolução”, mostram que ela também estava entrelaçada com representações de esporte ligadas à lógica do alto rendimento e a um sistema de organização, proposto por Gustavo, mas reconhecido e sustentado pelas mulheres, que padroniza a construção das equipes e formula regras específicas para a Liga.

Durante o trabalho de campo, não era incomum escutar falas que me alertavam sobre essas mudanças. Seguidamente ouvia que “a Liga mudou muito”, “agora o que importa é ganhar”, “todo mundo quer as melhores”. Essas frases faziam parte das análises das mulheres “mais velhas” e que foram acentuadas durante as entrevistas. No entanto, apesar dessas considerações, agregar jogadoras sob as avaliações de seu desempenho esportivo não parecia ser uma “nova” questão. Desde os primeiros excertos de entrevistas, a partir dos quais venho procurando discutir sobre a (re)construção dos contornos para a Liga, as competições e os jogos acirrados pareciam estar *ao gosto* de quem escolhia fazer parte desse contexto, mesmo quando eram as “turmas de vôlei”. Então, o que mudou? Como as *diferenças* podem me ajudar a compreender o Moinhos na Liga que conheci durante o trabalho de campo?

No decorrer de sua entrevista, Gustavo se referiu a um “princípio inicial da Liga”, o qual ele relacionou com o *lugar* dos resultados nas prioridades das equipes e, logo após, também o vinculou à *integração* entre esses grupos que, no passado, acontecia de forma mais intensa. Ao invés de “princípio inicial”, a fala de Joana se reportou ao “espírito” da Liga. Essa expressão parecia resguardar a ideia de um espaço construído sob a referência da brincadeira, sendo essa uma noção cara à compressão da ludicidade que também faz parte dos espaços e tempos de lazer. O “espírito” de envolver-se com a Liga parecia ligado às negociações que aconteciam entre os investimentos na direção dos resultados dos jogos e a uma ideia de “brincar consigo, com o outro e com o contexto” (GOMES, 2004a, p. 145).

A partir do momento que direcionei meu olhar para os campeonatos, passei a procurar o que significava esse “espírito” e quem o relembra durante as conversas sobre os contornos/objetivos da Liga Master. Durante uma viagem com o Moinhos, consegui negociar minha presença numa reunião administrativa, na qual estavam presentes representantes de todas as equipes para debater sobre os rumos dos campeonatos.

[Etapa final do campeonato do primeiro semestre de 2011] Na sexta feira, enquanto as equipes chegavam à cidade dos jogos e acomodavam-se nos hotéis, começaram as ligações telefônicas e conversas sobre a possibilidade daquela rodada acontecer de forma atípica, pois a equipe da Associação começava a anunciar que não estaria presente para jogar naquele final de semana. Essa situação de fato se concretizou, nenhuma jogadora apareceu no ginásio dos jogos e uma reunião administrativa foi marcada para o sábado à noite, antes da festa de confraternização, entre representantes de todas as equipes. Ao saber da reunião, conversei com a Joana e com o Gustavo sobre a importância da mesma para a pesquisa e ambos me autorizaram a estar presente. Embora eu fosse um “objeto estranho” dentro daquela sala e alguns olhares curiosos se direcionassem para mim, ninguém questionou minha permanência. Entre os participantes estavam mulheres representando suas equipes, três treinadores e o Gustavo, que estava sentado à ponta da mesa escrevendo a ata da reunião e posicionado ao lado da Joana. Do canto da sala em que eu estava sentada, passei a prestar atenção nas falas, expressões e, especialmente, sob quais argumentos estavam sustentados os discursos. Durante a reunião, entre os assuntos discutidos, estavam as penalidades para a ausência daquela equipe na rodada final, as alterações no regulamento da competição, as cobranças no que se referia a certa “imparcialidade da arbitragem”. Debateram-se também questões referentes à dinâmica de organização dos jogos, sobre a profissionalização dos técnicos e a obrigatoriedade de participação na festa ao final dos campeonatos. Entre essas disputas, percebi, pelo menos, a existência de dois grupos que sustentavam suas falas em diferentes argumentos. Um deles, formado pelas mulheres “mais velhas” ou por equipes que se diziam pertencentes à Liga há “mais tempo”, recorrentemente, lembravam que o “espírito” estava ligado à confraternização entre as equipes, que comprometimento com o campeonato se construía através das relações sociais que dele faziam parte e não necessariamente pelos jogos a serem disputados e que a festa deveria ser um

“prazer” e não uma “obrigação”. Sob esses argumentos, a falta da Associação passou a ser considerada grave, pois infringia o “espírito” da Liga e deveria receber alguma punição. Por outro lado, encontrava argumentos distantes dessa expressão de “espírito” e a intenção de cobrança sobre essa equipe se referia a responsabilidade com os jogos, com o regulamento, com o fato de cumprir ou não a tabela do campeonato e as confraternizações, para elas, não pareciam ser pauta da reunião. Além dessas questões, as mulheres “mais novas” e dois treinadores estenderam suas exigências para os critérios de arbitragem, afirmando que eles deveriam tornar-se “mais rígidos”, pois segundo uma dessas jogadoras “todo mundo é master, quem tá aqui já sabe dar um toque e quem não sabe não vai aprender” (Diário de campo, 30 de julho de 2011).

Entre as discussões daquele dia, percebi um grupo de mulheres “mais velhas” na Liga reafirmando a existência do “espírito” para o envolvimento nas competições. No entanto, em sentido diferente, as “mais novas” levantavam questões sobre a padronização das equipes, regras do campeonato, profissionalização da arbitragem e comprometimento com a tabela de jogos. As confraternizações e os laços de sociabilidade não pareciam ser compartilhados na mesma forma dentro da Liga e o seu “espírito” convivia com a formação de equipes “cada vez melhores” sob o ponto de vista do rendimento esportivo.

A integração entre os grupos, que também fazia parte da representação do “espírito” da Liga, estava presente num documento *oficializado* como o Regulamento Geral da competição. Em seu primeiro artigo, encontramos o seguinte objetivo:

Art. 1º – Dos Objetivos.

a) A Liga Master Feminina, tem como finalidade principal congregar as equipes e dar incentivo à prática do voleibol às atletas participantes (LIGA MASTER FEMININA DE VOLEIBOL, 2012, p.1).

Embora a “congregação” estivesse *oficializada* como um objetivo, a interação entre as equipes e o envolvimento delas com as propostas do campeonato, pareciam receber uma atenção diferente dentro dessa perspectiva de “mudanças” na Liga Master. Se, por um lado, eu escutava diversas histórias sobre as festas ao final dos campeonatos, nas quais “se dançava a noite inteira”, por outro, não presenciei nenhum desses encontros em que os todos os grupos permaneceram no local após o jantar. No ano de 2012, a solicitação para as equipes continuarem a frequentar esses momentos também passou a ser artigo no Regulamento Geral da competição:

Art. 12º - Do Jantar de Confraternização.

Ficou definido que cada equipe deverá participar com no mínimo 05 das suas inscricas no jantar de confraternização organizada no final de cada semestre;

No ano de 2012, fica definido que o jantar deverá custar R\$ 20,00 como valor mínimo, e R\$ 25,00 como valor máximo por pessoa;

Se a equipe não puder comparecer ao jantar de confraternização, deverá colaborar com o valor de R\$ 125,00, valor máximo cobrado por cinco pessoas estipulado em 2012, valor repassado diretamente a equipe organizadora do jantar (LIGA MASTER FEMININA DE VOLEIBOL, 2012, p.4).

A festa ao final de cada etapa significava um espaço que, na continuidade das quadras, estava reservado para a sociabilidade entre todas as equipes e para o “pessoal da arbitragem”. Diferente desses encontros agendados, as relações entre os grupos estavam no cotidiano dos ginásios. Encontrava, durante as etapas, equipes distantes no que se refere à ocupação espacial das arquibancadas, mas mulheres aparentemente muito próximas que conversavam e circulavam durante todo o dia de competições.

No trabalho de Peixoto (1995, p.143) a “rede de vôlei da tia Leah”, localizada em Copacabana, não atraía somente os interessados no voleibol. Era no espaço entre o banco de reservas e a quadra que se formava um círculo de relações entre pessoas da mesma idade. Através das identificações entre quem *chegava para jogar* que aconteciam as trocas de informações, a prestação de serviços ou pequenos empréstimos para a cerveja durante o dia. No contexto da Liga Master, a identificação não acontecia somente em função da idade, mas se estendia para a afinidade entre mulheres, de um mesmo espaço social, que escolhiam envolver-se com os campeonatos no seu tempo de lazer.

Não era difícil encontrar homens nos ginásios, mas, geralmente, eles tinham funções a cumprir. No cotidiano da Liga, as mulheres estavam em número significativamente maior, o campeonato era formado, organizado e as decisões eram debatidas entre elas. Esporadicamente, encontrava alguns acompanhantes como, por exemplo, maridos, namorados e amigos, porém, os homens que naquele espaço circulavam e nele eram reconhecidos, provavelmente, estavam vinculados à equipe de arbitragem ou atuando enquanto treinadores.

Durante o trabalho de campo, acompanhei doze rodadas da Liga Master e, raramente, as torcidas ou pessoas que circulavam nos ginásios se estendiam para além das mulheres que, de alguma forma, faziam parte das equipes. Nas arquibancadas, o público era formado pelas próprias jogadoras e, por vezes, encontrei familiares, crianças e amigos na condição de espectadores dos jogos. A Liga Master me parecia um espaço *delas*, no qual a integração entre as equipes foi assumindo novos contornos, mas a rede de sociabilidade permanecia sólida ao longo dos anos de (re)elaboração dos seus contornos.

Enquanto me familiarizava com as “competições masters” e com as “veteranas”, obtive a informação que *havia outra Liga* que, por vezes, era denominada como a “Liga B”. Sendo assim, naquele momento, fui avisada que estava fazendo a pesquisa na “Liga A” e que a jogadora que estivesse inscrita na Liga Master não poderia fazer parte dos campeonatos da “Liga B”. Nessas duas organizações eu poderia encontrar jogadoras, regulamentos, equipes e, provavelmente, códigos sendo compartilhados de formas distintas. No entanto, fiz a escolha de não me aprofundar nos dois contextos, mas passei a procurar alguns contrastes que me ajudaram a compreender a Liga da qual o Moinhos fazia parte, sendo essa reconhecida como “Liga A”.

A “Liga B”, na qual realizei algumas observações *de fora e de longe* (MAGNANI, 2002), era denominada como Nossa Liga e também seguia a proposta de um campeonato feminino de voleibol na categoria master. Tendo em vista que não me aprofundei nesse contexto, passei a analisar as falas de pessoas que faziam parte da Liga Master e sob quais argumentos elas construam as diferenças entre os dois campeonatos.

Em diálogos nos quais as duas Ligas entravam em pauta, não era difícil perceber as posições dentro de uma escala hierárquica. Durante uma conversa, escutei Sandra definindo a Nossa Liga de uma maneira diferente das que recorrentemente encontrava: “eu chamo de ‘série B’, mas a Joana fica brava comigo” (Diário de campo, 18 de julho de 2011). Nessa forma de relacionar os dois contextos, Sandra construiu uma analogia com os campeonatos nacionais de futebol profissional e me ofereceu algumas pistas para pensar que as diferenças entre as duas Ligas também se encontravam resguardadas em questões simbólicas.

Significativamente distante do esporte de alto nível e suas *divisões* de campeonatos *em séries* a partir de questões financeiras, as duas Ligas não pareciam contar com recursos diferentes. Ao entrar nos ginásios onde aconteciam as competições da Liga Master e da Nossa Liga percebia de forma semelhante o uso e consumo de materiais esportivos reconhecidos no cenário do voleibol e, além disso, a estrutura física de onde aconteciam os campeonatos encontrava-se nas mesmas condições.

Se as condições estruturais dos campeonatos da Liga Master e da Nossa Liga eram semelhantes, as diferenças entre elas eram construídas a partir de noções simbólicas. Nos meus primeiros contatos com o campo, enquanto Patrícia, que naquele momento era a tesoureira do Moinhos, me explicava sobre o funcionamento das duas Ligas, uma de suas frases foi: “na A é que joga de verdade, na B é um pouco mais fraco” (Diário de campo, 28 de setembro de 2010).

Essas distinções não estavam presentes somente na fala das mulheres que jogavam na Liga Master. Por diversas vezes encontrei outras pessoas que circulavam entre as duas Ligas estabelecerem comparações entre os contextos. Abaixo, trago uma dessas situações:

Durante uma conversa com Pedro, enquanto as mulheres faziam o aquecimento do início do treino, ele começou a me contar, novamente, sobre as dificuldades da equipe. No momento em que ele se referia aos conflitos no grupo, perguntei se ele jogaria no final de semana com o mesmo time que estava naquele treino. Sua resposta foi que “sim” e logo complementa: “eu já propus delas juntarem algumas que tem menos experiência e jogar na liga B, mas elas não querem, vão se sentir ofendidas de jogar no campeonato mais fraco” (Diário de campo, 21 de outubro de 2010).

Nas duas situações descritas acima, a noção de rendimento esportivo atravessa as representações que fazem um campeonato ser considerado “melhor” do que o outro. O que Patrícia colocou como “jogar de verdade” parece estar relacionado com a lógica do alto rendimento e, nessa perspectiva, o capital esportivo assume certa legitimidade e posiciona as pessoas dentro de determinado espaço social. No segundo excerto, o treinador define a Nossa Liga também como “mais fraca” no que se refere ao rendimento dentro de quadra.

Essa noção sobre o rendimento esportivo torna-se central na definição do que era ter “nível” pra jogar na Liga Master. O *saber fazer* era uma condição importante e atravessava a formação desse contexto. Se, por um lado, o treinador da equipe Moinhos sugeriu que as mulheres com “menor experiência” passem a jogar na Nossa Liga, por outro, ele me oferece pistas para compreender que as trajetórias dentro do esporte e a exigência sobre um rendimento esportivo considerado “adequado” são noções significativas para fazer parte e se sustentar dentro da “Liga A”. Abaixo, trago um excerto que faz referência a uma equipe que passou a fazer parte da Nossa Liga:

Entre as conversas de início de treino, Bruno [treinador] contava algumas situações que haviam acontecido durante a rodada da Liga B, no último final de semana. Enquanto comentavam sobre uma das equipes, que tem uma média de idade próxima dos 50 anos, me chamou a atenção uma das falas de Ana: “é incrível que elas lêem o jogo muito rápido, tem perto de 65 anos, mas jogam muito, fazem as coisas e dão risada, enquanto todo mundo está se matando para jogar, elas estão dando risada”. Na sequência, ela complementa: “Elas jogam na B porque não tem mais nível para jogar na A” (Diário de campo, 13 de junho de 2011).

Através da fala de Ana podem ser levantados dois pontos significativos para compreender o rendimento esportivo como uma noção representativa dos contornos da Liga

Master. No primeiro momento, Ana se referiu ao conhecimento das jogadoras sobre o jogo e, na sequência, complementou que elas não rendem o suficiente para “jogar na A”. A partir dessa situação é possível considerar que *saber sobre*, isto é, *conhecer o voleibol* e ter uma trajetória dentro desse esporte, não estaria, necessariamente, articulado com o *saber fazer*, pois para manter-se jogando na Liga Master era preciso render “ao nível” do contexto.

Durante o trabalho de campo escutei uma única jogadora do Moinhos se referir à possibilidade de *trocar de Liga*. No capítulo anterior, posicionei Rafaela como uma das mulheres “mais novas” na equipe e que, após uma série de derrotas, havia decidido se afastar das competições. Assim como ela sugeriu a mudança para a Nossa Liga, essa proposta foi realizada por um dos treinadores que passou pelo Moinhos. Num dos excertos que trouxe ao debate anteriormente, Pedro também recomendou a mudança de Liga e, na sequência, colocou que elas se sentiriam “ofendidas de jogar um campeonato mais fraco”.

Assim como o capital esportivo posicionava essas mulheres no espaço social da Liga Master, permanecer nela significava também continuar a fazer parte dos campeonatos reconhecidos como “melhores”. Entrelaçadas com essas questões de *status* e prestígio que acompanhavam o pertencimento a “Liga A”, buscar sustentar-se nesse contexto também significava continuar a fazer parte da rede de sociabilidade que o envolvia.

Se, as primeiras iniciativas foram no sentido de formar “turmas de mães que adoravam jogar voleibol”, os contornos dos campeonatos foram se construindo e sendo reelaborados nas negociações entre as equipes. A Liga Master sustentava-se a partir de uma sólida rede de sociabilidade feminina na qual o “espírito da Liga” e os investimentos em “mega times” faziam parte de toda sua trajetória. Sendo assim, compreender essas disputas e buscar certos contornos me ajudou a estabelecer determinados contrastes entre as equipes e entender qual o lugar do Moinhos neste cenário.

Enquanto participei da Liga Master, efetuei o registro de quatorze equipes. Dentre elas, duas se dissolveram e as jogadoras passaram a integrar outros grupos que já faziam parte dos campeonatos. Ao longo do processo de formação da Liga Master, incorporar novas equipes passou a ser artigo do Regulamento Geral. Neste, encontrei a seguinte proposta:

Art. 3º - Das Equipes Participantes.

- a) Para um bom desenvolvimento da competição, está estipulado um número máximo de 12 equipes participantes, podendo futuramente este número ser alterado para mais ou para menos, conforme interesse das equipes que já participam da competição atual;
- b) Novas equipes podem solicitar sua participação através de contato telefônico, e-mail, ou de corpo presente.

c) O critério de participação de novas equipes nesta liga é feito através de convite, após análise e em consenso com as equipes que já participam do campeonato (LIGA MASTER FEMININA DE VOLEIBOL, 2012, p.1).

Como um recorte “ideal”, a Liga Master estabelecia o número de doze equipes para a formação dos campeonatos. Com exceção do segundo semestre de 2010, no qual a competição foi organizada entre treze equipes, nas outras duas etapas que acompanhei, as propostas do Regulamento Geral se mantiveram, embora houvesse equipes desejando entrar nos campeonatos. Mesmo que esse número fizesse parte do *papel* e, de alguma forma, o documento obtinha certa legitimidade nas negociações, as decisões sobre quais equipes poderiam jogar na Liga, além de não constarem nos artigos de forma clara, eram definidas pelas mulheres que dela já faziam parte. Durante o trabalho de campo houve algumas mudanças entre as equipes que compunham a Liga Master e foi a partir dessa situação que consegui compreender qual era a expectativa sobre um grupo que se envolvia nesses campeonatos.

No Regulamento Geral constava que a participação de novas equipes seria efetuada através de um convite. Enquanto estive circulando na Liga Master, não soube de nenhum convite, mas encontrei alguns pedidos. Uma dessas propostas de *entrar na Liga* partiu da equipe Capixaba, da qual participei de alguns treinos, no ano de 2011. No período no qual convivi com esse grupo, procurei deixar claro que estava na equipe para jogar os “campeonatos abertos¹²” e que registraria *apenas* o que fosse significativo para compreender a Liga Master e estabelecer alguns contrastes com o Moinhos. Durante um deslocamento para o treino, eu e Amanda passamos a conversar sobre a mudança dessa equipe da Nossa Liga para a Liga Master. Em seu relato, ela apresentou uma série de negociações que fizeram parte dessa troca e afirmou que: “conseguimos convencer a Joana de que somos uma equipe organizada, treinando direitinho e que estávamos afim mesmo de trocar de Liga” (Diário de campo, 23 de outubro de 2011).

Começar a fazer parte da Liga Master era submeter a equipe à determinadas avaliações por parte de quem já estava estabelecido nesse contexto. Essas decisões pareciam considerar determinada forma de organização e o *compromisso* com o campeonato como significativos para a incorporação de um novo grupo. Durante o trabalho de campo presenciei, por diversas vezes, Joana buscando informações sobre determinadas equipes e, algumas delas, permanecerem fora dos campeonatos. Entre as poucas conversas que pude acompanhar a respeito dessa questão, estava em pauta a análise sobre o rendimento esportivo, o que elas

¹² Os campeonatos denominados “abertos” não estipulavam um limite de idade para a participação.

chamavam de “nível”, e a *responsabilidade* com as competições, pois, segundo Joana, era preciso “entender a proposta”.

Entrar na Liga era uma decisão a ser negociada entre mulheres que, em diferentes proximidades, se conheciam e compartilhavam de informações sobre as equipes. Ao analisar o contexto dos campeonatos era possível perceber que esses grupos assumiam diferentes *lugares*, os quais eram simbolicamente construídos.

A observação os jogos da Liga Master, seja das arquibancadas ou do interior das quadras, acabou sensibilizando meu olhar para certas diferenças entre as equipes. Referente a essa questão, nos pequenos diálogos que prendiam minha atenção, além de respostas para minhas perguntas, buscava algumas pistas para entender determinadas divisões e, geralmente, encontrava as mesmas explicações para definir “quem era quem”.

Entre essas *construções locais*, formavam-se duas categorias cujos argumentos entrelaçavam a tabela do campeonato e os objetivos das equipes dentro dele. Na primeira conversa com Gustavo, em busca de informações sobre a organização das competições e do Regulamento Geral, ele apresentou a seguinte definição: “o campeonato se divide, basicamente, em dois. Um do primeiro ao sexto lugar e o outro do sétimo ao décimo segundo. Há equipes que ficam em uma zona intermediária, mas basicamente é isso” (Diário de campo, 13 de maio de 2011). Nessa fala, Gustavo posiciona as equipes de acordo com a tabela de classificação. Cabe salientar que essa divisão dos campeonatos não estava *no papel*, ela se construía no próprio andamento da Liga Master e não era precisa, mas vinha configurando-se dessa forma no decorrer dos anos. Durante a entrevista de Ana também encontrei essa separação:

Acho que acaba tendo dois torneios: um entre as primeiras cinco ou seis equipes e outro entre as equipes do sexto ao décimo segundo. Acho que tem isso porque é bem contrastante o nível. Tem alguns grupos que tem duas ou três jogadoras boas, mas não todas. Às vezes é em função da idade, como é o caso do Moinhos, a média de idade é bem mais alta do que do Fortaleza, Joinville. A Associação até que não, quer dizer, acho que sim, mas não é tão disporá a questão da idade, mas também a Associação acaba tendo a reunião de ex atletas de alto nível, que tem uma vivência do voleibol diferente e, evidentemente, essa diferença de bagagem pesa. Mas acho que existem duas pequenas Ligas dentro da Liga (ANA, 2012).

Os “dois torneios” que Ana descreveu se formavam a partir da diferença de “nível” das equipes. No excerto apresentado acima, ela relacionou a noção do rendimento esportivo com a avaliação sobre a “média de idade” e, ainda, com o que chamou de “vivência no voleibol” e “bagagem” das jogadoras que compõem determinados grupos. Essa questão é

significativa para mostrar que as equipes eram formadas por mulheres com diferentes trajetórias. Na Liga Master era possível encontrar jogadoras com passagem por clubes esportivos, os quais as mantinham sob um vínculo profissional, assim como, faziam parte das equipes, mulheres que construíram sua trajetória no esporte dentro de escolas, em equipes independentes de instituições e sem qualquer contrato de trabalho.

Ao posicionar o Moinhos no cenário da Liga Master, Ana o colocou como uma das equipes com a “média de idade” mais alta e a partir dessa noção explicou a diferença entre as equipes e os posicionamentos na tabela do campeonato. Além dessa heterogeneidade de idades e trajetórias que fazem parte desse contexto, o Moinhos era representado como uma das equipes com maior tempo de permanência na Liga. Sobre essa questão, Gustavo me ofereceu algumas informações, durante sua entrevista:

[Enquanto conversávamos sobre determinadas mudanças na Liga Master, ele passou a posicionar o Moinhos dentro desse processo] Eu tenho duas referências de equipes antigas: o Moinhos e o GRUD [...]. As equipes mais velhas tinham outra postura em relação à participação e as pessoas que faziam parte daqueles grupos eram amigos, eram pessoas que se relacionavam fora da quadra, eram pessoas que tinham nas suas relações familiares. Tu mesmo colocaste que a equipe te acolheu, né!? E isso é uma característica da equipe Moinhos, ela não só te acolheu, mas não é só pelo aspecto técnico, ela te acolheu como uma pessoa participante do grupo, para te convidar para viajar, isso é que era a essência de todas as equipes, entendeste? (GUSTAVO, 2012).

Durante o trabalho de campo, entre as doze equipes que faziam parte da Liga Master, encontravam-se grupos vinculados a clubes esportivos, os quais contavam com o auxílio¹³ desses estabelecimentos, mas também havia equipes independentes de qualquer ligação institucional. Embora o Moinhos tenha se formado dentro de uma escola da cidade de Porto Alegre e adotado o seu nome para representar a equipe nos campeonatos, não existiam *vínculos formais* com essa instituição. Inclusive, enquanto o grupo se manteve treinando nesse local, o ginásio era alugado, os materiais utilizados para os treinamentos pertenciam à equipe e as mulheres não estavam profissionalmente ligadas à escola.

Dentro dessa escola, iniciou-se à *organização* de uma equipe que se mantinha pertencente à Liga Master desde os seus primeiros campeonatos. Essa representatividade ganhou destaque durante a entrevista de Gustavo, na qual ele considerou o Moinhos como

¹³ Cabe ressaltar que, a disponibilidade de recursos financeiros era negociada entre a equipe e o departamento esportivo de cada uma das instituições representadas na Liga Master. Sendo assim, os clubes ofereciam recursos financeiros e materiais de acordo com suas possibilidades e critérios.

uma das "equipes mais antigas" e relacionou essa posição aos significados que faziam parte do envolvimento desse grupo no contexto.

Essa divisão da Liga Master em “dois torneios” não somente distinguiu as equipes de acordo com o posicionamento da tabela, como oferecia caminhos para compreender os significados que faziam parte do envolvimento desses grupos com os campeonatos. Essa relação foi descrita por Joana durante sua entrevista:

Os times do sétimo lugar ao décimo segundo, mais ou menos, pensam que nem eu, isto é, estamos ali para nos divertir, para congregar, para passar um final de semana legal, sem função de horário, de voltar para casa, porque a gente já tem a vida feita. Tem times que só estão ali para ganhar, tipo o Fortaleza. Tem times que são montados tipo o da Priscila assim, ela treinou um pouco com a gente, com o GRUD, daí o que aconteceu, ela é uma pessoa competitiva, queria um time competitivo, não é como o Norte, porque o Norte elas querem ganhar, é um time competitivo, elas querem ganhar, mas também se elas não ganharem não vão morrer. Agora o Fortaleza sim, o lema delas é ganhar, ganhar, ganhar, não é congregar, tanto que não é que elas vão pra lá e não falam com ninguém, poucas tomam uma cervejinha, vão conversar, contar sua vida, mas são poucas, elas ficam lá entre elas. O Catarina é aquele time que tu conheces, elas querem ganhar, procuram gente nova, são competitivas, mas elas não vão morrer se elas ficarem em primeiro ou em sétimo (JOANA, 2012).

Através desse excerto é possível evidenciar um contraste entre as equipes no que se refere aos seus investimentos nas competições e formação dos grupos. Embora a *competitividade entre as equipes* atravessasse a formação e o envolvimento de cada uma delas com a Liga Master, o resultado parecia ser significado de maneira diferente. Joana ressaltou que o “lema” de uma das equipes que disputava do primeiro ao sétimo lugar era “ganhar e não congregar”. Nessa mesma colocação na tabela, estavam outras equipes que também investiam no resultado das competições, por exemplo, ao “procurar gente nova”, mas, ao mesmo tempo, buscavam estabelecer laços de sociabilidade nesse contexto.

Nos três campeonatos que acompanhei do início ao fim, somado à análise do histórico das competições, a colocação do Moinhos manteve-se entre o sétimo e o décimo segundo lugar. No capítulo anterior, procurei mostrar que dentro do grupo conviviam significados diferentes para os resultados dos jogos, embora estabelecer disputas acirradas estivesse *ao gosto* de todas as mulheres. Sem deixar de considerar essa heterogeneidade interna, a equipe ocupava um *lugar* no cenário da Liga Master e nela passou a ser representada como uma das equipes “mais antigas” e que não havia passado por um processo de renovação semelhante ao

dos outros grupos. Essa classificação do Moinhos nos campeonatos e a incorporação de outras pessoas à equipe também fez parte da entrevista da Ana:

Não me incomoda que o Moinhos não fique nas primeiras posições, isso não me incomoda, apesar de ser muito competitiva. É como eu te coloquei eu tenho uma coisa assim, eu tenho uma cobrança muito grande sobre a minha performance, mas a questão do Moinhos eu tenho uma afetividade tão grande pelas pessoas que, em função disso, o fato de não estarmos nas primeiras posições não é uma coisa que me incomode. Eu não tenho, normalmente, esse tipo de pensamento, que eu olhe para algumas pessoas e diga "bah! eu queria que essas pessoas viessem para o Moinhos que aí o Moinhos vai ficar entre os primeiros". Eu nunca pensei assim (ANA, 2012).

Durante a entrevista, Ana deixa claro que a competição e o seu desempenho esportivo fazem parte do seu envolvimento com o esporte e, em particular, com a Liga Master. No entanto, os laços de sociabilidade parecem ser tão significativos quanto os processos de disputa que se constroem dentro dos jogos. Na mesma linha da fala de Ana, outra mulher da equipe colocou que “ganhar de uma equipe como a Rio ou de outra equipe superior a nossa [no que se refere ao rendimento esportivo] é só a cereja do Martini. O Martini em si era ver como a nossa equipe estava bacana e o quanto aquilo ali estava bacana” (TAÍS, 2012).

Se, por um lado, manter as particularidades do Moinhos era significativo para a equipe e o lugar no campeonato não estava entre as preocupações de todo o grupo, por outro, ele assumia um *lugar* de menor prestígio no que se refere ao rendimento esportivo, pois essas noções sobre o “nível” também faziam parte e conferiam *status* a quem integrava a Liga Master Feminina de Voleibol.

5 “É LAZER, TUDO BEM, MAS É SÉRIO”

Desde o instante em que escutei essa frase – “é lazer, tudo bem, mas é sério” (Diário de campo, 16 de novembro de 2010) - passei a buscar compreender o que atravessava essa fala que não recebeu qualquer contestação na situação em que foi dita. Se, para as mulheres que faziam parte do Moinhos, parecia não soar *estranha* a afirmativa, para mim, não era algo *familiar*. Naquele momento, minhas concepções sobre lazer me fizeram perceber, na seriedade, uma contradição num espaço/tempo que era significado como espaço de liberdade, de ludicidade, de escolha¹⁴. Foi dessa maneira que o campo me instigou a buscar uma discussão sobre o lazer como uma dimensão da vida dessas mulheres que também poderia “ser séria”.

Nos capítulos anteriores procurei inserir o leitor na dinâmica de um grupo de mulheres e apresentar as relações da equipe com a Liga Master Feminina de Voleibol. Nesse percurso, passei a mostrar de que modo elas envolviam-se com o esporte, assim como as significações que estavam em disputa na particularidade e entre esses contextos. Neste capítulo, buscarei construir algumas relações em meio às discussões teóricas sobre o lazer e certos dados empíricos. Com esse debate procurarei compreender um espaço/tempo como uma dimensão da vida social, negociada na complexidade do cotidiano, da qual a seriedade, os investimentos e as restrições também pareciam fazer parte.

A proposta de discutir sobre lazer poderia assumir inúmeros pontos de partida. Um deles seria pensar o lazer a partir do trabalho e sua lógica de produtividade, cujas relações também fazem parte da própria construção de um campo de estudos¹⁵. Neste trabalho, venho considerando o lazer como algo que é “bom para pensar” (MAGNANI, 2000, p.23). Nessa perspectiva, Magnani (2000) utilizou-se de uma formulação de Lévi-Strauss, sobre a qual ele apresenta as espécies naturais não só como *boas para comer*, mas como *boas para pensar* determinados povos. Nesse sentido, o autor mostrou que além de *bom* para repor as energias de uma longa jornada de trabalho, o lazer é *bom para pensar* os valores e as dinâmicas da sociedade.

Ao realizar o trabalho de campo, pude conviver com este grupo que optou por esta que seria apenas uma entre as inúmeras possibilidades de práticas de lazer. Assim, passei a buscar entender determinadas negociações que faziam parte da complexidade do cotidiano e,

¹⁴ Essas noções aparecem, com certa frequência, na bibliografia sobre lazer no contexto da Educação Física brasileira.

¹⁵ Inicialmente, para compreender o desenvolvimento histórico do campo de estudos sobre o lazer poderiam ser consultados os trabalhos de Gomes (2003) e Gomes e Melo (2003).

particularmente, da formação de um espaço/tempo. Os estudos no campo do lazer nem sempre se fazem distantes de compreender esta prática em oposição ao trabalho ou, ainda, como “uma dimensão da vida entre parênteses” (STIGGER, 2009, p.76). Pensar as divergências entre lazer e trabalho encontra-se presente na proposta de Dumazedier (2008), formulada na década de 1970. Este autor influenciou não somente na constituição de um campo de estudos no Brasil, como continua a mostrar-se presente nos trabalhos que o tem como tema e/ou *locus* de estudo. Em sua citação clássica, o lazer é definido como:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2008, p. 34).

De acordo com essa concepção, o lazer estaria envolto por uma lógica que vai de encontro às obrigações do cotidiano, especialmente, quando relacionado ao trabalho, à família e às obrigações sociais. Ligado a essas distinções entre as esferas da vida social, Dumazedier (2008) apresenta as três principais funções do lazer, as quais foram identificadas através uma pesquisa quantitativa, realizada com operários e empregados da indústria fabril:

As respostas [do questionário direcionado aos trabalhadores] diferenciam-se em três categorias que, a nosso ver, correspondem às três funções mais importantes do lazer: a) função de descanso; b) função de divertimento, recreação e entretenimento; c) função de desenvolvimento (DUMAZEDIER, 2008, p.32).

As formulações teóricas desse autor estão sempre acompanhadas de volumosos dados quantitativos, juntamente a um olhar funcionalista sobre a forma de pensar o lazer. Não tenho dúvidas que a escolha das mulheres por envolverem-se com o esporte ou, particularmente, com o voleibol, de alguma maneira estava (e está) atravessada pelo descanso, pela diversão e desenvolvimento pessoal. No entanto, elas não só *serviam* ou eram *boas para repor energias* após o trabalho, como significavam o envolvimento com uma rede de interação na qual o esporte, inclusive o desgaste físico de cada jogo e treinamento também fazia sentido – voltarei nessa questão adiante.

Ainda que essas discussões propostas por Dumazedier (1979; 2008) sejam pensadas a partir de um olhar que procura as funções do lazer, Christianne Gomes (2008) observa que o conceito ainda é bastante empregado em diferentes áreas do conhecimento, entre elas

encontramos a sociologia, psicologia, pedagogia, turismo, administração e terapia ocupacional. Significativas críticas são tecidas em relação a essa forma de pensar o lazer. O artigo de Faleiros, publicado no ano de 1980, aponta que o conceito de Dumazedier não era pensado levando em consideração a dinâmica social, na qual as manifestações do lazer estão envolvidas. Para Faleiros (1980), o autor formulou um conceito operacional de lazer, preenchido com atividades sociais que correspondam às funções apresentadas acima, mas sem explicá-lo.

Pensando na complexidade das dinâmicas sociais, Gomes (2004b) coloca que essa polarização entre trabalho e lazer deixa de fazer sentido na atualidade. Essa afirmativa ganhou respaldo no trabalho de Blass (2008). Ao estudar os preparativos do carnaval na Cidade do Samba, localizada no Rio de Janeiro, a autora mostrou que as fronteiras entre essas duas dimensões pareciam estar obscurecidas e, em determinadas situações, deixavam de existir. No contexto em que a pesquisa se desenvolveu, a lógica de funcionamento era capaz de abrigar práticas de trabalho e emprego, criar estratégias para a captação de turistas e consumidores, mas sem deixar de ser considerado como local no qual se encontravam as “diferentes formas de brincar o carnaval” (BLASS, 2008, p.86).

No âmbito do esporte, Myskiw, Mariante Neto e Stigger (2010) se propuseram a discutir essa noção de trabalho no circuito de futebol de várzea, vinculado à Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer e às Ligas de Futebol Amador de Porto Alegre/RS. Através dos dados de uma pesquisa etnográfica, os autores passam a construir um debate sobre o que denominam de *trabalhadores da várzea*. Essas pessoas, que conheciam o contexto e, portanto, sabiam como exercer suas atividades da maneira mais lucrativa, ocupavam os espaços do campo e, especialmente, o seu entorno para obter e/ou reforçar sua renda familiar. Além da equipe de arbitragem, os vendedores, fotógrafos, catadores, jornalistas e freteiros realizavam suas atividades profissionais e organizavam seu comércio, assim como, viviam o futebol e faziam parte de um espaço/tempo reconhecido como um ambiente de lazer.

No primeiro trabalho citado, o carnaval da Cidade do Samba parecia dividir-se entre a vivência dos foliões que, por vezes, também eram os trabalhadores a construir os cenários e suas fantasias, e um mercado de consumo e atividades profissionais também significativos para a continuidade daquele espaço/tempo de lazer. Os *trabalhadores da várzea*, entre as brincadeiras, jocosidades, xingamentos e tensões inerentes à vivência do futebol naquele contexto, garantiam uma *renda a mais* ou encontravam a maneira de garantir o sustento de suas famílias.

O mercado de consumo e o apelo turístico que envolvia o carnaval da Cidade do Samba e suas atividades profissionais, não fazia parte do que encontrava na Liga Master Feminina de Voleibol. No entanto, os trabalhadores da pesquisa de Blass (2008) pareciam engajar-se na própria preparação do carnaval. Remunerados de formas diferentes ou sem retorno financeiro, trabalhavam na construção daquele espaço/tempo e o escolhiam também como lazer.

No contexto da Liga Master não era incomum encontrar mulheres destinando parte do seu tempo para envolver-se na preparação de cada rodada do campeonato. Durante o trabalho de campo, acompanhei, especialmente, as atividades da Joana, pois ela recebia o cargo de Coordenadora Geral da Liga. Na realização da entrevista com ela, consegui retomar o assunto sobre a lógica de trabalho que poderia estar envolvida em sua atividade:

[Iniciei a conversa dessa forma: “sempre te vejo bastante envolvida com a organização da Liga...”] É, mas não é um trabalho, é um prazer. É uma coisa que eu gosto. Estamos sempre assim conversando, contando história e isso aí me envolve, tô sempre conhecendo gente (JOANA, 2012).

A fala de Joana parecia estar atravessada por uma determinada representação de trabalho, mas não posso deixar de considerar que ela se colocava na responsabilidade de organizar a Liga Master e, a partir disso, se autorizava a tomar determinadas decisões sobre a dinâmica dos campeonatos. Assim como ela investia seu tempo na preparação das rodadas, contratação da equipe de arbitragem, negociações sobre a utilização de ginásios para as etapas, obtenção de premiações para as equipes, naquele espaço, ela também trabalhava com a comercialização de peças do vestuário feminino.

Assim como Joana sabia o que vender, ela havia construído uma rede de comercialização de seus produtos, pois não era incomum encontrar pessoas procurando-a para *olhar suas roupas*. Desde as primeiras etapas da Liga Master nas quais estive presente, já se mostravam recorrentes as trocas comerciais nas arquibancadas:

Durante o sábado, percebi a comercialização de diferentes mercadorias. Uma mulher que não parecia estar vinculada às equipes passou o dia com uma “arara” montada entre um degrau e outro da arquibancada, procurando vender roupas esportivas. Um senhor oferecia toalhas bordadas para as mulheres que estavam no ginásio; Via algumas pessoas circulando com caixas de tênis, andando para lá e para cá, enquanto experimentavam roupas, trocavam opiniões sobre produtos e realizavam diferentes compras (Diário de Campo, 26 de março de 2011).

No dia a dia dos ginásios, encontrei pessoas vendendo cosméticos, roupas femininas, tênis, joelheiras, bolas de vôlei, material de treinamento e, para minha surpresa, durante algumas etapas, encontrei a comercialização de sapatos “de salto” que não pareciam ter qualquer relação com o meio esportivo. Assim como os *trabalhadores da várzea* da pesquisa de Myskiw, Mariante Neto e Stigger (2010) sabiam o que poderiam vender, qual espaço a ocupar e quem era o público em cada campo, as mulheres e outras pessoas que faziam parte da Liga Master comercializavam seus produtos para consumidoras já conhecidas, e estabeleciam suas relações comerciais ao mesmo tempo em que se preparavam para os jogos.

Através da relação entre essas pesquisas, venho procurando mostrar que as fronteiras entre trabalho e lazer e, principalmente, a oposição entre essas duas dimensões podem se dissolver de acordo com cada contexto. No entanto, mesmo que as distinções tornem-se imprecisas e/ou passem a conviver na lógica de determinadas dinâmicas sociais, os espaços e tempos permanecem sendo reconhecidos como *de lazer*.

Diferente da oposição entre as dimensões do cotidiano, Marcellino (2002; 2008) busca uma relação entre as esferas da vida social e apresenta uma compreensão do lazer vinculada à combinação de dois aspectos. Um deles estaria relacionado ao *tempo* em que as pessoas se envolvem com suas práticas, o qual poderia ser considerado como um *tempo disponível* de obrigações, especialmente, no que se refere ao trabalho. A outra noção a ser considerada, está ligada a *atitude* dos sujeitos frente às atividades que escolhem para esse *tempo disponível*. Cabe salientar que, de acordo a proposta desse autor, um traço significativo da *atitude* estaria relacionado à satisfação e a liberdade de escolha por determinada vivência. A partir dessas noções, o lazer pode ser definido como:

A cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no ‘tempo disponível’. O importante, como traço definidor, é o caráter ‘desinteressado’ dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação (MARCELLINO, 2002, p. 31).

Durante o trabalho de campo, ao conviver, sistematicamente, com esse grupo de mulheres, passei a compreender quais significados faziam parte da sustentação da equipe e sua permanência no cenário da Liga Master. Nesse trajeto encontrei determinadas experiências cujos sentidos eram compartilhados, nem sempre de forma harmoniosa, mas que tornavam as fronteiras simbólicas daquele espaço/tempo de lazer compreensíveis e diferentes de outros contextos. Cabe ressaltar que esses dados empíricos estão ligados a um conceito semiótico de cultura (GEERTZ, 1989) a partir do qual se compreende as dinâmicas sociais

entrelaçadas a uma rede de significações, formada pelos indivíduos que também se formam a partir dela. Essa maneira de pensar a cultura parece ser diferente de entendê-la “no seu sentido mais amplo” (MARCELLINO, 2002, p.31). Sem deixar de considerar essas divergências, trago o conceito de Marcellino ao debate, pois, além de colocar o lazer dentro de uma perspectiva sociocultural, a noção de *tempo disponível* fez parte das tensões que permearam a pesquisa.

A *disponibilidade de tempo* a qual Marcellino (2002) se refere está ligada à possibilidade de optar pela atividade prática ou contemplativa a ser vivenciada no lazer. Durante o trabalho de campo, deparei-me com situações nas quais percebia que as escolhas que privilegiavam o envolvimento com o Moinhos e com a Liga Master faziam parte de *negociações entre os tempos*. A *possibilidade de optar* nem sempre se referia a um *tempo disponível* de outras obrigações, mas um *tempo negociado* no qual as mulheres sabiam mediar o *lugar* do lazer no seu cotidiano. Assim como essas disputas se relacionavam com o pertencimento delas à rede de sociabilidade, atravessavam a formação desse espaço/tempo em que *outras obrigações* também estavam presentes.

Ao frequentar os ginásios onde aconteciam as competições da Liga Master, não era incomum encontrar crianças que, enquanto inventavam suas brincadeiras nas arquibancadas, assistiam suas mães participando dos jogos. Durante o trabalho de campo, participei de uma reunião na qual ficou determinado que as pessoas que estivessem participando das equipes ou da arbitragem não poderiam circular no espaço das quadras, delimitado por grades, durante os dias de jogos. No entanto, antes dessa decisão, era frequente a presença de alguns filhos(as) caminhando à volta das quadras. Abaixo, descrevo uma dessas situações:

[Sábado de etapa do campeonato] Enquanto assistia aos jogos, sentada na arquibancada lateral, a demora em retornar de um pedido de tempo chama minha atenção. Com exceção de uma jogadora, todas as outras já estavam em suas posições. Ao procurar a mulher que “faltava em quadra”, acabei encontrando-a na tarefa de trocar a roupa de sua filha que estava em pé, em cima do banco de reservas, na lateral da quadra. Rapidamente, ela mudou a blusa da menina, arrumou seu casaco e somente quando terminou de aprontá-la, retornou para quadra. Não escutei nenhum comentário quanto a essa situação, seja por parte de outras jogadoras, técnico ou qualquer posicionamento da arbitragem ao que seria uma situação de punição devido ao retardo na continuação da partida (Diário de Campo, 30 de abril de 2011).

Através desse excerto procuro mostrar que as obrigações familiares (envolvidas com o fato de *ajudar a filha a trocar-se*) e as exigências que faziam parte do esporte (ela *precisava retornar à quadra*), conviviam no cenário da Liga Master. Essa situação era semelhante ao

que acontecia com Duda, uma das jogadoras do Moinhos que levava seu filho para as rodadas dos campeonatos. Acontecimentos como esses eram recorrentes. Nesses dois casos não presenciei qualquer impedimento ou desavença em função da presença e atenção destinada aos filhos que, aparentemente, ainda não haviam passado dos cinco anos.

No decorrer do capítulo anterior, utilizei o exemplo de Marta no debate sobre as pessoas que faziam parte dos jantares da equipe. A partir de algumas situações registradas no diário de campo, passei a mostrar como sua convivência no dia a dia do Moinhos parecia estar sempre em negociação com sua esfera familiar. Por vezes, ela permanecia com o grupo e, em outros momentos, privilegiava a convivência com o marido e correspondia aos pedidos das filhas no cuidado com os netos. Em outra situação, durante a entrevista de Rafaela acabei conhecendo um pouco de suas negociações para *encontrar tempo* e envolver-se com a equipe, seja nos treinamentos, nas *rodadas de sábado* ou em outros encontros. Nas suas escolhas, nem sempre a equipe ganhava a atenção, especialmente, no que se referia às viagens de férias. Essa situação chegou a causar certa divergência no grupo, narrada por ela durante nossa conversa:

[Quando perguntei sobre sua rotina ela começou sua explicação a partir do *lugar* do voleibol em suas escolhas] Eu adapto o vôlei à minha vida e não a minha vida a ele. Eu percebi isso no dia em que fui marcar uma viagem com o Rafael e a Ana me ‘xingou’, não diretamente para mim, mas no grupo ela falou que as pessoas tinham que pensar antes de marcar as viagens e estar de acordo com as datas dos jogos (RAFAELA, 2012).

A escolha de estar presente nas atividades do grupo parecia fazer parte de uma série de negociações. Se, por um lado, Rafaela privilegiou a viagem de férias com o namorado, por outro, ela precisava agenciar essa decisão nas relações com a equipe e seus compromissos no campeonato. Não era incomum perceber essas mulheres planejando suas atividades de acordo com a *tabela do campeonato* e, assim, acabavam ajustando suas vidas familiares aos compromissos com a Liga Master. Essas situações estavam recorrentemente em disputa, pois a equipe exigia um comprometimento e assiduidade de suas jogadoras, como, por exemplo, o exposto na fala de Ana sobre o agendamento das viagens.

As situações que procurei trazer ao debate são caminhos a partir dos quais procurei mostrar que determinadas negociações sobre como o *tempo de lazer* fazia parte do cotidiano dessas mulheres. A esfera familiar, de alguma maneira, estava presente na Liga Master, fosse na participação dos filhos e cônjuges ou na ausência dos mesmos, pois aquele *tempo* era disputado, por vezes, simultaneamente, com outras dimensões. O envolvimento com a equipe

também entrava nas negociações com o trabalho. Entre as *obrigações profissionais* elas procuravam conciliar uma rotina de treinamento, o envolvimento com os jogos e, para algumas, os jantares e festas da equipe. Deixar de participar dos “compromissos” do Moinhos em função do trabalho era recorrente e não recebia qualquer tipo de contestação na lógica do grupo.

Em algumas situações, nas quais fiz parte da equipe como treinadora, acabei lidando com a agenda de trabalho de Carol que, entre um compromisso profissional e outro, deixava as joelheiras e o fardamento no carro e ligava para Joana avisando em qual jogo estaria presente. Assim como Carol *negociava seu tempo* entre o trabalho e a participação nos jogos, Taís organizava seu deslocamento para Porto Alegre também em função da participação nas atividades do grupo. Trabalhando em outro estado da região sudeste, ela planejava sua rotina para, uma vez por mês, estar presente no treino, na *janta de quinta* e, conseqüentemente, na rodada do sábado. Durante sua entrevista ela descreveu sua programação em função da *tabela do campeonato*:

Quando eu fui para [outro estado] eu organizei de vir na quinta feira, eu poderia me organizar de sair daqui na terça para conseguir ir no treino de segunda, por exemplo, mas não, eu me organizei para vir na quinta porque a janta para mim era muito importante (TAÍS, 2012).

Assim como os encontros da equipe *fora das quadras* faziam parte do planejamento da rotina de trabalho e viagens da Taís, ela também incluía nessa negociação as etapas da Liga Master. Essas situações e pessoas que venho apresentando no decorrer do texto não são somente exemplos, mas foram a partir dessas observações que passei a tensionar uma determinada noção de *tempo*. Acompanhar as rotinas dessas mulheres ou, pelo menos, buscar me aproximar dos acordos que existiam entre dimensão familiar, profissional e de lazer, me ajudou a debater sobre um tempo que, naquele contexto, não parecia ligado à *disponibilidade*, mas relacionava-se com um *tempo negociado* na complexidade do cotidiano.

Distante da ideia de pensar o lazer preso a um conjunto de ocupações com determinadas funções a cumprir, Gomes (2004b) reporta-se a um conceito que o compreende na interação entre as diferentes dimensões da vida social e, dessa forma, atravessado por questões culturais. Nas palavras da autora, o lazer pode ser entendido como:

Uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os

deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2004b, p. 125).

Essa compreensão de lazer está alicerçada em quatro elementos que, quando relacionados, ajudam a refletir sobre certos contornos à dimensão do lazer. Um deles refere-se ao *tempo*, tal noção corresponde ao usufruto do momento presente, mas não necessariamente estaria limitado aos períodos institucionalizados para o lazer. Outro aspecto refere-se ao *espaço/lugar*, o qual seria significado pelos sujeitos como um ponto de encontro (consigo ou com os outros) e de convívio social. Na sequência estariam as *manifestações culturais*, apresentadas como formas de vivenciar a cultura, seja ela como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento. Outra característica estaria relacionada à *ação (ou atitude)*, fundada no lúdico, o qual é compreendido pela autora como uma expressão humana, culturalmente estabelecida, relacionada com o brincar consigo, com o outro e com a realidade (GOMES, 2004b).

Pensar o lazer nas suas *relações dialéticas* com outros espaços e tempos me ajuda a entendê-lo como uma dentre as diversas dimensões da vida, inserido nessa rede que constitui a dinâmica cultural, permeado de referenciais simbólicos, os quais são formados e formadores dos sujeitos que atuam nesses contextos. Entre as possibilidades de lazer ao alcance das mulheres que faziam parte do Moinhos e, de uma maneira geral, da Liga Master, elas escolhiam *negociar seu tempo* e envolverem-se com essa maneira de viver o esporte. Nas *ações* ou *atitudes* das pessoas que pertenciam à equipe havia certa liberdade na escolha por esse espaço/tempo e uma vivência do esporte relacionado à brincadeira, ao divertimento e, em certa medida, a ideia de “pretexto” para estar naquela rede de sociabilidade também se encontrava entre os discursos. Em conjunto a essas noções que guardam uma determinada representação de lazer entrelaçada com uma concepção de lúdico, havia momentos em que as *ações* tornavam-se sérias, pois para manter-se no Moinhos era preciso *render em quadra e/ou saber estar fora dela*.

Essa noção de *seriedade* ligada a um comprometimento, à responsabilidade, à produtividade, ao rendimento esportivo, em certa medida, vem fazendo parte de algumas pesquisas que procuraram compreender o esporte como escolha e prática sistemática num espaço/tempo reconhecido como de lazer. No trabalho de Stigger (1997) essa questão fez parte da análise sobre o que o autor chamou de *movimento dos veteranos de futebol*. Entre esses grupos de homens *veteranos* que se reuniam em torno do futebol, os que frequentavam o Parque Ararigbóia aos sábados pela manhã, a produtividade nos jogos e a importância dada

aos resultados das partidas eram determinantes para a aceitação nesse contexto. Além disso, essas noções passavam a fazer parte das próprias características do grupo, que só aceitava jogadores que tivessem “capital esportivo” capaz de ajudar o time a vencer as partidas.

Nesse *grupo do Ararigóia*, o momento da competição parecia demandar uma maior seriedade dentro de uma convivência que oscilava entre o sério e o não sério (STIGGER, 1997). Esse olhar centrado no jogo e na noção de rendimento esportivo também fez parte do trabalho de Myskiw, Pacheco e Freitas (2011), no qual as discussões estavam relacionadas ao Campeonato de Verão da Liga do Ararigóia, na categoria veteranos, vinculado às Ligas de Futebol Amador e à Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer da cidade de Porto Alegre/RS. Esta competição era reconhecida no contexto do futebol de várzea como um espaço de *bom futebol*, que reunia *bons jogadores e times* de diferentes locais da cidade ou da região metropolitana. Reconhecido também como um espaço/tempo de lazer, as práticas ali vivenciadas eram atravessadas por uma noção de seriedade. Naquele contexto “dizer que só é divertido se for levado a sério não é uma incoerência ou uma contradição, pelo contrário, corresponde às expectativas das pessoas envolvidas no Campeonato de Verão” (MYSKIW; PACHECO; FREITAS, 2011, p. 3).

Nessa rede de sociabilidade masculina, o *jogar pegando* ou o *jogo pegado* era reconhecido como um jogo que valeria a pena jogar, dirigir ou assistir, estando entrelaçado com determinada lógica de seriedade. Entre as interpretações para os sentidos desse *jogo pegado*, os autores destacaram três categorias: *jogo pegado na bola*, *jogo pegado no corpo* e *uma conjunção de incitações performatizadas* das quais faziam parte os jogadores e outras pessoas que ficavam em torno do campo. Nesse debate sobre um *modo de jogar o futebol*, cabe destacar que as equipes privilegiavam os jogadores que “tem bola”, isto é, quem possuía as habilidades futebolísticas, conhecimento e experiência “adequados” para a prática do futebol nesses Campeonatos.

Se, para fazer parte dos jogos no Ararigóia era preciso “ter bola”, para jogar no Moinhos e, conseqüentemente, na Liga Master era necessário ser reconhecido como alguém que “tem nível”. O rendimento esportivo como mediador de participações na equipe, recorrentemente, circulava entre as avaliações de quem convidar para jogar e para identificar “boas jogadoras”. A ideia de quem “tem nível”, geralmente, estava articulada com um *saber jogar* reconhecido no cenário do voleibol e, particularmente, ao *saber jogar na Liga*. Essas duas noções nem sempre se construía de forma distanciadas. Por vezes, essas categorias tornavam-se imprecisas e, até mesmo, poderiam ser compreendidas numa relação de reciprocidade. No entanto, construir alguns contornos à ideia de “ter nível” ajuda a pensar que

o *saber fazer* nem sempre determinava o pertencimento ao Moinhos, era preciso “adequar-se” à forma de jogar na Liga Master.

O *saber jogar* estava ligado a um rendimento esportivo, de uma forma geral, reconhecido no cenário do voleibol. Essa noção apareceu com certa clareza durante a entrevista de Rafaela. Enquanto conversávamos sobre um possível perfil de jogadora para o Moinhos, perguntei quem ela convidaria para fazer parte da equipe. Sendo sucinta em sua resposta, afirmou que: “em primeiro lugar que fosse legal e que jogasse bem, eu não convidaria alguém que não jogasse bem, porque eu quero ganhar, me frustra perder sempre” (RAFAELA, 2012). Vale lembrar que nos capítulos anteriores apresentei Rafaela como uma das jogadoras “mais novas” do grupo, para quem o lugar dos resultados dos jogos assumia um valor diferente do que para as mulheres que faziam parte do *núcleo* da equipe.

No entanto, essa noção sobre o rendimento esportivo também atravessava a fala das mulheres consideradas “mais velhas”, especialmente, quando se referiam a quem convidar para jogar no Moinhos. “Ela joga um bolão, pode chamar” foi à indicação de Joana na sugestão de incorporar à equipe uma determinada jogadora (Diário de campo, 05 de dezembro de 2011). Em outra situação, Vivi encerrou o assunto sobre o convite de uma nova integrante para o grupo dizendo que “tem que ver se vale a pena mesmo” (Diário de campo, 15 de março de 2012), embora considerasse que o quorum estava diminuindo a cada treino. Esse *saber fazer* “adequado” à participação na equipe não somente mediava os convites, mas também permeava as avaliações sobre a continuidade com o grupo. Trago um excerto para esse debate:

Na saída do treino, quando já estávamos na rua, em frente ao ginásio, fiquei perto de Sandra e Ellen. Enquanto elas conversavam sobre a discussão ocorrida durante o treino, vejo Marta, que já estava saindo do estacionamento, parar o carro e deslocar-se até onde nos encontrávamos. Os desentendimentos do treino fizeram com que as duas voltassem a conversar. Sandra, que estava visivelmente irritada com o desempenho esportivo de Marta, perguntou a ela: “você acha que tem condições físicas e emocionais de estar aqui? Eu não estou tendo mais” (Diário de Campo, 14 de abril de 2011).

A cobrança sobre o rendimento esportivo não fazia parte somente dos jogos da Liga Master, como foi percebido em relação aos grupos que frequentavam o Parque Ararigbóia, nos trabalhos de Stigger (1997) e Myskiw, Pacheco e Freitas (2011). O *saber jogar* voleibol atravessava o andamento dos treinos e as avaliações sobre a continuidade de cada uma das mulheres no Moinhos. Essa noção parecia ser tão significativa que acabou pautando a fala de

Sandra em relação à participação da Marta na equipe. O diálogo apresentado nesse trecho do diário de campo não foi o único que presenciei sobre essa questão de mediar posições ou a permanência em treinamentos e jogos. Eram recorrentes afirmativas como “precisamos de mais uma para essa posição”, “nesse nível não dá mais para elas”. Durante a entrevista de Ana, começamos a conversar sobre os treinamentos e ela foi clara ao dizer que “os dias em que o nível estava muito baixo me fazia sair extremamente irritada dos treinos” (ANA, 2012). A seriedade com a qual o rendimento esportivo era tratado na equipe acabou definindo, inclusive, a saída de uma das mulheres da equipe, situação que descrevo no trecho do diário de campo abaixo:

[Durante uma discussão no final do treino] Ana falou que: “Só pode vir jogar quem tem nível, não pode ser qualquer um para aceitar a vir jogar aqui. A partir de agora não entra mais ninguém, não dá para ficar se preocupando com essas coisas, já temos muitos problemas” [se referindo às lesões de algumas jogadoras que diminuam o quorum para os treinamentos]. Enquanto todas falavam ao mesmo tempo, trocando opiniões sobre o que estava acontecendo [a saída de uma jogadora], ouço Leila comentar: “eu avisei que isso iria acontecer, decidimos pedir para ela se retirar e ninguém falou, agora deu nisso. Não dá! Ela atrapalha o treino”. [...] No carro, indo para um restaurante, ela continuou a conversa com a seguinte afirmativa: “é lazer, tudo bem, mas é sério, tem um objetivo competitivo, todo mundo ali foi atleta, a sua maneira, mas foi” (Diário de Campo, 16 de novembro de 2010).

Assim como era preciso *saber jogar* de acordo com o que era estabelecido no grupo ou “tolerado” entre as negociações dentro da própria equipe, também era necessário *saber jogar na Liga*. Essa noção foi debatida em maior densidade no capítulo centrado na análise do grupo e a partir do exemplo de Duda. Nesse momento, cabe destacar que essa jogadora foi aceita na equipe ou, como afirmou Marta “caiu nas graças do grupo” (Diário de campo, 15 de setembro de 2011), porque possuía os capitais esportivos suficientes para assumir um lugar no Moinhos. Apesar disso, nas suas primeiras etapas do campeonato, não assumiu a posição de titular em quadra e chegou a comentar, depois de alguns jogos, que encontrava dificuldade em *saber jogar na Liga* ao afirmar que: “eu não consigo me soltar, não sei jogar assim” (Diário de campo, 24 de setembro de 2011).

Envolvidos nessa discussão sobre o *saber jogar o voleibol* e o *saber jogar na Liga* estão um conjunto de códigos e domínios sobre determinado rendimento esportivo, cujas particularidades diferenciam esse espaço/tempo de lazer de outras vivências possíveis para essa dimensão do cotidiano. Essa noção de seriedade faz parte das discussões de Stebbins (2001; 2007; 2008) ao formular uma perspectiva de compreensão do lazer sob três categorias.

Entre as análises desse autor, o que ele denomina como *lazer sério* ganha destaque quando comparada ao investimento de estudos sobre *lazer casual* ou o *lazer baseado em projeto*. Nas palavras do autor, o *lazer sério* pode ser definido como:

A busca sistemática por uma atividade na qual os amadores, praticantes de hobby ou voluntários encontrem algo substancial, interessante e realizador que, em casos típicos, lance-os em uma carreira (de lazer) centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência (STEBBINS, 2008, p.5, tradução minha).

Um dos contrastes que ajuda na definição desse conceito se constrói em relação ao *lazer casual*. Essa concepção está relacionada ao envolver-se com uma atividade entendida como imediata, intrinsecamente gratificante, na qual o prazer pode ser relativamente curto e a exigência com qualquer tipo de treinamento para sua prática seria pouca ou, possivelmente, nenhuma para conseguir aproveitá-la (STEBBINS, 2001). Outra forma de entender o *lazer sério* é pensá-lo em oposição ao *lazer baseado em projeto*, cuja definição está ligada a uma tarefa criativa e ocasional, organizada para ser realizada no tempo livre, requer um planejamento considerável, esforço e, algumas vezes, habilidade ou conhecimento (STEBBINS, 2008).

Nessa procura por categorizações para o lazer, Stebbins dedicou-se em aprofundar o conceito de *lazer sério*. Essa forma de compreender um espaço/tempo de lazer parece encontrar-se fortemente vinculada às noções de habilidades especiais, conhecimento e experiência na atividade a ser desenvolvida de maneira contínua e sistemática durante um “longo” período de tempo, o que estaria próximo a uma ideia de carreira (de lazer). Em conjunto a essas *distinções entre os lazeres*, o autor desenvolve uma série de *qualidades*¹⁶ que fariam parte da perspectiva do *lazer sério*, as quais podem ser compreendidas em maiores detalhes no trabalho de Oliveira e Doll (2012).

O olhar a partir dessa perspectiva do *lazer sério* fez parte da análise de um grupo de corredores de rua, entre os 40 e 60 anos, presente no trabalho de Oliveira (2010). Ao estudar o envolvimento com o esporte entrelaçado às questões sobre o envelhecimento humano, as realizações dos “loucos por corrida”¹⁷ (OLIVEIRA, 2010, p.56) e os sentidos para suas práticas estavam relacionados com a noção de resultado, do treinamento árduo, o

¹⁶ Tradução literal da obra de Stebbins (2007) e utilizada no decorrer da resenha de Oliveira e Doll (2012).

¹⁷ Entre as explicações do autor, no *mundo dos rustiqueiro*, ser considerado louco pode ser mais um dos sinais de pertencimento, embora não tenha apenas esse sentido, pois pode identificar alguém que não segue os padrões esperados dentro do grupo ou, até mesmo, um corredor que consegue transcender aos padrões de rendimento esportivo de seu contexto (OLIVEIRA, 2010).

desenvolvimento na própria corrida. Nesta pesquisa, a seriedade no envolvimento com essa forma de viver o lazer conferia sentido à prática e, por sua vez, aos modos de envelhecer desses homens.

Neste trabalho, Oliveira (2010) categoriza o lazer desses corredores dentro da perspectiva de *lazer sério*. A partir das observações realizadas no contexto da equipe Moinhos, não tenho subsídios para afirmar que essa maneira de entender o lazer explicaria a complexidade de sua dinâmica e formas de envolvimento com o grupo, com a Liga Master ou com a própria prática do voleibol. Assim como a seriedade atravessava a formação do espaço/tempo de lazer no qual realizei o trabalho de campo, compreender os sentidos que estavam em negociação somente a partir do que *era sério* desconsideraria outros significados que ali conviviam. Como exemplo, seria possível pensar nas relações de sociabilidade ou o tempo de permanência na equipe que tensionavam o *lugar* do rendimento esportivo nesse contexto – discutidos em maior profundidade no capítulo três.

No entanto, essa perspectiva do lazer sério *ajuda a pensar* nas dinâmicas sociais, especialmente a partir do que observava do envolvimento delas *dentro das quadras*, que também fazem parte desse espaço/tempo de lazer, no qual aquelas mulheres escolhiam investir e dedicar-se à prática do esporte. No decorrer do texto passei a colocar que para *jogar no Moinhos* era preciso ter um “nível” de voleibol condizente com o que a equipe esperava de cada jogadora. Essa questão dialoga com um conjunto de habilidades, conhecimento e experiência específicos para circular e assumir um *lugar* nesse contexto. Embora essa noção fosse significativa para compreender como essas mulheres viviam o esporte, a seriedade não estava centrada somente nessas noções que envolviam as *formas de jogar*.

A *seriedade no lazer* atravessa os compromissos que cada uma das mulheres assumia com o grupo. Para entrar no Moinhos era preciso estar ciente que, um sábado por mês, a equipe estaria participando das rodadas na Liga Master e que, toda semana, havia treinamentos nos quais seria preciso *suar a camiseta*. Evidentemente, as ausências eram permitidas, mas seria preciso encontrar uma justificativa reconhecida pelo grupo que, por sua vez, geralmente, insistia numa negociação. Essa ideia dos compromissos com o grupo fazia parte da lógica de funcionamento dos Caídos na Praia, um grupo de praticantes de futebol estudado por Stigger (2002). Entre os integrantes dos Caídos, era necessário *assumir um compromisso* com o grupo, no qual a assiduidade nas rotinas e horários dos jogos de domingo era um critério com peso especial para incorporação de um novo membro ou identificação de um “bom integrante”.

No Moinhos não havia um “mapa de assiduidade” (STIGGER, 2002, p.103) como no Caídos da Praia, porém, ser uma das jogadoras que “dá para contar” era uma noção significativa nessa dimensão séria que envolvia o pertencimento ao grupo. Assim como *assumir o compromisso* era algo valorizado na lógica da equipe, a noção de *seriedade no lazer* atravessava os investimentos dessas mulheres com o grupo. Para jogar na Liga Master era preciso, em primeiro lugar, pagar a taxa de inscrição no campeonato. Durante as etapas, exigia-se uma arbitragem “qualificada”, ginásios em “boas condições” e matérias de jogo de acordo com medidas e padrões oficializados pela Confederação Brasileira de Voleibol. Dentro da equipe, negociavam-se os investimentos financeiros em um treinador não somente reconhecido no cenário do voleibol, mas, particularmente, entre as lideranças do grupo. Os materiais de treinamento e a quadra onde este acontecia precisavam estar de acordo com o que se encontraria nos campeonatos e, para isso, existiam certas demandas financeiras, às quais eram supridas pelas próprias jogadoras.

Além dessas questões financeiras, fazer parte do Moinhos exigia certa dedicação e investimento corporal na atividade. Na equipe Moinhos não era incomum encontrar as *dores no corpo* também fazendo parte dos treinamentos e jogos: Ana, por diversas vezes, me contou que “jogava somente a base de remédio”; os treinos na segunda após as etapas estavam, de antemão, cancelados, pois elas “precisavam recuperar o corpo” para o próximo dia; durante uma viagem com a equipe, Roberta, em um tom de brincadeira, coloca que “hoje só deveria jogar quem não tem dor. Bom, então ninguém vai jogar” (Diário de campo, 10 de dezembro de 2011). Esses são alguns exemplos a partir dos quais é possível pensar que o dispêndio corporal está entrelaçado com a *seriedade* de envolver-se com essa forma de viver o esporte. A equipe sabia lidar com a “falta” de alguma jogadora que estava no “departamento médico”, as mulheres sabiam conviver com suas dores, conheciam seus limites e transcendê-los poderia se tornar um capital simbólico naquele contexto.

No decorrer do texto, procurei trazer ao debate diferentes questões que fazem parte da *seriedade no lazer* de um grupo de mulheres. Envolver-se com o lazer e, em particular, com o esporte dessa forma, parece ser um dos caminhos para manter um nível de tensão e excitação que permeiam as escolhas por determinados espaços e tempos. Essas noções são consideradas por Elias e Dunning (1992, p.143) como um “denominador comum” entre as práticas significadas como de lazer, embora elas diferenciem-se umas das outras, pois, em cada contexto, haverá um nível de tensão-excitação particular, o qual se articula também com a heterogeneidade do esporte. Segundo os autores, essas atividades representam uma esfera da vida que mais ofereceria às pessoas a possibilidade de experimentarem uma agradável

estimulação das emoções e “uma divertida excitação que pode ser experimentada em público, partilhada com outros e desfrutada com aprovação social e boa consciência” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.151).

Diferente de uma noção de produtividade que “oprime”, um rendimento esportivo que poderia ser compreendido em oposição à capacidade de agencia das pessoas pertencentes a determinado contexto esportivo ou ao compromisso que colocaria em “risco” com o caráter *libertário* do lazer, a *seriedade* parecia fazer sentido para aquelas mulheres. “Jogar bem” e “jogar com quem joga bem” era um dos contornos significativos para entender as relações sociais na dinâmica do Moinhos. Assim como essas *formas de jogar* faziam parte da *agradável estimulação das emoções*, o comprometimento com o grupo e os investimentos nessa maneira de viver o esporte também atravessava a procura por níveis ótimos de tensão e excitação. Se por um lado, a brincadeira, a integração, o convívio nas relações sociais envolvia-se com as significações para um espaço e tempo como *de lazer*, essas noções entrelaçavam-se com os *assuntos sérios* que também pertenciam a esse contexto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa (GEERTZ, 1989, p. 20).

Nestas páginas finais, me proponho a apresentar os caminhos que percorri para responder a certas questões que pautaram a construção dessa pesquisa. Embora esteja ciente que a análise das dinâmicas culturais possa ser *intrinsecamente incompleta*, permanecia desejando retornar ao campo “para ver como as coisas estavam”, reler diários, debater sobre outros pontos e aprofundar em discussões que se dispersaram, mesmo correndo o risco de tornar as análises *menos completas*. Porém, precisei me afastar, em certa medida, da equipe e deter-me no que havia produzido durante os treze meses de convivência. Foi nessa trajetória da pesquisa etnográfica que os temas sobre os quais me propus a estudar, em conjunto com minha experiência pessoal no campo do esporte, paulatinamente, foram tornando-se meus problemas de pesquisa e me instigando ao debate no contexto acadêmico. Sobre essa construção e dissolução de perguntas que discorrerei nessas últimas páginas, buscando mostrar onde elas me levaram e o que me ajudaram a compreender.

A escolha do esporte master como *locus* dessa pesquisa estava pautada pela intenção de encontrar um contexto com suas fronteiras delimitadas, no qual as possibilidades de estudar as relações entre esporte e envelhecer estariam asseguradas. No entanto, me deparo com uma categoria cujos contornos apenas definiam certos marcadores cronológicos que, por sua vez, pouco dizia sobre quem eram aquelas pessoas e raramente encontrava relação entre questões socioculturais a respeito do envelhecer e as significações que estavam em torno do esporte num espaço/tempo particular. No decorrer do trabalho, a pretensão de estudar questões relacionadas ao envelhecimento humano, que foram definidas *a priori*, deixou de ser central, pois, naquele contexto, encontrava mulheres em diferentes idades, entre as quais o envelhecer ganhava destaque em algumas conversas, mas que acabaram me conduzindo a debater outros temas e estabelecer novas perguntas.

Se, naquele primeiro momento de contato com o campo, encontrava uma definição da idade mínima de participação na Liga Master, ao aproximar meu olhar à equipe, passei a perceber uma heterogeneidade em relação a essas idades e, além disso, uma diversidade de trajetórias esportivas que negociavam os contornos de um espaço que se reconhecia simbolicamente como de “veteranas”. Em meio a essas diferenças, recorri a duas perguntas

iniciais: quem eram aquelas mulheres? Optar por jogar no master era escolher viver o esporte de uma maneira diferente de outras categorias?

Inicialmente, foram essas questões que nortearam a construção do capítulo três, no qual procurei mostrar o dia a dia do Moinhos e a sustentação desse grupo dentro e fora das quadras. Entre as regularidades que atravessavam a formação da equipe, convivi com mulheres que pertenciam a um espaço social, relativamente homogêneo, no qual aquela forma de envolvimento, e com esse esporte em particular, estava entre as possibilidades de escolha. Uma das fronteiras precisas do esporte master está relacionada aos limites de idade, mas – como já disse - essa definição pouco me ajudava a compreender quem eram as mulheres daquela equipe. Através dessa definição eu só poderia dizer que elas deveriam ter, no mínimo, 32 anos para jogar na Liga Master, mas os critérios para participar não estavam somente relacionados a questões cronológicas e nem à frase “quanto mais nova melhor” fazia sentido. Apesar das minhas vivências esportivas anteriores, quando comecei a participar dos treinos precisei aprender como jogar voleibol naquela equipe, pois nem sempre entendia o que deveria fazer em quadra e, menos ainda, fora dela. Não era incomum percebê-las me posicionando, sorria enquanto todas estavam sérias ou queria marcar o ponto quando nenhuma delas parecia estar interessada no placar da partida. Para jogar entre elas, não precisei somente me adaptar com a velocidade do jogo, mas a conhecer a trajetória no esporte de cada uma daquelas mulheres para conseguir me posicionar dentro das linhas.

Se, por um lado, no esporte master a idade parece se relacionar com a procura pelo denominador comum entre as pessoas que escolhem manterem-se engajadas em competições esportivas, por outro, o equilíbrio entre as equipes e as tensões que tornavam aquelas disputas envolvente são construídas de acordo com cada contexto. Assim como tentei aprender como estar em quadra, precisei entender o que fazia sentido para elas estarem juntas fora dos ginásios. No Moinhos, estar presente nos jantares e outros encontros do grupo eram *assuntos sérios* e para pertencer à equipe também era preciso saber estar nesses momentos, caso contrário, seria preciso *boas* justificativas.

Para compreender esse dia a dia do Moinhos, passei a elaborar dois eixos nos quais procurei mostrar como o grupo construía uma rede de relações, e quais significados faziam parte da sustentação delas como uma equipe. Na sua *rotina das quadras* estavam agendados dois encontros semanais nos quais era preciso *suar a camiseta*. Os treinamentos estavam consolidados no dia a dia da equipe e mantê-los dessa forma correspondia a uma *lógica de organização* legítima para o contexto da Liga Master. Treinar toda semana era um *assunto sério* no grupo, não somente fazia parte da própria sustentação da equipe como estava

incorporado na trajetória esportiva dessas mulheres. Porém, para acontecer um “bom treino” era preciso investir em um “bom treinador”. Contratar um professor era parte dos investimentos do Moinhos e relacionava-se à pretensão de se manter em condições a fim de participar dos jogos disputados de forma acirrada. Esse profissional, escolhido a partir de uma série de negociações, possuía certo limite em sua autonomia de trabalho. Um “bom treinador”, além de procurar desenvolver um treino “dinâmico” e “com conteúdo”, precisava estar disposto a *jogar o jogo delas*, pois a rotina e as decisões que faziam parte do grupo eram acertadas, especialmente, entre as mulheres.

Cabe destacar que, para o profissional que estaria à frente da equipe na posição de treinador, compreender a dinâmica das relações sociais que faziam parte do grupo parecia ser tão significativo quanto elaborar um treinamento condizente com a busca de resultados. As relações de poder e os *lugares* de cada uma das mulheres no grupo atravessavam as significações que construía as particularidades daquele contexto. Olhar para essas questões e compreender as relações e disputas que aconteciam no dia a dia do grupo poderia conduzir a permanência de um treinador no Moinhos.

Para *jogar* na equipe era preciso “ter nível”, isto é, mostrar um rendimento esportivo considerado “adequado” à prática do voleibol na Liga Master. Esse *saber fazer em quadra* posicionava determinadas pessoas na dinâmica do grupo, relacionava-se ao pertencimento e, especialmente, conduzia as avaliações e expectativas sobre as mulheres “mais novas”. No entanto, pertencer ao Moinhos não estava relacionado somente às possibilidades de pontuar nas partidas ou ajudar a equipe no processo do jogo. Para fazer parte do grupo também era preciso *saber estar* fora das quadras e reconhecer esses espaços como parte do cotidiano.

A presença nos jantares e outros encontros, nos quais os exercícios do voleibol e as performances esportivas cediam lugar à cerveja e às conversas incessantes, eram negociadas entre as proximidades das relações sociais. Embora não houvesse impedimentos, era recorrente a presença de quem fazia parte do *núcleo* da equipe nesses *encontros para além das quadras*. Os contornos para esse pequeno grupo permaneceram imprecisos no decorrer do trabalho, porém era possível perceber que entre quem fazia parte dele, havia uma relação de proximidade construída ao longo dos anos, uma identificação no que se refere à idade e os significados compartilhados entre essas pessoas o tornavam coeso e capaz de representar o Moinhos na Liga Master.

O início do trabalho de campo esteve marcado pela aproximação com a equipe. Nessa convivência passei a apreender como me posicionar entre elas, o que eu representava naquele contexto e como estranhar um esporte que fez parte de minha trajetória, principalmente, como

prática de lazer. No entanto, foi ao frequentar as rodadas da Liga Master e procurar caminhos para acompanhar os jogos também de *dentro das quadras*, que passei a perceber que permanecer no Moinhos era tão significativo quanto sustentar o grupo dentro de seus campeonatos. Dessa forma, passei a propor as seguintes perguntas: Por que sustentar-se no cenário da Liga Master? O que representava fazer parte de seus campeonatos?

No decorrer do capítulo quatro procurei oferecer certos contornos para a Liga Master, principalmente com o objetivo de compreender o *lugar* do Moinhos neste cenário. Desde os primeiros moldes das competições, que envolveram aproximadamente quatro equipes, a integração entre os grupos estava na pauta do dia, assim como, o *gosto* pelas disputas equilibradas. Mas quando comecei o trabalho de campo, as etapas da Liga Master já eram organizadas entre doze equipes que, sistematicamente, no último sábado de cada mês encontravam-se nos ginásios da cidade de Porto Alegre/RS e região metropolitana.

Nesse espaço não era incomum encontrar discursos que afirmavam um “processo evolutivo” da Liga, o qual estava relacionado à centralidade do rendimento esportivo na formação das equipes. A análise dos regulamentos, a realização de entrevistas e a participação nas rodadas de competições, me ofereceram subsídios para compreender um processo de mudança que levava em consideração uma *burocratização* dos campeonatos, cujos regulamentos passaram a ser exigidos e modificavam-se com intenção de incorporar novas regras. Em conjunto a essa transformação, estender as relações sociais entre as equipes ou para além das mesmas, não estava entre as preocupações quando se formavam novos grupos ou cada um deles procurava se renovar. No entanto, essa compreensão que colocava as modificações na Liga Master dentro de uma escala evolutiva, parecia ter como subsídio um olhar para o esporte que assume a lógica do alto rendimento como legítima. Porém, nesse mesmo contexto, havia o que se denominava como “espírito da Liga”, um discurso que ressaltava a integração entre as equipes e os laços de sociabilidade quando os assuntos relacionavam-se aos objetivos da Liga e aos contornos dos campeonatos. Cabe ressaltar que essas noções estavam, cotidianamente, em disputa e as equipes se reconheciam e sabiam se posicionar dentro delas.

O Moinhos, que fez parte de toda trajetória de formação da Liga Master, era representado nesse contexto como uma “equipe das antigas”, com menos *status* ao potencial competitivo e que não havia passado por um processo de renovação semelhante ao dos outros grupos. Fazer parte desse contexto era permanecer jogando em um campeonato reconhecido como *bom* entre as pessoas que circulavam no cenário do esporte master. No entanto, para as mulheres dessa equipe, manter as particularidades, especialmente, as compartilhadas pelo

núcleo, era tão significativo quanto se sustentar entre as equipes que formavam a Liga Master e se manter pertencente à rede de sociabilidade que a envolvia, mesmo não disputando as primeiras colocações nos campeonatos.

Organizados, geridos e construídos cotidianamente por mulheres, os campeonatos da Liga Master e os encontros da equipe eram um espaço/tempo *delas*. O debate sobre gênero acabou ficando à margem nas discussões propostas nesta pesquisa ou, por vezes, apareceu somente nas entrelinhas das discussões. O trabalho tomou outros rumos e esse assunto mereceria uma atenção particular, pois o contexto oferecia subsídios suficientes para problematizações sobre esse tema. Porém, no decorrer da escrita do texto, procurei falar sobre essas mulheres, suas escolhas e decisões por fazer parte da Liga Master e do Moinhos que, de alguma forma, privilegiam o pertencimento a esses espaços em relação a outros.

No decorrer do trabalho de campo, passei a perceber que uma série de exigências, investimentos e compromissos faziam parte do envolvimento dessas mulheres com a equipe. Essas observações me fizeram tensionar o que compreendia sobre a formação de um espaço/tempo significado como *de lazer* e levaram-me a construir uma discussão entre determinados referenciais teóricos, os quais me ajudaram a pensar como aquelas mulheres negociavam tal espaço/tempo de lazer na complexidade do cotidiano. Como o esporte se inseria na vida delas? Por que, dentre as inúmeras possibilidades de lazer, essas mulheres escolhiam viver o esporte com determinada exigência sobre o rendimento e com uma série de investimentos?

No capítulo cinco, inicialmente, procurei debater sobre as diferentes dimensões que constituem a dinâmica da vida social a partir do olhar para o lazer. O primeiro ponto que destaquei procurava dialogar com a ideia de que trabalho e lazer não estavam, necessariamente, em uma relação de oposição. Na Liga Master essas noções se entrelaçavam e um espaço significado como de lazer, também era um espaço para trabalhar e comercializar determinados produtos endereçados ao público feminino. Nessa discussão sobre as escolhas que organizavam o dia a dia das minhas interlocutoras, foi possível pensar sobre um *tempo negociado* com outras dimensões, especialmente, no que se refere à família e ao trabalho. Durante o trabalho de campo encontrei inúmeras situações nas quais as responsabilidades que envolviam o trabalho e as negociações familiares coexistiam e atravessavam a formação daquele espaço/tempo de lazer.

Assim como as negociações sobre esse tempo de lazer faziam parte da dinâmica de relações sociais, a maneira com que aquelas pessoas escolhiam viver esse tempo também era mediada no cotidiano da equipe e na sua relação com a Liga Master. Participar do Moinhos

não estava somente ligado às vivências lúdicas que envolvem as práticas de lazer. Para pertencer à equipe exigia-se que o envolvimento com esse espaço/tempo fosse *levado a sério*.

Vestir a camiseta do Moinhos implicava em assumir uma série de compromissos com a equipe, vinculados aos treinamentos e campeonatos. Nesse comprometimento, as mulheres investiam financeiramente, havia uma demanda corporal proveniente do esforço físico de cada dia de treino e com as etapas dos campeonatos, com as quais as mulheres sabiam lidar e transcender seus limites. Porém, a seriedade não envolvia somente as *questões de quadra*. Pertencer à rede de sociabilidade que envolvia o Moinhos também era um *assunto sério* e transcendia aquele tempo de lazer, o grupo fazia parte do cotidiano de cada uma das mulheres que a ele pertenciam. De certa forma, a seriedade acabava atravessando a dinâmica de relações sociais da equipe e fazia parte das particularidades do grupo. Era preciso reconhecer os códigos e compartilhá-los, caso contrário, ficaria difícil permanecer num contexto que pretendia manter-se competitivo no cenário da Liga e sustentar sua coesa rede de sociabilidade.

É assim que *saber estar* e *saber jogar* eram comportamentos e habilidades sempre em estado de negociação, mediadas pela intensidade das relações sociais, que definiam quem permaneceria no grupo ou quem encontraria sentido em outras quadras. Naquela prática de lazer aprendi a *jogar sério* enquanto percebia as brincadeiras que estavam ao meu redor. A ideia de *pretexto*, a qual colocava o valor dos resultados em segundo plano, permeava o envolvimento com a equipe, mas, em quadra, todas queriam marcar pontos. Com o decorrer da pesquisa, passei a entender essas noções como não antagônicas: a busca do rendimento no lazer pouco me parecia opressivo, era uma questão simbólica e, portanto, estava constantemente em negociação.

Durante os treze meses de trabalho de campo, eu procurei tensionar minhas concepções sobre o esporte, *estranhar* o voleibol que havia apreendido em minha trajetória e *me familiarizar* com *esse voleibol* particular. Tive o contato e pensei sobre e com as teorias, mas, principalmente, passei a me aproximar daquelas mulheres para entender o que as suas ações e comportamentos significavam.

Nesse processo de aproximação precisei também criar estratégias de não *me familiarizar* ao ponto de deixar de problematizar o que estava acontecendo em campo. Para isso, acabei faltando treinos, arrumei desculpas para não estar presente em jantares e, ao escrever, deixei de circular com elas. Nesse processo de escrita, o qual prefiro dizer que realizei com as pessoas e não sobre elas, procurei trazê-las comigo, já que foram aquelas mulheres que me conduziram no campo, que me ensinaram sobre suas práticas e me

ofereceram subsídios para pensar sobre inúmeras questões que atravessam, cotidianamente, os espaços e tempos de lazer.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. M. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: BARROS, M. M. L. (org.) **Família e gerações**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

BLASS, L. M. S. Rompendo Fronteiras: a Cidade do Samba no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.23, n.66, p.79-205, fev., 2008.

BOURDIEU, P. Como se pode ser desportista? In: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Espaço social e poder simbólico. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas/SP: Papirus, 1996.

DAMATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: 1987.

DEBERT, G. G. A Invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n.34, p. 39-56, 1997.

DEBERT, G. G. Velho, terceira idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice. **Coletiva**. v. 5. Disponível em: <http://www.cole>, 2011. Acessado em: 25 de julho de 2012.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. 1 ed. 2 reimp. São Paulo: Editora Edusp;Fapesp, 2012.

DEVIDE, F. P.; VOTRE, S. J. A representação social de nadadores masters sobre a sua prática competitiva da natação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 21, n. 2, p. 56-64, janeiro/maio, 2000.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. **Lazer e cultura popular**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**, a. 5, n. 2, p. 321-348, 1997.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FALEIROS, M. I. Repensando o lazer. **Perspectivas**. São Paulo, v.3, p.51-65, 1980.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.10, p.58-78, jan/abril, 1999.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática (UFG)**. Goiânia, v. 8, n.1, p. 85-100, 2005.

GOMES, C. L. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). 2003. 322f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2003.

GOMES, C. L. Lúdico. In: GOMES, C. L. (org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, C. L. Lazer - concepções. In: GOMES, C. L. (org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, C. L. Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades. **Revista Itinerarium**. Rio de Janeiro, v.1, 2008.

GOMES, C. L.; MELO, V. A. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, janeiro/abril de 2003.

GONZÁLEZ, F. J. Sociabilidades e práticas corporais: leituras de uma relação. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. **O esporte na Cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidades em espaços urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GONZÁLEZ, F. J. **Bases Sociais das disposições para o envolvimento em práticas de movimento corporal no tempo livre**. 2010. 556f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

GUTTMANN, A. **From ritual to Record**: the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 1978.

LAZZOLI, J. K. et al. I Consenso de Petrópolis: Posicionamento Oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte sobre esporte Competitivo em Indivíduos acima de 35 anos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. Rio de Janeiro, v.7, n.3, p.83-92, mai./jun., 2001.

LIGA MASTER FEMININA DE VOLEIBOL. **Regulamento Geral**. Disponível em: <http://www.megavolei.com/?pg=2462>. Acessado em: 10 de setembro de 2012.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaco**: cultura popular e lazer na cidade. 2 ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MAGNANI, J. G. C. Lazer, um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (orgs.) **O corpo e o Lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.17, n.49, p.11-29, 2002.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer**: uma introdução. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 13 ed. Campinas: Papyrus, 2008.

MARCHI JUNIOR, W. **“Sacando” o voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.

MARIVOET, S. **Aspectos sociológicos do desporto**. Lisboa: Livros Horizonte. 1998.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**. Porto Alegre, v. 7, n. 13, dezembro, p. 5-18, 2000.

MYSKIW, M.; MARIANTE NETO, F. P.; STIGGER, M. P. Trabalhadores da Várzea: notas etnográficas sobre apropriação dos espaços de lazer para o trabalho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2010, Itajaí. **Anais...** Itajaí, 2010.

MYSKIW, M; PACHECO, A. C.; FREITAS, "Jogo pegado, é assim que tem que ser": estudo sobre a seriedade do lazer numa rede de sociabilidade masculina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, R. C. (org.). **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2006.

OLIVEIRA, S. N. **Lazer Sério e Envelhecimento**: loucos por corrida. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, S. N; DOLL, J. Serious Leisure. **Movimento**. Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 325-338, jan/mar de 2012.

PADIGLIONE, V. Diversidad y pluralidade en el escenario deportivo. **Apunts**: Educación física y deportes. Barcelona, n. 41, p. 30-35, 1995.

PEIXOTO, C. E. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: em busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso)**. São Paulo, v. 27, p. 138-149, 1995.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, 2008.

SIMMEL, G. Sociologia. In: MORAES FILHO E.(org.) **George Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

STEBBINS, R. A. Serious leisure. **Society**. New York, v. 38, n. 4, p. 53-57, 2001.

_____. Serious leisure. In: ROJEK, C.; SHAW, S.M.;VEAL, A.J. (orgs.) **A Handbook of Leisure Studies**. New York: Macmillan, 2007.

_____. **Serious Leisure: a perspective for our time**. New Jersey: Transaction, 2008.

STIGGER, M. P. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**. Porto Alegre, a.4, n.7, 1997.

_____. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. **O esporte na Cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

_____. Lazer, Cultura e Educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009.

TORRI, D.; VAZ, A. F. Do centro à periferia: sobre a presença da Teoria Crítica do esporte no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 185-200, set. 2006.

VAZ, A. F. Técnica, esporte, rendimento. In: STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. (orgs.) **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O (org.) **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

_____. Entrevista com Gilberto Velho: concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 183-2010, 2001.

VELHO, G. O desafio da proximidade. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Orgs.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: WINKIN, Y. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998.

APÊNDICES

APENDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Colaborador (a),

Você está sendo convidado a participar da entrevista de um estudo sobre o esporte e o lazer, desenvolvido no universo da Liga Master Feminina de Voleibol, da cidade de Porto Alegre/RS. Assim, peço que leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, através da assinatura, a participação nesta pesquisa. Se desejar, você receberá uma cópia do Termo de Consentimento.

Cabe salientar que, em qualquer momento, você pode questionar o presente documento e obter informações sobre o trabalho.

Título do projeto: “É LAZER, TUDO BEM, MAS É SÉRIO”: o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol

Objetivos do Estudo:

Este estudo tem como objetivo compreender como os significados de uma prática esportiva se articulam com a sustentação de uma equipe num espaço/tempo de lazer pautado pelo rendimento.

Procedimentos:

Para concretizar este objetivo, realizei, durante o ano de 2011, observações participantes no contexto de uma das equipes integrantes da Liga Master e nas rodadas que a constituem. Somado a isso, estarei realizando entrevistas com pessoas que, ao longo do

trabalho de campo, se tornaram chaves para compreender este grupo e, de uma maneira geral, o campeonato.

Nesse sentido, você é uma dessas pessoas-chave. Caso concorde em colaborar com o estudo, as entrevistas, que foram previamente agendadas e em local combinado, terão um tempo de duração de, aproximadamente, 60 minutos. Cabe salientar que o áudio será gravado e transcrito conforme a necessidade do trabalho e arquivado em local privado, sob a responsabilidade da pesquisadora.

Riscos e Benefícios do Estudo:

Sua adesão como colaboradora do estudo não oferece nenhum risco à sua saúde, tampouco, submeterá você a situações constrangedoras. A qualquer momento você está autorizada a retirar ou modificar, a seu critério, qualquer informação concedida no momento da entrevista.

Este estudo poderá contribuir no entendimento do esporte master, particularmente o que está situado num espaço/tempo de lazer e sustentado por uma sólida rede de sociabilidade feminina.

Confidencialidade:

Todas as informações cedidas por você ficarão protegidas de utilizações não autorizadas e a sua identidade será preservada como sujeito dessa pesquisa.

Voluntariedade:

Você poderá desistir a qualquer momento do estudo, possibilitando que seja interrompido o processo de produção de informações se assim for seu desejo, sem qualquer penalização ou prejuízo.

Contatos:

Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, CEP 90690-200, Porto Alegre –RS.

Prédio do Lapex | Sala 106-B | (51) 3308-5853

Ariane Corrêa Pacheco

E-mail: arianecpacheco@yahoo.com.br

Telefone: -----

Sendo assim, declaro estar ciente do exposto e desejo participar da pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2012.

Nome: _____

Assinatura: _____

Pesquisadora: Ariane Corrêa Pacheco
(Mestranda do PPGCMH - ESEF/UFRGS)
Orientador: Dr. Marco Paulo Stigger

APÊNDICE B
Entrevista A – Roteiro

- ***A LIGA MASTER***

- Como surgiu o interesse de construí-la?
- Quem estava envolvido nesse processo?
- Quantas equipes havia nas primeiras rodadas?
- Por que a formação desse campeonato, nesses moldes do master?
- Como se estabeleceram as idades? Por que mudou?
- Quanto tempo a Liga existe?
- Onde aconteciam os jogos?
- Hoje, depois de uma rodada, o que te faz pensar que ela foi boa?

- ***TRAJETÓRIA NO ESPORTE***

- Provocar o assunto sobre o envolvimento do esporte ao longo da trajetória de vida
- Como começou a jogar vôlei?

- ***TRAJETÓRIA NA LIGA MASTER***

- Quando começou a jogar na Liga Master? Por quê?
- Jogaria em outra Liga? (se houver espaço perguntar sobre **Liga B**);
- De quais equipes participou?
- Por que o Moinhos e não outra equipe?

- ***PERFIL DE JOGADORA***

- Pessoas com que trajetórias no esporte faziam parte da Liga?
- Como aconteceu o convite para algumas jogadoras serem convidadas para se retirar dos campeonatos da Liga Master? Por quê?
- Hoje, existe algum movimento de convidar alguém para se retirar? Teve algum movimento em relação a isso no ano passado?
- Quem “pode” estar na Liga? Situação: “se você fosse me descrever um perfil de pessoa para estar na Liga, como teria que ser essa pessoa?”

- ***A EQUIPE***

- Como se formou o grupo?

- Há quantos anos existe? Quanto tempo faz parte dele?
- Por que decidiu permanecer no Moinhos?
- Por que as algumas mulheres (citar exemplos) saíram da equipe?
- Perfil de alguém que faz parte do Moinhos
- Se fosse descrever, como seria uma alguém para fazer parte do Moinhos?
- Quando vai convidar alguém para fazer parte do time, no que você pensa antes de fazer o convite?
- Quando você sai do treino satisfeita?
- Desde que comecei a conviver com a equipe não te vi faltar a um treino. Por quê?

- ***A EQUIPE NA LIGA MASTER***

- O que precisa acontecer em quadra para você sair dizendo “esse jogo foi bom”?
- Existe uma diferença entre as equipes? (Provocar o “contraste” entre as equipes).
- Onde está o Moinhos? Isso te faz alguma diferença, você pensa nisso, por exemplo, no sábado de manhã quando vai para o ginásio?

- ***RELAÇÃO ENTRE TRABALHO/FAMÍLIA/LAZER***

- O que tua família fala do vôlei? O que teus filhos e netos falam do teu envolvimento com a Liga Master?

QUESTÕES PONTUAIS (estão desconexas dos blocos)

- Por que a Associação faltou na etapa de Caxias, no ano passado? Atrapalhou a rodada? O que você quis dizer com “espírito da Liga” na reunião?
- Porque a equipe XX faltou na última etapa de Lajeado? Atrapalhou a rodada? Porque quando o XX faltou não houve reunião para definir punições para a equipe?

APÊNDICE C
Entrevista B – Roteiro

• ***TRAJETÓRIA NO ESPORTE***

- Quando começou a se envolver com esporte?
- Participou de equipes? Escola? Clube?

• ***TRAJETÓRIA NA LIGA MASTER***

- Como começou a jogar na Liga?
- Como descobriu a Liga e o Moinhos? O que veio primeiro?
- Jogaria em outra Liga? Por quê?
- Porque esse campeonato?
- Quando pensou em parar, qual foi o motivo?

• ***PERFIL DE JOGADORA***

- Se você fosse convidar alguém para entrar no Moinhos, como seria essa pessoa?
- O que te incomoda em alguém que joga contigo?
- Quem “tipo” de pessoa te motiva a ir treinar?
- Houve uma mobilização para “retirar” a Priscila, do Fortaleza, o que tu acha disso?
- Porque as gurias (exemplos) saíram do time?

• ***A EQUIPE***

- Quando você sai satisfeita de um treino? Jogaria sem treinar?
- Como seria alguém que dirias “essa é a cara do Moinhos”? Ou alguém que gostarias que fizesse parte do Moinhos?
- Porque o Moinhos e não outro time?
- Porque voltou a jogar no Moinhos?
- Que lugar o grupo ocupa na tua vida?

• ***A EQUIPE NA LIGA MASTER***

- Como é o jogo em que tu saís satisfeita de quadra?
- Já saiu irritada de quadra? O que aconteceu?
- Tu vês alguma diferença entre o Moinhos e outras equipes? Onde tu posicionarias o Moinhos na Liga?

- Isso te faz alguma diferença quando vais para uma rodada?

- ***RELAÇÕES ENTRE TRABALHO/FAMÍLIA/LAZER***

- Como tu organizas tua vida para manter-se no grupo, na Liga?

- Como as pessoas que estão perto de ti, que não jogam na Liga, veem teu envolvimento com ela?

- As meninas do grupo são do teu círculo de amizades?

- Você se sente a vontade nos jantares?

- Qual o teu comprometimento com o esporte? Com o Moinhos? Com a Liga? Que lugar isso ocupa no tua vida?

APENDICE D
Entrevista C – Roteiro

• ***TRAJETÓRIA NO ESPORTE***

- Como foi sua trajetória no esporte profissional?
- O que era importante pra ti nesse contexto? Como e porque escolheu jogar no Moinhos?
- O que era importante para as equipes em que passou?
- Como era a relação entre quem estava jogando e quem estava na equipe técnica?

• ***TRAJETÓRIA NA LIGA***

- Quando começou a jogar vôlei?
- Como descobriu a Liga e o Moinhos? O que veio primeiro?
- Jogaria em outra Liga? Por quê?
- Conhece algo semelhante à Liga em outro lugar?
- Quando você sai satisfeita de uma rodada?
- Porque fazer parte da Liga?

• ***PERFIL DE JOGADORA***

- Se você fosse convidar alguém para entrar no Moinhos, como seria essa pessoa?
- Houve uma mobilização para “retirar” a Priscila, do Fortaleza, o que tu acha disso?
- Porque as gurias (exemplos) saíram do time?

• ***A EQUIPE***

- Quando você sai satisfeita de um treino? Jogaria sem treinar?
- Como seria alguém que dirias “essa é a cara do Moinhos”?
- Porque o Moinhos e não outro time?
- Parou de jogar alguma vez?
- Que lugar o grupo ocupa na tua vida?

• ***A EQUIPE NA LIGA MASTER***

- Como você observa as equipes que fazem parte da Liga?
- Existe diferença entre as equipes? (provocar o contraste)
- Há alguma equipe que você não gosta de jogar? Por quê?

- Quando você sai satisfeita de quadra?
- Já saiu irritada de quadra? O que aconteceu?
- Onde tu posicionarias o Moinhos na Liga? Isso te faz alguma diferença quando vais para uma rodada?

- ***RELAÇÃO ENTRE TRABALHO/FAMÍLIA/LAZER***

- Porque vir de outro estado para jogar? O que o esporte tem a ver com isso?
- O que tu faz no lazer?
- Como tua família vê a Liga e tua participação nela?

APENDICE E
Entrevista D – Roteiro

- ***A LIGA MASTER***

- Como começou a Liga?
- Como tu vê as pessoas que se propõem a organizar a Liga ou a coordenação da Liga?

- ***TRAJETÓRIA NO ESPORTE***

- Como foi tua trajetória no esporte?
- Como começou no voleibol?
- Pensando em ti, como tu relacionas aquela prática [alto rendimento] com essa?

- ***TRAJETÓRIA NA LIGA***

- Como descobriu a Liga e o Moinhos? O que veio primeiro?
- Por quais equipes passou?
- Quanto tempo está na Liga?
- Porque jogar na Liga? Um campeonato nesses moldes?
- Jogaria em outra Liga? Por quê?
- Quando você sai satisfeita de uma rodada? Na volta pra casa, o que tu pensas que te faz sentir satisfeita?

- ***PERFIL DE JOGADORA***

- Se você fosse convidar alguém para entrar no Moinhos, como seria essa pessoa?
- Que atitudes de alguma mulher te incomodam?
- Há anos atrás pediram para uma das mulheres de Lajeado se retirar e me parece que isso aconteceu com outras pessoas, pelo jogo destoar de grande parte do grupo, me parece que houve uma mobilização para “retirar” a Priscila, do Fortaleza, o que tu acha disso?
- Porque as gurias (exemplos) saíram do time?

- ***A EQUIPE***

- Quando você sai satisfeita de um treino? Jogaria sem treinar?
- Como foi escolhido o último treinador? Por quê?
- Porque o Moinhos e não outro time?
- Parou de jogar alguma vez?

- Que lugar o grupo ocupa na tua vida?

- ***A EQUIPE NA LIGA MASTER***

- Como tu vês as equipas que fazem parte da Liga?

- Qual a diferença com as outras equipas que participou, em particular?

- Existe diferença entre as equipas? (provocar o contraste)

- Há alguma equipa que você não gosta de jogar? Por quê?

- Hoje, mudaria de equipa?

- Onde tu posicionarias o Moinhos na Liga? isso te faz alguma diferença quando vais para uma rodada?

- O que é um bom jogo?

- Como é o jogo em que tu saís satisfeita de quadra?

- Já saí irritada de quadra? O que aconteceu?

- ***RELAÇÃO ENTRE TRABALHO/FAMÍLIA/LAZER***

- Como tu organizas tua vida para manter-se no grupo, na Liga?

- Como as pessoas que estão perto de ti, que não jogam na Liga, veem teu envolvimento com ela?

- As meninas do grupo são do teu círculo de amizades?

APENDICE F
Entrevista E – Roteiro

• ***A LIGA MASTER***

- Como começou a Liga?
- Quando e como a Mega Vôlei começou a fazer parte da Liga?
- Quem tem o regulamento?
- Sobre o que era a última reunião? Quem participou dela?
- Qual teu contato com as coordenadoras?
- Qual tua relação com a Joana?
- Tenho observado que há uma intenção de “colocar as coisas no papel”? Por quê?

• ***TRAJETÓRIA NA LIGA***

- Atuou como treinador? De quais equipes?
- Se não fizesse parte da arbitragem trabalharia como treinador de alguma equipe? Tem alguma preferência?

• ***PERFIL DE JOGADORA***

- Qual o perfil de jogadora da Liga?
- Existiu um movimento de “retirar” a Priscila, assim com uma mulher de Lajeado hoje não joga mais, o que você acha disso?

• ***A EQUIPE NA LIGA MASTER***

- Existe diferença entre as equipes?
- Isso faz diferença na arbitragem?
- O que um árbitro precisa ter para apitar a final?
- Como você vê o Moinhos na Liga?

• ***RELAÇÃO ENTRE TRABALHO/FAMÍLIA/LAZER***

- A participação na arbitragem da Liga faz parte do teu orçamento familiar?
- O que você faz no teu lazer?

• ***ARBITRAGEM***

- És federado pela FGV? Isso é importante para quem?

- Já te cobraram a qualificação dos árbitros?
- Existem reciclagens? Como elas acontecem?
- Como é arbitrar na Liga?
- Como seleciona os árbitros?
- Depois de um episódio não vi mais um arbitro na Liga Master, por quê?
- O que é uma situação de cartão amarelo?
- Já deu algum cartão vermelho? Por quê?
- Como são as regras? Provocar o *uso do bom senso*
- Quem reclama da arbitragem? Existe um perfil?

ANEXOS

ANEXO A
LIGA MASTER FEMININA
REGULAMENTO GERAL

ANO: 2012

Art. 1º – Dos Objetivos.

a) A Liga Master Feminina, tem como finalidade principal congregar as equipes, e dar incentivo à prática do voleibol às atletas participantes;

Art. 2º - Da comissão Organizadora.

a) O campeonato é organizado da seguinte forma:

- Uma coordenadora geral representando todas as equipes participantes;
- Uma empresa responsável pela organização técnica da competição;
- Um conselho arbitral que julga questões em caráter de urgência ou omissa a este regulamento, e formado pela coordenadora geral, e coordenadoras de outras equipes escolhidas previamente, formado no ano de 2012 pelas representantes das seguintes equipes: Master Light, Vale Master, CSSGAPA e Zona Sul.

Art. 3º - Das Equipes Participantes.

a) Para um bom desenvolvimento da competição, está estipulado um número máximo de 12 equipes participantes, podendo futuramente este número ser alterado para mais ou para menos, conforme interesse das equipes que já participam da competição atual;

b) Novas equipes podem solicitar sua participação através de contato telefônico, e-mail, ou de corpo presente.

c) O critério de participação de novas equipes nesta liga é feito através de convite, após análise e em consenso com as equipes que já participam do campeonato;

Art. 4º – Das Disposições Preliminares.

- a) Os jogos serão regidos pelas regras oficiais da Confederação Brasileira de Voleibol, salvo a regra das substituições, onde na Liga Master Feminina, serão permitidas até 12 trocas por equipe durante os sets de uma partida.
- b) A arbitragem será de responsabilidade da empresa Mega Vôlei Esportes, onde cabe a mesma manter sua equipe apita a comandar as partidas, interpretar as regras, e trabalhar para um bom desenvolvimento da competição.

Art. 5º - Do Campeonato.

- a) A fórmula do campeonato, bem como, a tabela de jogos, a aferição dos resultados, e a postagem dos mesmos, ficará ao cargo da empresa Mega Vôlei Esportes.
- b) O campeonato divide-se em duas fases distintas durante o ano corrente, sendo cada fase dividida em cinco etapas.

Art. 6º - Das Partidas.

- a) As partidas serão disputadas na melhor de três sets;
- b) Os dois primeiros sets serão disputados em 25 pontos, devendo haver 02 pontos de diferença para que se vença o set;
- c) O terceiro set será disputado em 15 pontos, devendo haver diferença de 02 pontos para que se vença o set.

Art. 7º – Da Fórmula de Disputa (1º sem / 2012).

- a) A fórmula de disputa quatro primeiras etapas será das 12 equipes jogando entre si (todos contra todos).
- b) Até a 4ª etapa as equipes serão classificadas do 1º ao 12º lugares pelo seguinte sistema de pontuação:
 - Vitória por 2x0 = 4 pontos.
 - Vitória por 2x1 = 3 pontos.
 - Derrota por 1x2 = 2 pontos.
 - Derrota por 0x2 = 1 ponto.
 - W.O – 0x2 = 0 pontos.

c) O sistema classificatório obedecerá aos seguintes critérios em caso de empate entre as equipes:

- 1- Sets average;
- 2- Pontos average;
- 3- Confronto direto.

d) Na 2ª fase, durante a 5ª etapa as equipes farão os seguintes cruzamentos:

1º colocado	x	12º colocado
2º colocado	x	11º colocado
3º colocado	x	10º colocado
4º colocado	x	9º colocado
5º colocado	x	8º colocado
6º colocado	x	7º colocado

e) Os cruzamentos finais aconteceram da seguinte forma:

- Triangulares entre os vencedores;
- Triangulares entre os perdedores.

Art. 8º - Premiação.

- a) Serão premiadas as três melhores equipes de cada semestre;
- b) A premiação será de 15 medalhas por equipe, e 01 troféu para a equipe 1ª colocada.
- c) Será confeccionado um troféu principal que ficara em definitivo com a equipe que vencer a competição por três semestres consecutivos, ou alternados, onde após este período será confeccionado um novo troféu.

Art.9º - Das orientações quanto ao comportamento dos participantes.

- a) As equipes deverão monitorar o comportamento das suas atletas, técnicos, bem como, da sua torcida (parentes e amigos), evitando atos ofensivos às outras equipes, outras torcidas ou arbitragem, buscando sempre o espírito de da gentileza, respeito e amizade entre todos os participantes;
- b) Não será permitida a presença de pessoas estranhas à área de jogo, fora os atletas e técnicos.
- c) Cabe à arbitragem solicitar a retirada das pessoas que não fazem parte da equipe técnica e de responsabilidade da coordenadora da equipe para que a solicitação seja atendida,

onde se a mesma não for atendida, a partida ficará suspensa até o tempo do W.O, caracterizando o mesmo se a solicitação não for atendida.

Art. 10º - Das Atletas.

- a) Cada atleta deverá ter no mínimo 35 anos completos **no ano** da inscrição;
- b) As equipes classificadas de 7º ao 12º lugares, poderão ter 02 atletas com no mínimo 32 anos completos na data da inscrição que poderão estar em quadra ao mesmo tempo;
- c) As atletas inscritas no art.10º, letra b, só poderão jogar pela equipe em que foram primeiramente inscritas, devendo permanecer nas mesmas até completar os 35 anos, ou ficar fora da competição pelo mesmo período;
- d) Para efeito de migração entre equipes ao final do semestre a atleta deverá ter 35 anos completos;
- e) Cada equipe poderá inscrever no máximo 15 atletas por semestre, e apenas 12 atletas em jogo;
- f) Cada equipe poderá completar sua lista de atletas, caso não tenham completado a mesma, até a última etapa antes da fase final.
- g) As equipes deverão enviar para cada coordenador da liga a sua lista de atletas, até sete dias antes da data inicial da competição;
- h) As equipes poderão acrescentar ou retirar a inscrição de suas atletas, após o término de cada semestre, mantendo o limite de 15 inscritos.
- i) As atletas não poderão mudar de equipe durante o semestre;
- j) Critérios de penalidades aos atletas, e comissão técnica, visando manter um bom nível de comportamento entre as mesmas, e punindo as pessoas que não entrarem no espírito de confraternização da liga, definidos e julgados pela comissão arbitral:
 - 1- Não poderá participar de uma partida;
 - 2- Não poderá participar de duas partidas;
 - 3- Não poderá participar da etapa seguinte;
 - 4- Não poderá participar de duas etapas;
 - 5- Não poderá participar do semestre;
 - 6- Expulsão da liga.

Art. 11º - Das Taxas.

- a) As taxas de participação são referentes à organização e elaboração dos jogos, pagamento da equipe de arbitragem, taxa de locação de ginásio esportivo, premiação, e outras despesas referentes ao bom desenvolvimento da competição como telefone, cópias, combustível, alimentação, etc.
- b) Os valores são definidos antes do início dos semestres entre as equipes, e divididos entre as mesmas;
- c) Está estipulado que o valor cobrado ao W.O pelo não comparecimento em um ou dois jogos será R\$ 100,00, e de R\$ 300,00 por etapa;
- d) Para equipes sofram W.O pela equipe estar incompleta por um ou dois jogos, o valor da multa será de R\$ 50,00.
- e) Todas as equipes participantes deverão pagar as taxas referentes à realização do campeonato no semestre, independente das mesmas, participarem até o final do mesmo.
- f) Será feita a prestação de contas as equipes, ao final de cada semestre.

Art. 12º - Do Jantar de Confraternização.

Ficou definido que cada equipe deverá participar com no mínimo 05 das suas inscritas no jantar de confraternização organizada no final de cada semestre;

No ano de 2012, fica definido que o jantar deverá custar R\$ 20,00 como valor mínimo, e R\$ 25,00 como valor máximo por pessoa;

Se a equipe não puder comparecer ao jantar de confraternização, deverá colaborar com o valor de R\$ 125,00, valor máximo cobrado por cinco pessoas estipulado em 2012, valor repassado diretamente a equipe organizador a do jantar.

Cada equipe deverá confirmar 15 dias antes da data estipulada para o jantar de confraternização, o número de atletas participantes do mesmo, feita a confirmação do número de pessoas, deverá ser pago o valor total ao número de pessoas confirmadas.

Art. 13º - Das Disposições finais.

Direito de Imagem: Os participantes concordam em ceder à organização dos jogos, graciosamente, os direitos de imagem e conexos para possível uso da mídia em geral.

A Liga Master Feminina, bem como, seus representantes e participantes, não se responsabiliza por acidentes que venham a ocorrer antes, durante e após os jogos com atletas, técnicos, árbitros ou qualquer outro participante da liga.

Cabe a cada equipe, bem como, seus atletas serem responsáveis pela sua condição física e condição de saúde para participar das partidas.

As informações gerais quanto ao desenvolvimento dos jogos, equipes participantes, tabela de jogos, tabela de classificação, regras e históricos do campeonato, poderão ser vistos no site: www.megavolei.com

Artigo Único

Os casos omissos a este regulamento serão resolvidos em reunião entre o conselho arbitral, ou entre as representantes das equipes durante as etapas, em local, data e horário avisados com antecedência, podendo as equipes que não puderem ser representadas passar sua representação a outra equipe.